

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Mario Henrique de Campos Ramalho

**Entrefolhense Ausente frente a América radicalizada:
Trajetórias de migração internacional a partir do Vale do Rio Doce - MG**

Juiz de Fora
2025

Mario Henrique de Campos Ramalho

**Entrefolhense Ausente frente a América radicalizada:
Trajetórias de migração internacional a partir do Vale do Rio Doce - MG**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra.

Juiz de Fora
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ramalho, Mario Henrique de Campos.

Entrefolhense Ausente frente a América radicalizada : Trajetórias de migração internacional a partir do Vale do Rio Doce - MG / Mario Henrique de Campos Ramalho. -- 2025.

124 p. : il.

Orientadora: Rogéria Campos de Almeida Dutra

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2025.

1. Mobilidade transnacional. 2. Condição migrante. 3. Linhas de Vida. 4. Walkscapes. 5. Securitização. I. Dutra, Rogéria Campos de Almeida, orient. II. Título.

Mario Henrique de Campos Ramalho

**Entrefolhense Ausente frente a América radicalizada:
Trajetórias de migração internacional a partir do Vale do Rio Doce - MG**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em 11 de setembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Leonardo Francisco de Azevedo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Gustavo Tentoni Dias
Universidade Estadual de Montes Claros

Dedico este esforço de pesquisa aos trabalhadores e trabalhadoras cuja necessidade fez caminhar pelo mundo em busca de dias melhores. Que possam algum dia desfrutar da prosperidade que seu suor e juventude ajudam a construir.

AGRADECIMENTOS

Diante da conclusão deste ciclo, expresso minha profunda gratidão a todos que tornaram esta jornada possível: àqueles que ofereceram suporte, aos que compartilharam seu conhecimento e, de modo especial, aos que confiaram a mim suas histórias. Gostaria de iniciar destacando o papel da Universidade Federal de Juiz de Fora, espaço de formação, vivência e construção intelectual, cujo acolhimento e ambiente estimulante foram decisivos. De igual importância, registro meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo indispensável apoio financeiro. A bolsa de estudos foi essencial para a dedicação integral a este projeto, representando um compromisso público vital com a ciência e a pós-graduação no país.

A orientação recebida até aqui foi um farol indispensável, portanto Professora Rogéria Campos de Almeida Dutra, minha orientadora, expresso minha mais profunda gratidão. Sua dedicação, sensibilidade, e sua capacidade de guiar com paciência e clareza foram determinantes. A confiança no trabalho especialmente nos momentos de incerteza, foi um impulso fundamental e sei que posso agradecer aqui em nome de cada orientando que teve o prazer e a sorte de poder contar com a seu apoio e experiência. Aos amigos que generosamente se envolveram nas reflexões, oferecendo suas perspectivas, questionamentos e insights, meu caloroso abraço. Vocês foram críticos generosos e provocadores de ideias essenciais. Este trabalho carrega as marcas dessa inteligência aguçada, da generosidade em dividir o próprio repertório e, sobretudo, da cumplicidade de quem pensa junto. Obrigado por tornarem a pesquisa menos solitária e infinitamente mais rica. Estendo este mesmo agradecimento àqueles que se disponibilizaram para compor a bancas de avaliação durante a qualificação e defesa, os professores Leonardo Azevedo e Gustavo Dias cujas contribuições na banca de qualificação ajudaram a construir o trabalho agora apresentado.

De forma absolutamente central, aos interlocutores desta pesquisa, que tão gentil e generosamente aceitaram participar, compartilhando seu tempo, suas experiências e suas perspectivas. Agradeço profundamente pela abertura com que receberam as inquirições, pela riqueza de tudo aquilo que me foi oferecido em cada uma das entrevistas e pela paciência demonstrada. Vocês foram co-construtores do

conhecimento aqui produzido. A responsabilidade ética e analítica de representar suas vozes e contextos com o devido respeito e rigor foi um dos aprendizados mais profundos desta jornada.

No âmbito pessoal, que sustenta e dá sentido à caminhada, encontro pilares fundamentais. À minha companheira, Layla, todo o meu amor e gratidão. Sua presença seu apoio foram um porto seguro nos momentos mais intensos; obrigado por suportar minhas ausências necessárias, as ansiedades próprias da reta final, e tantas outras ansiedades que precederam estes momentos e por acreditar em mim mesmo quando a estrada parecia obscura. Aos meus familiares, e em especial aos meus irmãos João Paulo e a Paula Vitória, cuja distância jamais foi capaz de arrefecer os laços. E a Luciana e ao Paulo, meus pais, para quem todas as palavras parecem sempre pequenas. Obrigado pelo amor incondicional, pelos sacrifícios ao longo de toda a minha formação, pelos valores de integridade e perseverança que me ensinaram, pela base que sempre me ofereceram, e sobretudo por nossa história. Dedico este trabalho a vocês, com todo o meu carinho.

Este percurso exigiu para além do rigor intelectual, abertura ao diálogo e a confiança depositada por muitos; encerro esta etapa com a consciência de que o conhecimento produzido é um legado partilhado. Graças a cada um de vocês, posso trazer a público estas contribuições.

“E ele sempre falava com a gente: ‘Qualquiera que pase por las situaciones que estás pasando debería hacer al menos una película!’”. Jorge, Entrefolhense Ausente.

RESUMO

Interessado na experiência de deslocamento transnacional frente ao quadro de tensionamento das políticas migratórias norte americanas a partir de 2016, a presente investigação objetivou analisar processos migratórios de habitantes da região do Vale do Rio Doce, historicamente marcada pelo fluxo migratório para os Estados Unidos. Ao investigar como emigrantes internacionais, originários no município de Entre Folhas, vêm conduzindo projetos transnacionais, apuro como estes vem reconstruindo identidades e práticas sociais frente ao cenário de restrições migratórias. Observando o percurso do Brasil ao exterior, busco analisar estas práticas de mobilidade internacional como sucessões de “sobre esforços” na busca da superação de limitações econômicas e estruturais da região de origem, que fazem parte do campo de possibilidades dos habitantes da região. Através de uma metodologia qualitativa analisamos reportagens, fotografias, documentos e narrativas levantados por meio de observação participante em Entre Folhas, nos ambientes virtuais, bem como através e entrevistas com interlocutores entrefolhenses que trabalham e residem na Filadelfia. Apresento os resultados da investigação a partir de dois eixos, *walkscapes* e *linhas de vida*, de forma a enfatizar a dimensão processual da condição imigrante onde os *walkscapes* materializam lugares construídos a partir desta forma extrema de caminhar, e linhas de vida que tecem trajetórias no cenário de instabilidade jurídica, econômica e social. Os resultados demonstram que os processos analisados não são respostas individuais, mas tecnologias migratórias e estratégias que geram reinterpretções contínuas da condição migrante. As técnicas de acesso ao exterior, condicionadas por restrições legais, incidem sobre vidas migrantes em experiências que tensionam sua dignidade e sociabilidade, gerando a condição de apreensão permanente em dinâmicas que se mantêm diante da escalada *anti-immigrant* no país de destino.

Palavras-chave: Mobilidade Transnacional; Walkscapes; Linhas de vida; Securitização; Condição Imigrante;

ABSTRACT

Interested in the experience of transnational displacement in the face of tensions in North American migration policies since 2016, this research aimed to analyze the migration processes of residents of the Rio Doce Valley region, historically marked by the flow of migrants to the United States. By investigating how international emigrants, originating from the municipality of Entre Folhas, have been conducting transnational projects, I examine how they have been reconstructing identities and social practices in the face of migration restrictions. Observing the trajectory from Brazil to the outside world, I seek to analyze these practices of international mobility as a succession of "over exertions" in the quest to overcome the economic and structural limitations of the region of origin, which are part of the realm of possibilities for the region's inhabitants. Using a qualitative methodology, we analyzed reports, photographs, documents, and narratives gathered through participant observation in Entre Folhas, in virtual environments, as well as through interviews with interlocutors from Entre Folhas who work and live in Filadelfia. I present the research findings based on two axes: walksapes and lifelines. This study emphasizes the procedural dimension of the immigrant condition, where walksapes embody places constructed from this extreme form of walking, and lifelines that weave trajectories in a scenario of legal, economic, and social instability. The results demonstrate that the processes analyzed are not individual responses, but rather migratory technologies and strategies that generate continuous reinterpretations of the migrant condition. Techniques for accessing the outside world, conditioned by legal restrictions, impact migrant lives in experiences that strain their dignity and sociability, generating a condition of permanent apprehension in dynamics that persist in the face of escalating anti-immigrant sentiment in the destination country.

Keywords: Transnational Mobility; Walksapes; Lifelines; Rio Doce Valley; Immigrant Condition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagens 1	– Mapa: Taxa de emigração de brasileiros para os EUA, de acordo com o censo de 2010	28
Imagem 2	– Um EUA Agente da Patrulha de Fronteira dirige requerentes de asilo esperando entre a cerca dupla ao longo do fronteira EUA-México perto de Tijuana, México.....	53
Imagem 3	– Pessoas se reúnem em um memorial improvisado que foi erguido no local onde 53 migrantes morreram em 2022, San Antonio, Texas.....	57
Imagem 4	– Imigrantes cruzam o Rio Bravo para os Estados Unidos vindos de Matamoros, México.....	60
Imagem 5	– Migrantes cruzam uma cerca de arame farpado perto de um muro de fronteira às margens do Rio Grande, visto de Ciudad Juárez, México.....	65
Imagem 6	– Escudo do clube de futebol Entrefolhense Ausente.....	67
Imagem 7	– Banner retirado do site da Prefeitura Municipal do município.....	89
Imagem 8	– - Multidão de imigrantes tenta cruzar o Rio Grande, no Texas.....	92
Imagem 9	– Mulheres e crianças em celas para imigrantes em Douglas, Arizona, em setembro de 2015.....	94
Imagem10	– Estátua do Rock Balboa.....	96
Imagem11	– Mapa do Condado de Filadélfia destacando o nordeste da Filadélfia.....	98
Imagem12	– Casa produzida na carpintaria americana.....	100
Imagem13	– Atividades no grupos do Whatsapp.....	103
Imagem14	– Postagem veiculada nos grupos de Whatsapp nos meses de campanha eleitoral.....	105
Imagem15	– Migrantes se organizam em Ciudad Juárez, no México, próximos à fronteira com os EUA.....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Emigrantes internacionais segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação das pessoas com que residiram antes de emigrarem – Por Microrregião.....	27
Tabela 2	– Método, rota e idade no momento da travessia dos interlocutores.....	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DHS	Department of Homeland and Security
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICE	Immigration and Customs Enforcement
INS	Immigration and Naturalization Service
IOM	International Organization for Migration
MPI	Migration Policy Institute
UN	United Nations
CBP	Customs and Borders Protection
USCIS	United States Citizenship and Immigration Services

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 “ENTRE FOLHAS, MINAS, BRASIL, MUNDO”: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE MOBILIDADES E CONEXÕES TRANSNACIONAIS.....	17
1.1 Mobilidade internacional no Vale do Rio Doce.....	25
1.2 Da condição migrante a análise de trajetórias:Proposta de abordagem.....	29
1.3 Prática de pesquisa: percurso, análise e apresentação.....	33
2 DO GERENCIAMENTO DE FRONTEIRAS À RADICALIZAÇÃO DO DISCURSO.....	41
2.1 Processos de securitização e os limites das práticas dissuasórias.....	44
2.2 Donald Trump: Rupturas e Continuidades	50
2.3 Mudanças estratégicas e percepções acerca da tecnologia da migração.....	54
2.4 Trajetórias Migratórias em um Contexto de Instabilidade.....	58
2.5 Cai-cai, Darien e externalização de fronteiras.....	61
3 ENTREFOLHENSE AUSENTE E EXPERIÊNCIA DA AMÉRICA RADICALIZADA	67
3.1 Notas sobre a realização de um sonho pálido e custoso	69
3.2 Linhas de vida: agência, situação, condução	71
3.2.1 Família Oliveira, pedido de Asilo como um tipo de Projeto Coletivo.....	74
3.2.2 Júlio, juventude e paternidade nos Estados Unidos.....	76
3.2.3 Walto, projeto e a provisoriedade da condição migrante.....	79
3.2.4 Família ribeiro e o fiote.....	81
3.2.5 Jeferson, fronteiras externalizadas e novos percursos.....	84
3.3 Walkscapes migrantes, do background às ressignificações.....	86
3.3.1 Entre Folhas como background: migração como alternativa.....	87
3.3.2 Fronteiras: entre tudo o que está aqui, e o que está lá	89
3.3.3 This is America: experiência estética de uma nova condição.....	92
3.3.4 Filadelfia: interação e integração em outros ares.....	96
3.3.5 Walkscapes digitais: intercâmbios, habitações e participação política.....	100
3.4 Outras sociabilidades: o desafio da reconstrução.....	105
4. ENTRE OS DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA INVESTIGAÇÃO TRANSNACIONAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE <i>ESCUTA PARTICIPATIVA</i> , <i>AGÊNCIA E MOVIMENTO</i>	108

4.1 Antropologia e movimento na apreensão da condição migrante.....	110
5. REFERENCIAS.....	113
6. ANEXOS.....	120

INTRODUÇÃO

A campanha eleitoral de Donald Trump em 2016, bem como sua eleição e recente reeleição, ajudaram a instituir novos modelos de gestão fronteiriça alicerçados no isolamento radical dos países do norte global, fazendo da segunda década do século XXI um momento chave para tratarmos de transformações nos regimes de controle migratório. Materializado em muros, fronteiras expandidas, deportações hiper veiculadas e uma retórica que eleva os imigrantes à categoria de ameaças existenciais, o novo paradigma da gestão migratória manifesta na administração Trump I e II sua forma mais explícita. Ao desvelar as expressões materiais e discursivas desta arquitetura securitária, é possível discutir importantes contradições inerentes à governabilidade das mobilidades contemporâneas. É neste terreno que se situa o presente trabalho, cujo objetivo é examinar, de forma específica, o impacto dessas barreiras na reconfiguração e complexificação dos percursos migratórios.

Essa dinâmica adaptativa, própria das mobilidades possíveis aos indesejáveis, manifesta-se também no deslocamento de brasileiros para os Estados Unidos. A partir de uma conjuntura de radicalização das políticas migratórias nos Estados Unidos e do robustecimento das mobilidades legítimas embora clandestinas, especialmente entre brasileiros, emerge a questão nuclear que orienta esta investigação: *Como os agentes que experimentaram condições de irregularidade em seu processo migratório assimilam a radicalização progressiva das políticas norte-americanas de combate à imigração, e a consolidação de um clima hostil a pessoa imigrante?*

O desenvolvimento de uma pesquisa orientada por este interesse exigiu, contudo, um arcabouço teórico-metodológico que fosse capaz de trabalhar com escalas diversificadas. A oportunidade de contribuir com a presente discussão me ocorreu após o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF em 2023. Sob orientação da Profa. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra, trabalhei na construção de uma proposta de investigação atenta as condições e impressões experienciadas pela pessoa migrante. Neste ambiente, consolidou-se a escolha do Vale do Rio Doce em Minas Gerais e do município de Entre Folhas como lócus privilegiado a partir do qual seria possível também descentrar o olhar de polos emigratórios tradicionais na região, como Governador Valadares e Ipatinga, e iluminar dinâmicas invisibilizadas da emigração.

Na região do Vale do Rio Doce, Minas Gerais, a emigração internacional se apresenta de forma significativa; quatro entre as sete microrregiões que compõe este complexo estavam entre as trinta microrregiões com o maior número de emigrantes nos Estados Unidos no censo 2010 (IBGE, 2010), evidenciando que a emigração para os Estados Unidos consolidou o empreendimento migratório transnacional como uma estratégia bastante mobilizada diante do colapso dos modelos produtivos historicamente estabelecidos nas microrregiões referidas (siderurgia em cidades como Ipatinga, e agricultura familiar na maioria dos municípios adjacentes). Dos polos regionais como Ipatinga e Governador Valadares aos municípios predominantemente agrícolas em sua produção como Inhapim, Vargem Alegre e Tarumirim, Capitão Andrade, Entre Folhas e tantos outros na região, vão sendo tecidas as redes que convertem a asfixia econômica local em um tipo de conhecimento prático de evasão da região de origem e neste sentido tornando pertinente a ampliação da investigação sobre fenômenos migratórios transnacionais e suas implicações sobre os habitantes de localidades com este perfil.

A pesquisa foi desenvolvida entre fevereiro de 2024 e julho de 2025, e foi organizada em três etapas complementares. A fase inicial, concluída na qualificação em agosto de 2024, dedicou-se à mobilização do arcabouço teórico que integra a base teórica desta abordagem. A etapa subsequente, entre setembro de 2024 e maio de 2025, foi dedicada a realização do trabalho de campo: quatro meses de observação participante no município de Entre Folhas, a condução de um trabalho de netnografia em redes sociais e grupos de Whatsapp com o perfil pesquisado, e entrevistas em profundidade realizadas entre dezembro de 2024 e maio de 2025 com interlocutores residentes em Filadelfia; estas etapas produziram um corpus diversificado de material composto por narrativas biográficas, registros etnográficos, fotografias, reportagens e transcrições de nossas interações. A última fase, que corresponde a análise do material levantado no campo e a construção da presente dissertação foi iniciada paralelamente ao período das entrevistas em função da necessidade de transcrição do material o que favoreceu a imersão nesses registros; esta etapa foi sucedida pela articulação das dimensões local (Entre Folhas), digital (redes) e transnacional (Filadélfia) para discutir de que forma incidem as políticas securitárias sobre os

indivíduos e como apreendem a condição imigrante diante de uma América radicalizada¹.

A estrutura desta dissertação busca articular estas escalas de análise através de três movimentos. O primeiro capítulo, intitulado "Entre Folhas, Minas, Brasil, mundo: mobilidades e conexões transnacionais", foi desenvolvido em três seções interligadas: A primeira, estabelece os fundamentos teóricos que conectam esta pesquisa ao debate antropológico das mobilidades, a segunda examina o fenômeno migratório no Vale do Rio Doce, com ênfase nas particularidades de Entre Folhas como microcosmo das tensões entre colapso econômico e culturas migratórias; e por último, expõe detalhadamente as orientações metodológicas que fundamentam investigação e a caracterização dos procedimentos de pesquisa mobilizados.

No capítulo seguinte, "Do gerenciamento de fronteiras à radicalização do discurso", busco resgatar o processo histórico que enreda a escalada securitária norte-americana na gestão da migração. Mobilizo neste interim as deliberações acerca da gestão da migração nos Estados Unidos acatadas a partir dos anos 1990, a consolidação e manutenção do aparato de vigilância integrada representado pelo Department of Homeland And Security e as agências sob sua responsabilidade, criados após os eventos de 11 de setembro de 2001, bem como sua relevância enquanto aplicadores das políticas de estado no campo da migração. Neste sentido busco destacar as rupturas e continuidades das políticas de dissuasão e localizar as transformações da era Trump em um *continuum* de negação de direitos que assume a forma mais explícita e radicalizada em seu governo, mas que mobiliza estruturas e mecanismos implementados ao longo de mais de 15 anos de políticas públicas para a promoção da chamada segurança interna. Em sequência busco tratar das incidências da radicalização do discurso anti-immigrant cancelado pela vitória de Trump nas eleições de 2016, para isto analiso aspectos das retórica presidencial e institucional, das práticas de deportação e dos relatórios de organizações de direitos

¹ Esta expressão será mobilizada ao longo da dissertação para caracterizar este período de avanço das políticas contra os imigrantes nos Estados Unidos, pautado no discurso que criminaliza ou desqualifica a presença dessas populações. Diante dessas práticas de atores políticos de grande visibilidade a hostilidade contra populações vulneráveis é de muitas formas normalizada. Esse tipo de discurso foi, e segue sendo veiculado principalmente pelo duas vezes presidente eleito D. Trump.

humanos, discutindo como essas abordagens convertem corpos migrantes em alvos institucionais e reconfigura os próprios contornos da irregularidade.

No terceiro capítulo, "Entrefolhense ausente e experiência da América radicalizada", apresento os resultados da análise das trajetórias migrantes do trabalho de campo em dois eixos: as linhas *de vida*, apropriadas a partir da antropologia de Tim Ingold, e os *walkscapes* inspirados na obra homônima do arquiteto Francesco Careri. Estes eixos são mobilizados para tratar dos dados coletados no trabalho de campo, reconstituindo tanto as trajetórias biográficas sob pressão quanto as paisagens experimentadas por estes entrefolhenses em deslocamento transnacional, a escolha deste desenho pretende apresentar dimensão processual na apreensão da condição migrante, constituída não de forma imediata, mas desenvolvida ao longo de novas trajetórias marcadas pela vulnerabilização, proliferação das barreiras de integração da pessoa migrante ao país de destino e pela necessidade de assumir decisões contingenciais para continuar a tocar o projeto migratório. Por fim, sintetiza dialeticamente essas evidências para mostrar como transformam restrições em novas práticas. As considerações finais, então, extraem as lições epistemológicas deste percurso, demonstrando como as práticas cotidianas de reinvenção nas frestas do sistema.

1. “ENTRE FOLHAS, MINAS, BRASIL, MUNDO”: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE MOBILIDADES E CONEXÕES TRANSNACIONAIS

O tema da migração preenche de forma progressiva a agenda dos países do norte global. Diante da notória intensificação dos discursos securitários e a proliferação de novas táticas de gerenciamento de fronteiras, a discussão sobre mobilidade humana se transforma em um campo de intensa disputa política; a emergência da *questão migratória*, coaduna práticas, números e discursos, observamos países receptores de grande volume de imigrantes internacionais se posicionarem de forma muito favorável a utilização de abordagens predominantemente restritivas dos deslocamentos: o indiciamento de pessoas que realizaram migração também conhecido como *crimmigration* (Stumpf, 2006), a externalização de fronteiras (Iturralde, Piñeiro, 2021; Pombo, 2022), e mais recentemente práticas de deportação acelerada (2025); são medidas dos estados-nacionais que integram o *know-how anti-immigrant*, popularizado nos discursos de agentes políticos de ampla visibilidade nos últimos anos.

A ampliação do número de migrações sul-norte no atual panorama se torna sinônimo de crise para alguns e de sobrevivência para outros; enquanto o trânsito do terceiro mundo e de refugiados econômicos, climáticos, humanitários e políticos ao centro do capitalismo ganha outras narrativas, segue também produzindo novas incidências sobre as experiências concretas dos sujeitos que através de jornadas migratórias (Domenech, 2015), reivindicam a segurança e o direito a participar de dinâmicas globais de riqueza e conhecimento.

Longe de ser um fenômeno linear ou homogêneo, o movimento das pessoas através das fronteiras nacionais expõe um campo de forças profundamente desigual, que exige análises críticas sobre os significados e a materialidade deste trânsito transnacional. Se, por um lado, a circulação de capitais, mercadorias e informações se intensifica e se espalha de forma quase natural para além das fronteiras, por outro, a mobilidade humana segue seletivamente restrita mesmo diante de um quadro profundamente *globalizado*. As fronteiras integram esta dinâmica como instrumentos de filtragem e mais, se tornam zonas de negociação, que não apenas separam, mas também são capazes de produzir novas interações (Iturralde, Piñeiro, 2021; Domenech, 2015, Pombo, 2022). O migrante contemporâneo, cuja jornada é

simultaneamente possibilitada e constrangida por dinâmicas sobretudo internacionais torna-se uma figura paradigmática das contradições manifestas na globalização; o sujeito e agente em um cenário profundamente desigual, negocia sua existência física e simbólica em um terreno móvel que exige plasticidade e reflexividade.

Uma proposta de investigação sobre fenômenos intimamente relacionados a esta condição globalizada, como é de interesse do presente trabalho, exige o estabelecimento de um substrato a partir do qual possamos discutir a natureza das implicações sobre os indivíduos e sobre o significado atribuído as relações nas quais se encontram. As tensões entre os deslocamentos e permanências, a integração e exclusão, identidade e alteridade presentes ao suscitarmos as mobilidades contemporâneas nos impulsionam a repensar o referencial teórico diante de um campo de lutas e reinvenções que exige rigor analítico e engajamento ético. Prosseguimos com um referencial notoriamente interdisciplinar para que seja possível sustentar as perspectivas e procedimentos que discutiremos posteriormente, entre os autores mobilizados com esta finalidade incluo as contribuições de Wallerstein (1976), Harvey (1989), Appadurai (1996), Ribeiro (2011) e Hall (2006).

Wallerstein (1976), ao analisar a condição globalizada interpreta-a como parte da expansão do sistema-mundo capitalista, enfatiza a produção de desigualdades estruturais entre centros, periferias e semiperiferias – hierarquias geoeconômicas como um fator que favorece a perpetuação de determinada divisão internacional do trabalho. Sob esta análise, as assimetrias de poder não são acidentais, mas inerentes ao processo de acumulação capitalista. De maneira quase complementar as contribuições de David Harvey (1989) advindas de outro campo disciplinar, definem a globalização como um processo de reorganização radical do espaço e do tempo, impulsionado sim pelo atual desenvolvimento do capitalismo, mas que produz uma determinada percepção de compressão do tempo e do espaço, onde a distância entre pessoas, informações e recursos se torna menos limitante da ação humana.

A partir da leitura de Harvey, Gustavo Lins Ribeiro (2011) argumenta que o aumento da complexidade e eficácia da compressão do tempo espaço torna cada vez mais complexa a circulação de pessoas, coisas e informações, em escala global, tanto quanto a influência do que não está aqui, aqui. A globalização, sob este prisma, é um mecanismo de acumulação flexível que define geografias de poder, e as mobilidades se mostram ainda mais significativas que o dado acerca do deslocamento espacial.

É possível, portanto, abordar esse monumental complexo de relações presentes no campo da mobilidade internacional através da atenção aos movimentos de determinados agentes nesta rede de interdependências desiguais, onde a expectativa da imobilidade de determinados grupos integra a condição estrutural do capitalismo flexível:

Ao perceber que o encolhimento do 3 é uma obra de agentes e tecnologias reconhecíveis, pode-se propor fazer a etnografia dos lugares, agentes e agências responsáveis por tal encolhimento ou dele partícipes. Ribeiro, 2011, p. 9

As reflexões de Arjun Appadurai (1996) complementam este quadro teórico através do mapeamento de fluxos descontínuos que compõem a globalização sob a perspectiva das complexificação das paisagens. As *ethnoscapes* evidenciam que os migrantes não são apenas vítimas passivas, mas agentes que transformam tanto as sociedades de destino quanto as de origem, produzindo diásporas transnacionais e culturas híbridas; Ribeiro (2011) por sua vez defende a produção de uma antropologia capaz de tratar da globalização a partir das condições experimentadas por seus *habitantes*.

ao mesmo tempo em que se trata de uma abstração, o sistema mundial existe concretamente através das operações realizadas pelos agentes sociais que nele "habitam". Desta forma, é possível fazer sua reconstrução histórica ou etnográfica, ainda que a partir de experiência parciais, através do estudo de seus agentes reais. Ribeiro, 1992 *apud*. 2011, p. 9

As mobilidades neste panorama de fenômenos mundiais, desafiam a disciplina antropológica e as ciências sociais de uma forma geral a desenvolver novas construções teóricas que sejam capazes de capturar não apenas os deslocamentos populacionais, mas interrogar de quais formas é possível atribuir novos significados, negociar identidades, resistir a marginalizações em contextos de desterritorialização e deslocamento transnacional (Sayad, 1999; Hall, 2006;). Stuart Hall (1992), propõe que a identidade não seja um dado, mas uma produção estratégica. Podemos pensar a migração através de uma perspectiva que esteja atenta a estas identidades deslocadas e ao tipo de narrativas que estejam efetivamente em disputa, no entanto precisamos estar atentos como esses agentes convivem com a tarefa mais que complexa de se adaptar para (re)construir pertencimentos e possíveis entendimentos a respeito de sua condição em meio a regimes de fronteira e políticas de hostilidade institucional.

Pensar a construção de abordagens estrategicamente situadas (Marcus, 1995,106) é um importante exercício na condução de investigações antropológicas em contextos transnacionais, permitindo acompanhar percursos migratórios e conectar os diversos espaços atravessados pelos sujeitos. Essas abordagens possibilitam mapear as estratégias cotidianas mobilizadas na condução do que denominamos 'projeto migratório', captando experiências que desafiam narrativas hegemônicas sobre desenvolvimento, segurança e cidadania. Ao desnaturalizar noções amplamente difundidas como 'crise migratória' ou 'peso econômico da população migrante', tais abordagens evidenciam como essas supostas crises são, na verdade, manifestações das contradições do sistema global. As mobilidades humanas, assim analisadas, apresentam-se como espelho de assimetrias globais e potencial espaço de reinvenção política. Através o emprego de metodologias estrategicamente situadas e da escuta participativa (Forsey, 2011) junto a esses agentes sociais, torna-se possível investigar tanto os regimes migratórios hostis quanto os significados e representações (Geertz, 1973) que os migrantes atribuem a suas experiências.

A construção da figura do migrante internacional adquiriu contornos críticos após as eleições presidenciais norte-americanas de 2016. Nesse período, os imigrantes indocumentados particularmente aqueles oriundos da América Latina transformaram-se em elementos centrais do discurso dos presidenciáveis, mantendo-se no cerne do debate público sem avanços significativos para políticas de regularização. Esta centralidade do combate a imigração se fortaleceu nos anos seguintes à revelia de fatores incontornáveis como as contribuições econômicas dessa população e as próprias necessidades demográficas e laborais dos Estados Unidos. Esse descompasso evidencia como representações migratórias operam como *dispositivos de poder* (Foucault, 1979), dissociando retóricas securitárias de contextos sociais concretos.

Diante da ascensão de um novo radicalismo de direita (Kurz, 2020) se solidificou no ambiente político estadunidense uma ampla tolerância a discursos xenofóbicos e protecionistas, reconfigurando as questões próprias da gestão migratória em termos profundamente reacionários. Como observa Kurz (2020, p. 78), tais tendências não se limitam às margens ideológicas, mas pautam o debate e "deslocam todo o espectro político", contaminando até mesmo o centro moderado e gerando uma transformação estrutural no clima político-ideológico. Esse fenômeno,

observável a olho nu na política americana, não apenas empobreceu o debate público durante as eleições de 2016, mas também espetacularizou a questão migratória nos pleitos subsequentes, reduzindo a importância da questão a um elemento de polarização. A proliferação dessas abordagens em múltiplos campos sociais, desde políticas de fronteira até narrativas midiáticas, mostra sua capacidade de ressignificar valores democráticos sob uma lógica securitária e excludente.

sendo suficientemente grandes para deslocar todo o espectro político ideológico e para se reproduzirem não só na “margem direita”, mas também no assim chamado centro, ou mesmo em toda a classe política como uma mudança de atmosfera e de opinião, como uma mudança geral no clima político-ideológico. Kurz, 2020, p. 78

A reivindicação do papel de porta voz da ‘américa profunda’ por Donald Trump na campanha presidencial do ano de 2016 é sem dúvida um marco nas análises sobre a crise da política americana, se tornando no âmbito desta pesquisa um marco a partir do qual pensaremos o conjunto de transformações que incidem sobre as trajetórias da população imigrante. A polemização em torno da questão ocupou lugar de destaque na cultura estadunidense e criou um espaço fértil para a manifestação das pautas de orientação nativista que se tornam cada vez mais sensíveis e reacionárias, enquanto o horizonte da regulamentação e debate sobre reforma do sistema de processamento de migrantes indocumentadas que padeceu de um profundo esvaziamento. Ninguém simboliza melhor esta mudança do que o duas vezes eleito presidente, Donald J. Trump. Em 2016, o então candidato à presidência afirmava que imigrantes “ilegais” seriam cooptados a votar em Hillary Clinton (Levitsky & Ziblatt, 2018), tão absurdo quanto o fato de ter sido eleito com a promessa requeitada da construção de um muro (Ewing, 2014) na fronteira dos EUA com o México.

A fronteira sul permaneceu nos anos seguintes² povoada por milhões de pessoas que arriscaram a vida tentando atravessar de para os Estados Unidos. O muro não foi concluído e muitas medidas foram intensificadas e suspensas desde então. Entre as mais recentes, no primeiro mês de administração do governo Trump II, a hiper veiculação da busca ativa de pessoas indocumentadas (2025) para a deportação³.

² Mesmo na pandemia da COVID-19 apesar do breve arrefecimento e subnotificação no ano de 2020

³ Existe uma ampla produção que busca caracterizar os habitantes e relações possíveis na migração a partir das zonas fronteiriças, ou *borderlands* (Ewing, 2014; Chawla, 2020; Alvaréz, 1995; Rosaldo; Kearney; 1991; Hannerz 1997) mas elas não encerram a complexificação da

Nos últimos anos, mudanças significativas chamam a atenção: o perfil dos imigrantes está em transformação e o número de pessoas detidas pelas agências de controle aumenta drasticamente (Arthur, 2018; Rosen, 2019). Essas transformações confirmam a fronteira e aqueles de alguma forma são atravessados por ela como objeto de disputa, com narrativas conflitantes em luta por recursos que reverbera nacionalmente incidindo poderosamente sobre a vida das pessoas.

Formas alternativas de atravessar as fronteiras se destacaram também entre os métodos pelos quais emigrantes brasileiros acessam o território americano; uma parte do trânsito de brasileiros, é realizada à revelia das exigências da burocracia pré-migratória americana (Finn, 2017), tornando pertinente a identificação de como tais deslocamentos vem ocorrendo empiricamente (Marin, 2017). Ao final do ano fiscal de 2021 mais de 56 mil brasileiros foram detidos na fronteira com os EUA segundo o relatório anual do DHS emitido em 2022, em uma média que ultrapassa 140 detenções por dia, confirmando não apenas a persistência do fenômeno como também o aumento do número de brasileiros envolvidos por essas modalidades de traslado. A quantia de detidos nas fronteiras pelas forças de segurança norte-americanas foi superada ainda no ano de 2023 sob a administração de Joe Biden. Desde que se tornaram objeto de investigação em meados dos anos 80, emigrantes brasileiros no exterior superaram seu contingente ano a ano; observamos o Brasil, com amplo histórico de deslocamentos populacionais em sua direção, se estabelecendo também como um consistente dispersor de populações em busca de melhores condições de vida.

O Vale do Rio Doce, com sua história de êxodos econômicos, materializa muitas dessas contradições: seus habitantes são suficientemente globalizados para desejar mobilidade, mas não suficientemente privilegiados para acessá-la legalmente. O resultado é um sistema de equilíbrio desigual, onde elites, capitais, mercadorias circulam livremente enquanto os grupos indesejados são confinados a espaços de marginalidade. Nesse contexto, a emigração não é um desvio, mas sim um contínuo e custoso integrante do *campo de Possibilidades* dos habitantes desta região.

tratativa migrante no período mencionado, portanto inclui além destes trabalhos que tratem também de outras paisagens produzidas pelas práticas de migração.

campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée*. Velho, Gilberto, *Projeto e Metamorfose*. p. 14

No Vale do Rio Doce, esse processo é perceptível de muitas formas: na linguagem (reconhecimento de categorias como o “cai-cai”, ou a avaliação de rotas mais ou menos perigosas no México), nas práticas econômicas (como o uso estratégico de remessas para desenvolver pequenos negócios) e até nas relações familiares, que passam a se organizar em torno de projetos migratórios transnacionais. O que emerge é uma forma de globalização, que coexiste muito tensamente com a globalização hegemônica das elites.

Ao longo do ano de 2020 tive contato com alguns dos eventos que precederam os processos migratórios de alguns jovens entrefolhenses para os Estados Unidos através da fronteira com o México por meio de uma modalidade de traslado que ficou conhecida como “cai-cai”. A experiência migratória desses jovens, cuja proximidade tanto me instigou como observador interessado no fenômeno da migração quanto afetou enquanto sujeito ciente dos riscos aos quais estas pessoas estavam se submetendo quase em tempo real, me forneceram informações a partir das quais pude elaborar melhor meus questionamentos acerca do fenômeno e o tipo de inserção diante da amplitude do objeto.

Parte importante das análises sobre a emigração de brasileiros para os EUA é constituída à partir da análise das redes sociais estabelecidas entre estes caminhantes transnacionais (Assis, Siqueira, 2009; Biavatti, Siqueira, 2011; Fusco, 2000, 2005) confirmando uma tendência à circularidade estimulada principalmente pelo potencial de crescimento econômico (Biavatte, Siqueira, 2011; Margolis, 2013; Marin, 2017; Patarra, 2005; Pereira, 2013), e corroboradas pelos substanciais remessas econômicas enviadas para o Brasil no período analisado por cada um estes autores. Estas abordagens esclarecem aspectos relevantes do movimento de saída, como também implicações econômicas e legais da empreitada migratória e sua condução; no entanto, mediante a intensificação e transformação das mobilidades e

surgimento de novas práticas de gerenciamento nos voltamos novamente para a experiência como elemento chave da compreensão

Orientado por este interesse na experiência dos sujeitos em deslocamento e nos *Walkscapes*⁴ (Careri, 2013) produzidos em jornadas transnacionais frente ao quadro de tensionamento da política migratória norte americana, abordei trajetórias de emigrantes brasileiros que experienciaram esta conjuntura. Ao adotar esta perspectiva, pretendo não apenas descrever percursos migratórios, mas compreender como esses percursos são vividos, narrados e ressignificados. As mobilidades contemporâneas desafiam as categorias estáticas, exigindo um olhar capaz de captar sua adaptabilidade contínua frente a mecanismos de controle cada vez mais radicais. O presente trabalho teve como objetivo geral a produção de uma análise de processos migratórios de oito entrefolhenses ocorridos a partir do ano de 2016 através de suas trajetórias pelo Brasil e no exterior. Definindo as práticas de mobilidade internacional como sucessões de “sobre-esforços” individuais e familiares na busca pela superação de limitações econômicas e estruturais da região de origem, e identificando estas práticas como constitutivas de uma tecnologia difundida microrregional e regionalmente, que integra de forma persistente o *campo de possibilidades* dos habitantes e emigrantes da região analisada; e caracterizando as adaptações dos projetos migratórios decorrentes de novas condições experienciadas durante o trânsito internacional, e impactos desses eventos sobre a sociabilidade. Por fim a pesquisa também representou uma oportunidade de reflexão acerca da construção abordagens em contextos de mobilidade, considerando um objeto localizado transnacionalmente.

⁴ Francesco Careri em sua obra *Walkscapes* (2013) argumenta que o ato de percorrer um território já o modifica simbolicamente, criando paisagens efêmeras e narrativas. A partir disso propõe uma releitura histórica do caminhar como prática espacial geradora de conhecimento, sobretudo situacional. Esta compreensão do caminhar como uma experiência estética e transformadora do espaço é realizada a partir de uma produção transdisciplinar que articula antropologia, geografia humana e estudos urbanos. Me aproprio desta perspectiva no presente trabalho para caracterizar a produção do espaço por meio desta agência caminhança presente na experiência migrante que apreende novos espaços e novas condições de vida e habitação. Existe nesta investigação a necessidade de caracterizar a apreensão do espaço ao longo da vida como parte do processo de se tornar um migrante transnacional, e como parte do repertório a partir do qual é possível refletir a própria condição, em paisagens tão percorridas buscamos capturar significados que incidem e/ou são construídos sobre esta experiência.

1.1 Mobilidade internacional no Vale do Rio Doce

O Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, exemplifica essa dinâmica de modo peculiar, constituindo-se como um *laboratório migratório* onde se entrelaçam histórias locais e conexões globais. Das cidades com amplo potencial de desenvolvimento industrial (como Ipatinga, ancorada no setor siderúrgico) a municípios menos expressivos economicamente, como Alpercata, Periquito e Bom Jesus do Galho, observa-se um conhecimento difuso sobre rotas migratórias, consolidado através de redes transnacionais que operam em múltiplas escalas. Jovens dessa região, inseridos em cadeias familiares que atravessam fronteiras e gerações, veem a emigração como um projeto temporário de acumulação financeira, uma "ponte" para ascensão social (Margolis, 2013; Neves, *apud*. Marin, 2017). Contudo, a permanência nos EUA tende a se estender, muitas vezes fora de status, numa condição de provisoriedade contínua. Assim, a mobilidade internacional, longe de ser um "fluxo" naturalizado, apresenta-se como um processo estratificado, onde fronteiras físicas (como o controle migratório norte-americano) e simbólicas (o estigma das condições de irregularidade documental) se reforçam mutuamente.

Nesse contexto, o Vale do Rio Doce é simultaneamente ponto de partida e espaço de intermediação de saberes migratórios, um *nó* em redes que ligam o interior mineiro a metrópoles como Boston e Miami (Assis; Siqueira, 2009), esse conjunto de práticas produz um quadro que é muito bem sintetizada na canção da dupla Sá & Guarabyra⁵:

Nós pisamos na bola
Eles ganham em dólar
Nova iorque é mais perto
Que o sertão
Crack, rap, hip hop, rock
Walk, don't walk now
Ziriguidum tchan!
Se a viagem nos faz
Brasileiros demais
Cucarachas gerais
Na multidão
Essa ilha sem paz
Não se importa jamais
Nova York é mais perto
Que o sertão

⁵ Sá & Guarabyra é uma dupla brasileira que se consolidou como um grande artista nacional e produzindo não apenas uma obra ampla e irreverente, mas com profunda capilaridade. A produção da trilha sonora de grandes novelas com grande público como Roque Santeiro faz desses artistas

Escondidos no fundo
 Do umbigo do mundo
 John nunca se encontra com João
 Eles não se interessam
 Eles não se conversam
 Nova York é mais perto
 Que o sertão
 Ziriguidum tchan - Sá & Guarabyra
 (1990)

A migração em direção aos Estados Unidos não se reflete apenas no jornalismo e nas ciências sociais, mas também, e de forma ampla, na cultura popular. Essa difusão cultural contribuiu decisivamente para consolidar o fenômeno como uma realidade palpável e desejável. A região alcançou visibilidade enquanto um dos principais polos de emigração brasileira para os Estados Unidos ainda nos anos 1980, consolidando-se como uma das áreas de maior densidade migratória do país (Fusco, 2010; Patarra, 2005; Pereira, 2013). Esse fenômeno não é homogêneo: se Governador Valadares emerge como caso emblemático, tanto pela influência econômica do envio de recursos financeiros quanto pela persistência da prática de migração internacional, iniciado ainda nos anos 1960 (Fusco, 2000; 2005) seus efeitos irradiam-se por toda a mesorregião. Cidades como Alpercata, Bom Jesus do Galho, por exemplo, apresentam taxas de emigração comparáveis às de Valadares quando proporcionalizadas por população (IBGE, 2010). O Censo de 2010 confirma essa dispersão: quatro das sete microrregiões do Vale do Rio Doce (Governador Valadares, Ipatinga, Guanhões e Caratinga) figuravam entre as 30 do Brasil com maior número de emigrantes, evidenciando que a mobilidade transcende os núcleos urbanos dominantes.

Essa capilaridade reflete uma *prática migratória* entrelaçada em dinâmicas socioeconômicas específicas. De um lado, municípios são afetados pela mineração (seja na disponibilidade de empregos, seja por conta do rompimento da barragem do fundão no desastre em Mariana), e veem na emigração uma alternativa à precarização laboral; de outro, cidades agrícolas como Entre Folhas e Bom Jesus do Galho enfrentam o esgotamento do modelo agrícola, acelerando a busca por oportunidades no exterior. Paradoxalmente, o rastro deixado pelos migrantes retroalimenta o ciclo, tornando a partida um *rito de passagem* para parcelas da juventude local. Mesmo famílias sem parentes no exterior internalizam o discurso migratório como projeto viável, ainda que os custos humanos, da ruptura familiar aos riscos da travessia sem documentação e garantias, sejam minimizados no imaginário coletivo.

Entre Folhas situa-se no interior mineiro como centro local (Classificação IBGE Hierarquia Urbana), na vertente ocidental da serra do Caparaó, integrando a região do Vale do Rio Doce e o colar metropolitano do Vale do Aço. Embora compartilhe com cidades como Governador Valadares o fenômeno da emigração internacional, distingue-se estruturalmente pela economia essencialmente agropecuarista e reduzido dinamismo urbano. Com população de 5.179 habitantes (IBGE, 2022), o município apresenta os mais baixos índices de formalização laboral da região imediata: apenas 8% da população economicamente ativa possui vínculos formais, posicionando-o na 750ª colocação estadual nesse indicador. A precariedade econômica reflete-se ainda na renda domiciliar, com 43,2% da população sobrevivendo com até meio salário-mínimo *per capita*, contingente que o coloca na 228ª posição entre os 853 municípios mineiros. Essa conjuntura, configura um cenário distinto dos polos migratórios amplamente investigados como Ipatinga e Governador Valadares, demandando chaves analíticas específicas para compreender suas dinâmicas de mobilidade transnacional.

Tabela 1 - Emigrantes internacionais segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação das pessoas com que residiram antes de emigrarem – Por Microrregião

1	São Paulo	42.384
2	Rio de Janeiro	27.834
3	Belo Horizonte	20.238
4	Goiânia	18.653
5	Curitiba	12.504
6	Governador Valadares - MG	12.324
11	Ipatinga – MG	7.639
22	Uberlândia – MG	3.973
26	Guanhães – MG	3.547
27	Caratinga - MG	3.423

Fonte: IBGE, 2010.

O município opera sob uma economia de subsistência que estimula de muitas formas a constituição projetos de migração. Aqui a mobilidade internacional emerge como estratégia familiar de ruptura com ciclos de vulnerabilidade, essa dinâmica é agravada pela posição periférica na hierarquia urbana em uma região de ampla difusão de tecnologias de migração: como centro local sem capacidade de absorção laboral, gera diásporas para polos industriais mineiros (Vale do Aço) e a partir os anos

90 também a emigração como empreitada transnacional. Assim, o município sintetiza o *perfil da emigração interiorana*: fluxos regionais que evoluem para jornadas internacionais mediante o estabelecimento de frágeis redes de apoio, configurando um tipo de mobilidade motivado mormente por contingências estruturais.

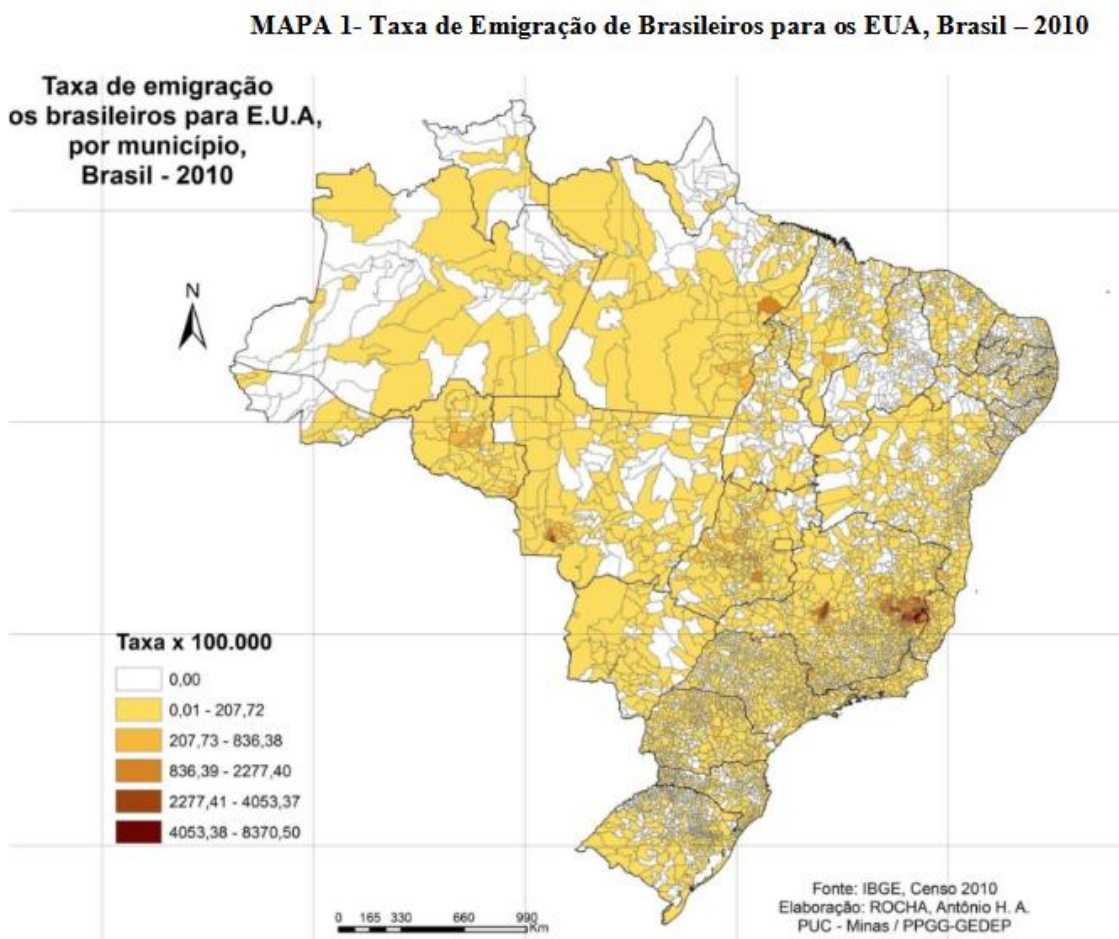


Imagem 1 – Taxa de Emigração de Brasileiros para os EUA, elaborado ROCHA, Antônio. 2010.

A economia de base agrícola deste município oferece poucas condições de empregabilidade e manutenção dos modos de vida entre aqueles residentes que ainda não estão economicamente estabelecidos, contribuindo para que parte da juventude local considere a saída do município em busca do que Delma Pessanha Neves¹¹ caracteriza como uma busca por melhores condições de Vida (Neves, apud. Marin, 2017). A busca pelo “mudar de vida” dos habitantes deste município que faz com que muitos deles se transformem, temporária ou permanentemente, em “entrefolhenses ausentes”, vem se ligando desde os anos 90 aos mesmos caminhos

da emigração internacional que interessam a esta investigação, tornando-a representativa de uma realidade que atinge amplamente a região do Vale do Rio Doce; as características do município de Entre Folhas, mencionadas nesta introdução são representativas das condições estruturais de grande parte dos municípios localizados nesta região.

A necessidade de compreender as experiências migratórias em sua complexidade é amplamente reconhecida pela literatura especializada. Marin (2017) e Pereira & Siqueira (2013) destacam que as migrações contemporâneas não podem ser reduzidas a meros deslocamentos geográficos, mas devem ser analisadas como processos dinâmicos, marcados por rupturas, reinvenções e estratégias de adaptação. Na próxima seção, apresento orientações teóricas que fundamentam a necessidade do trabalho de campo, e aspectos centrais da abordagem. A complexidade do fenômeno exige a capacidade de capturar as interações que medeiam as ações dos sujeitos ao longo do processo migratório. Para tanto, adoto as trajetórias como eixo integrador, permitindo articular dimensões macroestruturais e experienciais.

1.2 Da condição migrante a análise de trajetórias: Proposta de abordagem

A proposta parte da condição ontológica do migrante descrita por Abdelmalek Sayad (1998, 1999): a "dupla ausência" que situa o sujeito entre a exclusão no país de origem e a marginalização no destino. Essa condição paradoxal que Sayad caracteriza como um "fato social total", entrelaçando estruturas econômicas coloniais, dispositivos políticos excludentes e narrativas de criminalização exige reinterpretações identitárias constantes; pautadas pelas próprias condições, nas quais os migrantes também desenvolvem estratégias para a condução e sobrevivência de seus planos. Sayad enfatiza que a migração reflete estruturas econômicas que perpetuam deslocamentos laborais periféricos, dispositivos políticos que produzem déficits demográficos, e narrativas que criminalizam corpos móveis, apresentando a migração como um objeto de investigação dinâmico assentado entre o que acontece localmente e transnacionalmente. Ao serem operacionalizados, os *projetos* (Velho, 1994) são tensionados de forma dinâmica entre aspirações pessoais e contingências sociais.

No caso específico da emigração de entrefolhenses indocumentados, essa reformulação assume um caráter plástico. Como demonstram Marin (2017) e Biavatti & Siqueira (2011) os projetos transmutam-se taticamente, frente ao progressivo endurecimento das políticas migratórias dos EUA, essa transformação se manifesta em rotas alternativas, novas redes de apoio transnacionais e novas estratégias de documentação. A plasticidade dessas trajetórias, marcadas por desvios, retrocessos e reinvenções (Azevedo, 2018; Marin, 2019), exige a utilização de um método sensível às narrativas dos próprios migrantes.

A abordagem de Marin para o fenômeno migratório é sobretudo integrativa, e multimetodológica; se apropriando narrativas biográficas, processos de adaptação e análises de redes sociais, oferece uma visão holística das trajetórias migratórias no município de Itaparunga. Marin também chama atenção para a importância das conexões transnacionais, que permitem aos migrantes manterem vínculos com suas comunidades de origem enquanto se adaptam aos contextos de destino. Essa perspectiva é particularmente cara a esta pesquisa, e permite detalhar como esses migrantes entrefolhenses elaboram essas trajetórias entre o Brasil e o exterior, utilizando suas redes de apoio para superar desafios e alcançar seus objetivos.

O reconhecimento da história de vida neste sentido, como um recurso possível e expressivo da investigação social, oportuniza que nos apropriemos das conexões entre a origem e o destino no projeto migratório, oferecidas partir de uma linguagem sobretudo empírica de nossos interlocutores; isso implica em investigar como os elementos do município de origem (estruturas econômicas, redes familiares, experiências locais e de deslocamento) incidem continuamente as ações dos sujeitos ao longo do processo migratório. Mapear percursos biográficos, possibilita penetrar em mediadores simbólicos mobilizados ao longo do *projeto migratório*, compreendendo-o não como deslocamento pontual, mas como empreendimento identitário em permanente reformulação:

O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. Ou seja, na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais. Velho, 1994, p. 77

O conceito de *projeto*, definido por Schultz (apud. Velho, 1994) como 'conduta organizada para atingir finalidades específicas', oferece uma base a partir da qual podemos caracterizar essas trajetórias migratórias; pois elas são operacionalizadas sobretudo como projetos. Velho radicaliza essa noção de projeto porque junto a ela mobiliza também a noção de *campo de possibilidades* como mediação sociocultural que estrutura (sem determinar) a ação, evitando tanto o voluntarismo individualista quanto o determinismo estrutural. A proposta de Velho busca evitar tanto o voluntarismo individualista quanto o determinismo estrutural rígido, permitindo analisar biografias como expressões singulares de contextos históricos mais amplos. Nas migrações internacionais, essa abordagem pode ser particularmente produtiva: os projetos migratórios reelaboram-se continuamente face à precariedade laboral, hostilidade social e políticas restritivas, configurando percursos que se desdobram em campos de possibilidades limitados, mas não determinados.

Mobilizo, portanto, os conceitos de projeto e *campo de possibilidades* da obra de Velho e a noção de “dupla ausência” da obra de Sayad para a investigação das trajetórias migratórias como processos *em* transformação. Ao examinar como os migrantes de Entre Folhas negociam documentos, rotas e estratégias de sobrevivência, capturamos a dialética entre agência e estrutura: os planos iniciais transmutam-se em respostas táticas às restrições do campo, onde cada visto recusado ou rota alternativa materializa a metamorfose constante desses empreendimentos. A escolha das trajetórias de vida como eixo central desta investigação, se deve à sua capacidade de articular múltiplas dimensões das experiências (Sayad, 1998; Marinho, 2017), a noção de trajetória permite uma análise integrada e particularmente útil para entender como os migrantes negociam suas vidas entre a exclusão e a marginalização, elaborando estratégias que refletem tanto suas agências individuais quanto as restrições impostas por contextos políticos e sociais. Como demonstram Marin (2019) e Azevedo (2018), as trajetórias não são lineares, mas marcadas por desvios, retrocessos e reinvenções, o que exige um método de pesquisa igualmente flexível e sensível às narrativas dos próprios migrantes.

Considerando a construção dos significados de “ir para América” (Biavatti, Siqueira, 2011) no município e região de origem e no país de destino, bem como condução do projeto migratório do Brasil ao exterior desses entrefolhenses ausentes, tenciono analisar a prática da emigração internacional indocumentada em seu caráter

eminentemente plástico, que prossegue diante do endurecimento das políticas de regulamentação de entrada nos Estados Unidos, em um regime cuja estreiteza desqualifica grande parte dos pedidos de visto de trabalhadores na região. Para viabilizar a análise detalhada dos recursos mobilizados pelos emigrantes para realizar suas incursões, temporárias ou permanentes, na América, realizei um trabalho de campo entre os anos 2024 e 2025 para captar a condução dos projetos migratórios em uma escala próxima e discutir o processo de ressignificação da pessoa migrante nos Estados Unidos diante da radicalização dos discursos *antimigratórios*; busco também contribuir com o estudo sobre emigração internacional no Vale do Rio Doce à partir de uma perspectiva descentrada do caso de Governador Valadares (Fusco, 2000, 2005; Domingues, 2008; Biavatti, Siqueira, 2011).

Seguindo a provocação de Tim Ingold (2015), que nos convida a pensar o conhecimento como um caminhar que vai tecendo linhas no mundo, busquei construir um tipo de relação que onde os próprios emigrantes me mostrassem quais caminhos valiam a pena percorrer para compreender as incidências das políticas migratórias na experiência de imigrantes e a percepção sobre a condição migrante por parte dessas pessoas. Para uma descrição adensada dos processos vividos, capaz de dar conta do entrelaçamento de esferas de interação social e geográfica, corpórea e simbólica (Marinho, 2017), entrevistei emigrantes em trânsito internacional, e abordei residentes do município de Entre Folhas - MG⁶. De acordo com Vieira (1997, p.83), um complemento do trabalho etnográfico e da investigação segundo o paradigma interpretativo”, onde os sujeitos estudados contam, narram, enfatizam e explicam factos e processos significativos de suas próprias vidas⁷.

Além de entrevistas, o material analisado incorporou observações registradas em diários de campo de interações presenciais no município de origem, detalhando a organização dos espaços domésticos, rituais transnacionais (como comemorações adaptadas à distância), e relações com os conterrâneos no exterior. Esses registros

⁶ Incluindo processos migratórios ocorridos ao longo da última década, migrações anteriores a 2008 ou influenciadas pelos eventos que seguiram a crise imobiliária, experienciaram um outro momento de transformação das migrações onde o desemprego ainda não permanecia diretamente atribuído por agentes políticos aos emigrantes.

⁷ “O que diferencia este método é a contextualização pessoal, histórica, social, institucional e/ou política de narrativas (Delory-Momberger, 2012; Denzin, 1989), revelando ações e emoções, bem como interações entre pessoas e eventos (Xing & Sims, 2012), procurando desvendar essas forças que moldam, distorcem e alteram experiências vividas (Bertaux, 1993; Hatch & Wisniewski, 1995)”. Closs, Oliveira, 2015. P, 529

etnográficos foram essenciais para capturar dimensões não verbais das experiências migratórias, como gestos de saudade, arranjos de objetos pessoais que evocam o país de origem, e tensões não explicitadas em discursos formais.

A pesquisa também documentou intercâmbios digitais com consentimento prévio, incluindo trocas de mensagens via WhatsApp, postagens em redes sociais e registros de chamadas de vídeo. Esses materiais levantados por meio de netnografia adicionam camadas da experiência migratória: desde a curadoria de identidades online até redes informais de apoio que operam através de grupos fechados. A análise combinou esses dados com documentos pessoais e oficiais, que traçavam simbolicamente suas conexões entre Filadélfia e suas cidades de origem.

Após o processo de análise sob a perspectiva de uma antropologia atenta ao movimento, a percepção e a reflexividade, construí uma apresentação dos dados levantados por meio deste trabalho etnográfico pautado nos três instrumentos de investigação principais e já mencionados; pensando em um tipo de disposição que fosse capaz de enfatizar a processualidade dos processos experimentados e a progressiva repressão à presença emigrante. Portanto esta apresentação será organizada a partir de dois eixos principais: *linhas de vida* e *walkscapes*; estes eixos foram elaborados a partir das contribuições presentes nas obras dos antropólogos Tim Ingold, e Gilberto Velho, e do arquiteto Francesco Careri que auxiliam no cumprimento desta proposta.

1.3 Prática de pesquisa: percurso, análise e apresentação

A observação participante no município de Entre Folhas foi realizada na segunda metade do ano de 2024, entre os meses de setembro e dezembro. Esta etapa propiciou um momento de aproximação, de reconexão com famílias de migrantes conhecidos da cidade de Entre Folhas, permitindo situar melhor acerca da distribuição dos contrêrrâneos pela 'América'. Após vários pequenos contatos pontuais e não registrados em áudio, ocorridos no município com pessoas que se integram com migrantes no exterior em redes como aquela na qual eu também me insiro, como possuidor de parentesco com brasileiros residentes no exterior, dentre outras tantas (vínculos de amizade, familiares, laborais, etc..) foi possível tecer um clima um pouco mais amigável para a perturbação de uma entrevista sobre a própria vida, uma

entrevista a ser gravada sobre uma opinião que para muitos deles nunca havia sido pedida até então. A construção desta pesquisa como um esforço de resgate de trajetórias de vida permitiu dar voz, através do devido estímulo àquelas perturbações relacionadas as condições de irregularidade documental em seu projeto migratório; este contato prévio de aproximação também foi um exercício onde as pessoas foram passo a passo dando conta da amplitude das transformações pelas quais passaram de forma retrospectiva e também prospectiva da empreitada (Forsey, 2011; Marinho, 2017) que nos coloca nesta situação de pesquisa: a migração de brasileiros do Vale do Rio Doce para os Estados Unidos.

As conversas iniciais, sem registro formal, tornaram-se espaços de construção e reconstrução de laços de confiança, onde eu podia testar quais temas eram demasiado sensíveis e quais abordagens funcionavam melhor. Foi assim que o eixo sobre a fronteira, inicialmente repleto de perguntas específicas ("Quantos dias durou a travessia?"), transformou-se em um convite mais aberto. Essa maleabilidade não era falta de rigor, mas o reconhecimento de que cada migrante constrói sua narrativa de forma única, e o pesquisador deve aprender a seguir este rastro.

O recrutamento de interlocutores no exterior adotou a estratégia de amostragem em 'bola de neve' (Snowball Sampling), método frequentemente utilizado em pesquisas com populações de difícil acesso (Biernack & Waldorf, 1981). Contudo, sua aplicação neste estudo se deu de forma particularmente lenta e fragmentada, distanciando-se de um modelo idealizado de crescimento exponencial da rede de contatos. Essa adaptação foi necessária devido às especificidades do campo: em contextos marcados pela precariedade jurídica no caso de migrantes indocumentados, e pelo temor generalizado de exposição, cada novo contato exigiu um processo de negociação e construção de confiança mantendo em vista na intersecção de experiências que pudessem iluminar com profundidade o objeto de estudo. Na prática, isso significou que a cadeia de indicações, característica central do método bola de neve, operou através de mediações múltiplas e descontínuas. Um parente, ou amigo que 'endossava' minha curiosidade, ou mesmo a participação prolongada em eventos locais como festas particulares tornaram-se etapas indispensáveis para o estabelecimento de cada nova relação com um potencial interlocutor.

Neste sentido o primeiro critério de seleção trata das pessoas que tentaram a migração indocumentada a partir da primeira campanha presidencial de Donald Trump em 2016, esta escolha decorre diretamente do foco da investigação. Embora a busca por mobilidade seja uma estratégia legítima e histórica (Salles, 1998), os dispositivos políticos e discursivos inaugurados ou intensificados nesse período reconfiguraram de maneira específica as estratégias, as expectativas e os perigos enfrentados por essa população. Buscar interlocutores que vivenciaram diretamente esse contexto específico permitiu capturar os efeitos dessas transformações políticas recentes na subjetividade e nas estratégias de vida dos migrantes.

O segundo critério, de incluir apenas migrantes não retornados, justifica-se pela necessidade de acessar narrativas ancoradas na experiência contínua de habitar o ambiente social e político transformado pelas próprias políticas em análise. Por fim, a focalização em residentes da Filadélfia surgiu como uma estratégia pragmática e metodológica fundamental. Sendo os primeiros interlocutores da pesquisa residentes daquela cidade, decidi priorizar as indicações dentro de um mesmo ecossistema, buscando operar dentro de redes de confiança já estabelecidas e parcialmente validadas. Isso mitigou, em alguma medida, a "descontinuidade" e a "mediação múltipla" mencionadas anteriormente. Solicitar novas indicações em um ambiente compartilhado — onde os contatos potenciais já estavam inseridos em redes locais de parentesco, trabalho ou apoio mútuo — facilitou enormemente o processo de construção de confiança. A busca por pessoas que já mantinham algum nível de contato entre si não era um requisito rígido, mas uma qualidade emergente da própria dinâmica do snowball, que tende a percorrer caminhos sociais interconectados.

Entre os pesquisados localizados no exterior conduzi entrevistas semiestruturadas e de profundidade que foram realizadas em ambiente virtual. A própria relação destes interlocutores com o ambiente virtual, como parte das adaptações pessoais e familiares possíveis para a consolidação do projeto migratório se tornou significativa e, portanto, ganha espaço nesta discussão. Pensar o contato entre as pessoas em processos migratórios entre si e com suas famílias se torna desta forma um aspecto indispensável desta discussão.

A apropriação e investigação dos ambientes virtuais vem sendo discutidos desde Hine (2000) ao colocar em pauta a Virtual Ethnography. Hine fornece algumas interpretações acerca da internet enquanto um campo de investigação social possível, que conversa diretamente e dá suporte nossa incursão: abordar a internet como

cultura, enfatizando-a como espaço cultural repleto de interações e atividades significantes, interações entre si e com os familiares no país de origem tem sido predominantemente mediada pela internet, permitindo compreender de uma forma mais extensiva de quais formas os indivíduos estariam a negociar sua identidade, construir grupos ou ressignificar a prática cotidiana em ambientes mediados por tecnologia

“O etnógrafo não é um simples voyeur ou um observador desengajado, mas é, em certo sentido, um participante compartilhando algumas das preocupações, emoções e compromissos dos sujeitos pesquisados. Essa forma ampliada depende também da interação, em um constante questionamento do que é possuir uma compreensão etnográfica do fenômeno” (Hine, 2000, p. 47)

Assim, o ciberespaço se configura não como objeto de estudo, mas como um terreno dinâmico para explorar a complexidade da vida contemporânea, marcada pela hibridização entre o digital e o material. Se, como defende Christine Hine (2000), a internet não é apenas uma ferramenta, mas um campo cultural em si, então a netnografia mostra sua utilidade no rastreamento das dinâmicas transnacionais que conectam Entre Folhas aos destinos migratórios. As principais redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram) não serviram apenas como canais de comunicação, mas como territórios simbólicos onde os migrantes reconfiguram pertencças, negociam saudades e reelaboram suas identidades em movimento. Hine desafia a noção de que o online é um espaço "menor" ou "efêmero", destacando sua multiplicidade de contextos desde interações fugazes até participações duradouras que exigem uma abordagem etnográfica adaptável e flexível. Para além de um meio de realização das entrevistas no âmbito da pesquisa, este é o ambiente habitado para manter o contato familiar transnacional.

Essa abordagem dialoga com Azevedo (2020), para quem a experiência migrante contemporânea é intrinsecamente cosmopolita, isto é, constituída em fluxos simultâneos entre o local e o global. A netnografia, nesse sentido, não está limitada ao mapeamento de conexões, mas busca capturar como os migrantes "habitam o digital", transformando-o em extensão de seus *walkscapes* (Careri, 2002) não apenas no sentido físico, mas como trajetórias simbólicas que se desdobram entre o rural mineiro e as ruas de um subúrbio norte-americano, entre a memória do lugar de origem e a reinvenção cotidiana no destino.

Minha imersão no campo *digital* se desenvolveu em paralelo à observação participante em Entre Folhas, criando um diálogo constante entre o online e o offline. As videochamadas que participei, grupos de emigrantes em redes sociais desde os grupos de ofertas de empregos aos grupos de compartilhamento de dicas e rotas através das fronteiras todos em Whatsapp, eventos locais - comícios, encontros pré-eleitorais, casas de família em eventos particulares, não foram meros acessórios à pesquisa, mas verdadeiras portas de entrada para redes que ultrapassavam minha inserção física. As interações iniciais, marcadas por amenidades sobre a cidade natal, gradualmente deram lugar a narrativas mais densas sobre a experiência migratória, o digital neste sentido foi entendido como espaço vital de manutenção e reinvenção dos laços comunitários.

Como defende Hine (2000), longe de ser "simples voyeur", mergulhei nesse ecossistema digital onde a migração se fazia através de pixels - desde chamadas de vídeo que domesticavam a distância até postagens para performar o "sucesso" para familiares no Brasil. Essa metodologia exigiu uma cuidadosa atenção para o tipo de aproximação, especialmente com emigrantes que eu não conhecia pessoalmente em Entre Folhas. A "perturbação" prolongada antes das entrevistas formais ganhou dimensão particular no digital: meses de interações casuais em grupos online, reações a posts, participação em transmissões ao vivo.

Essa imersão foi crucial no entendimento de como as identidades se recompunham online. Imponderáveis da vida digital (adaptando Malinowski) mostraram como a migração contemporânea produz sociabilidades híbridas. Como pesquisador e conterrâneo compartilhando algum "conhecimento prévio", analisei transformações que também me afetavam. O resultado foi um trabalho de etnografia que provocou tanto pesquisador como pesquisados, e justamente nessa perturbação mútua encontrou sua força analítica, tratando não apenas do que migrantes fazem online, mas também das impressões que tem acerca das próprias trajetórias.

A pesquisa orientou-se não apenas pela escuta, mas pela disposição de "ser afetado" (Favret-Saada, 2005) pela condição migrante. Como propõe a autora, aceitar ser afetado não significa uma operação de conhecimento por empatia ou uma ilusão de comunhão, mas sim uma condição para que um conhecimento específico surja. Nesse ponto, convergem as críticas de Favret-Saada e Velho à ficção do pesquisador neutro: se Velho o faz pela via da reflexividade, Favret-Saada o faz pela via da

experiência, afirmando que o conhecimento emerge justamente quando nos deixamos transformar pelo campo.

Os esforços empregados em campo pretenderam captar como esses migrantes negociam seu lugar em um mundo interconectado, porém desigual, considerando tanto as escalas macrossocial, individual, familiar e comunitária quanto as subjetividades dos agentes em novas circunstâncias que exigem *metamorfoses* (Velho, 1994) para alcançar alguma "mudança de vida" (Neves apud. Marin, 2017). A imersão etnográfica, com interlocutores geograficamente dispersos, procurou captar também as mediações simbólicas e materiais que conectam o local ao global, em um contexto de ressignificação da presença migrante nos principais países receptores, incorporando estratégias adaptativas para analisar esse fenômeno em sua complexidade

Ao realizar estas entrevistas tratei junto aos interlocutores também das outras histórias de vida afetadas em diferentes níveis pelo seu próprio projeto de emancipação via migração internacional. Entre os entrevistados é possível observar relações de parentalidade relações laborais relações de amizade, mas não houve menção ao conteúdo trazido pelos outros participantes bem como a identidade dos outros participantes, tanto pelo conteúdo particular das declarações como também pela sociabilidade experimentada por parte da população migrante residentes no estado de Pensilvânia.

A triangulação de instrumentos pretendeu superar limitações inerentes a cada técnica isolada: se as entrevistas privilegiam em certa medida a autorrepresentação, a etnografia buscou cobrir suas lacunas; se o digital dá conta de importantes conexões transnacionais, as interações com os interlocutores e eventualmente com seus familiares ajudavam a expor custos emocionais importantes que integram a empreitada. Os desafios, contudo, permaneceram para a pesquisa, desde a mediação tecnológica que filtrou certas experiências até as assimetrias na documentação de histórias mais vulneráveis. Essa abordagem, ao final, não apenas enriqueceu a compreensão dos dados como transformou os obstáculos metodológicos em insights sobre a natureza fragmentada da migração. O trabalho de campo resultou em um conjunto diversificado de materiais, composto por fotografias e filmagens, reportagens, notas de campo e oito entrevistas em profundidade, totalizando mais de dez horas de gravação, entre moradores de cinco residências da região de Northeast Filadélfia. As entrevistas, semiestruturadas, abrangeram histórias migratórias

individuais e familiares, estratégias de adaptação sociocultural em contexto de irregularidade documental, dinâmicas transnacionais de cuidado e sustento, e o papel das redes comunitárias. Os participantes entrevistados incluíram membros de cinco grupos familiares.

A análise partiu do processo de mapeamento dos temas abordados nas entrevistas, onde o aparente caos das experiências migratórias foi sendo gradualmente sistematizado. As páginas de cadernos de campo manuscritos foram digitalizadas e organizadas cronologicamente, criando uma linha do tempo que permitia visualizar as trajetórias em suas continuidades e rupturas. Paralelamente, as mais de 10 horas de material gravado foram catalogadas não apenas por data, mas por eixos temáticos emergentes - fronteira, trabalho, família, regularização jurídica. Desse esforço organizativo surgiu uma matriz inicial que cruzava dimensões temporais (antes/durante/depois da migração) com nós críticos identificados no campo e com o vocabulário que os entrevistados utilizavam para descrever suas experiências. Antes mesmo desta fase expressões importantes como o "cai-cai" e "travessia por fora" começaram a se destacar não como meros regionalismos, mas como sistemas completos de tecnologias da migração internacional.

A abordagem de Tim Ingold (2015) sobre o movimento como modo de conhecimento ofereceu uma chave fundamental para decifrarmos e tentarmos caracterizar essas práticas. As trajetórias documentadas demonstram como caminhar - seja no deserto do Arizona ou no labirinto burocrático do sistema de imigração - constitui uma forma de pensamento espacializado muito potente para tratarmos das nuances da mobilidade contemporânea; esta perspectiva ingoldiana ao ser coadunada com a obra de Francesco Careri que coloca o caminhar como uma prática de apreensão estética e significação do mundo forneceram instrumentos para nossa reflexão sobre adaptabilidade e percepção da condição de imigrante.

A etapa de seleção estratégica permitiu filtrar os fios condutores das principais entrevistas. Por meio deste esforço emergiram os episódios-chave recorrentes, que variavam desde rituais de despedida no Brasil até estratégias cotidianas de ocultamento na Filadélfia. Esses episódios, analisados à luz da escalada do discurso *anti-immigrant* nos Estados Unidos, evidenciaram a capacidade dos sujeitos em ressignificar espaços de exclusão através do movimento corporal e da reinvenção simbólica, convertendo restrições em campos de possibilidade onde o próprio ato de transitar se torna forma de contestação silenciosa.

Esta sistematização gerou uma matriz analítica que cruzou três dimensões fundamentais: (1) as fases temporais do processo migratório (pré-partida, travessia e pós-assentamento), (2) os nós críticos identificados em campo (como deportações ou rupturas familiares), e (3) o vocabulário nativo dos entrevistados. Expressões como "*cai-cai*" (táticas de evasão em fronteiras) e "*travessia por fora*" (rotas não oficiais) emergiram não como regionalismos, mas como tecnologias migratórias operacionais, sistemas integrados de conhecimento prático que articulam risco físico, estratégias documentais e redes informais.

Para decifrar essas dinâmicas, articulamos o conceito de movimento como modo de conhecimento (Ingold, 2015) à noção de caminhar como prática estético-política (Careri, 2002). Esta dupla perspectiva teórica mostra que as trajetórias mapeadas desde rituais de despedida no Brasil até táticas de ocultamento em cidades como Filadélfia, constituem gramáticas de sobrevivência em contextos de fronteira radicalizada. A seleção estratégica desses episódios-chave demonstrou que a experiência migratória se redefine constantemente na tensão entre violência estrutural (como o discurso *anti-immigrant*) e recriação cotidiana, onde o próprio ato de transitar converte restrições em espaços de agência silenciosa, transformando o movimento corporal em instrumento de resistência epistemológica e política.

2. DO GERENCIAMENTO DE FRONTEIRAS À RADICALIZAÇÃO DO DISCURSO

Para compreender como o complexo de aparelhos estatais voltado para a vigilância da fronteira e seu papel fundamental na sustentação da radicalização *anti-immigrant*, este capítulo persegue três objetivos interligados: primeiro, resgatar o histórico de implementação dessas políticas através de três momentos decisivos da história política americana recente; segundo, analisar a construção progressiva deste aparato estatal em sua dimensão material e discursiva; e, por fim, investigar o papel operacional desses mecanismos na produção de novas e mais letais incidências sobre a população migrante. A investigação deixa claro que, embora estes momentos apresentem retóricas governamentais distintas, todos operam sobre uma mesma e contínua estrutura securitária, confirmando sua natureza de política de Estado e seus efeitos perenes.

Para tratar adequadamente a consolidação desse aparato estatal e suas incidências sobre a população migrante, é fundamental que retrocedamos à sua gênese. A constituição de um modelo de controle militarizado remonta ainda ao final do século XX, quando, entre as décadas de 1980 e 1990, a lógica do combate ao narcotráfico se sobrepôs a outras perspectivas para se tornar a principal definidora das práticas e discursos sobre o trânsito de pessoas pela fronteira. Apesar do nosso foco ser nas décadas posteriores este período é crucial para o desenvolvimento e a ampliação inicial do aparato de vigilância na fronteira com o México, onde a "Guerra às Drogas" serviu de justificativa para uma militarização pioneira e significativos investimentos em infraestrutura (Ewing, 2014). As estratégias então implementadas, pautadas principalmente na chamada "Prevenção por Dissuasão" (formalizada em 1994), visavam bloquear as rotas tradicionais de passagem em centros urbanos, assumindo que as dificuldades naturais e o aumento do risco deteriam as tentativas de cruzamento. No que diz respeito a migração o aumento da vigilância em zonas urbanas não impediu as travessias, mas sim as deslocou para regiões cada vez mais inóspitas, como os desertos do Arizona e do Texas.

O consequente aumento da letalidade dos percursos migratórios foi, de forma cínica, utilizado para justificar demandas por ainda mais investimentos em infraestrutura de patrulha e pessoal, consolidando uma abordagem essencialmente reativa e militarizada, que ignora as dinâmicas estruturais muito mais profundas que impulsionam a mobilidade humana contemporânea.

A partir dos atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001, e dos eventos que seguiram como a promulgação do Patriot Act (2001), houve uma sensível redefinição do entendimento do estado americano acerca das mobilidades indocumentadas, ao longo deste processo a gestão das fronteiras se torna uma questão fundamental para a segurança nacional (Domenech, 2015; Pombo, 2022; De Genova, 2020, 2025; Mezzadra, 2015). Com apoio bipartidário, ainda no governo Bush, foi decretado o Homeland Security act (2002) que determinava a criação do Departamento de Segurança Interna consolidado em 2003; este maciço departamento fundiu e absorveu uma série de agências federais pré-existentes. Sob a coordenação do DHS, funções originalmente abrigadas em outras agências e departamentos de estado foram reestruturadas e redistribuídas entre novas agências especializadas, conformando um sistema integrado de controle.

Os governos de George W. Bush e Barack Obama, cada um à sua maneira, mobilizaram a máquina para implementar políticas de controle da fronteira e realizar milhões de deportações, normalizando a lógica da aplicação agressiva da lei. O DHS se estabelece enquanto uma verdadeira prioridade do estado americano (Dias, 2023, 2025) assim como as agências sob sua alçada, o que se torna ainda mais evidente após a crise financeira de 2008: enquanto o governo estadunidense implementava um massivo socorro ao setor financeiro, as agências de imigração sob o comando do Department of Homeland Security (DHS) não sofreram com contração orçamentária, registrando investimentos robustos e crescentes. É importante enfatizar aqui a capacidade e disposição do estado de mobilizar recursos para proteger setores considerados vitais para sua segurança seja ela econômica ou territorial.

A reorganização na gerência da migração foi marcada pela crescente influência de agentes privados em sua operação (Domenech, 2015; Dias, 2023, 2025, 2025*). Um marco desse processo foi a terceirização de serviços cruciais; notadamente, a gestão de centros de detenção e a supervisão de migrantes via programas de monitoramento eletrônico, o que consolidou uma complexa estrutura de vigilância, detenção e deportação. Como consequência, os interesses corporativos dessas empresas se entrelaçaram profundamente com a definição e a execução das políticas de segurança. Tal simbiose criou um poderoso lobby pela perpetuação e pelo endurecimento do sistema, o que, por fim, ajudou a produzir a paisagem institucional que caracterizaria a radicalização discursiva posterior.

A reativação do discurso sobre as fronteiras dos Estados Unidos encontrou seu agente catalisador e sua expressão mais visceral na figura de Donald Trump (Chawla, 2020). Sua trajetória eleitoral, desde a campanha de 2016, foi alicerçada em um discurso abertamente nativista e anti-imigração, que ressoou profundamente sobre o eleitorado americano (Levitsy e Ziblatt, 2018). Promessas como a construção de um muro na fronteira com o México que ele afirmava seria pago pelos mexicanos, o fim das políticas de *catch and release*⁸, a implementação de uma "tolerância zero" não eram meros slogans, mas compromissos explícitos que traduziam um projeto político específico. Ao assumir a presidência, Trump demonstrou um compromisso incomum com a implementação dessa agenda, promovendo uma série de ações executivas para concretizá-la.

A escalada desse modelo restritivo encontrou seus instrumentos mais contundentes nas políticas do Título 42 (2020-2021) e dos Protocolos de Proteção aos Migrantes (MPP) (2019-2021), conhecidos como "Remain in Mexico" (Dias, 2025). O primeiro, ativado durante a pandemia de COVID-19, permitia a expulsão de migrantes na fronteira, sem qualquer análise de seus pedidos de asilo. O segundo forçava os solicitantes de asilo a aguardarem no México, a data de suas audiências nos tribunais americanos, expondo-os a condições de extrema vulnerabilidade (Rosen, 2022), apesar de suas diferenças operacionais, ambas as medidas compartilhavam o objetivo central de impedir o acesso físico ao território e ao sistema de asilo dos EUA.

É crucial notar que a administração Biden, embora tenham sido revertidas algumas dessas políticas e enfrentado batalhas judiciais para seu desmantelamento, herdou e, em certa medida, normalizou a infraestrutura e a lógica operacional que as sustentam. A máquina de deportação e o aparato de vigilância fronteiriça permaneceram em grande parte intactos, com o orçamento do DHS continuando em níveis historicamente elevados. Dessa forma, a radicalização do período Trump-Biden não representa necessariamente uma ruptura, mas sim a culminação e a explícita expressão de uma trajetória histórica de décadas (Dias, 2025, Domenech, 2015;

⁸ A expressão "*catch and release*" (em inglês, "capturar e soltar") é um termo coloquial, cunhado por críticos da política migratória, para descrever a prática administrativa de liberar migrantes apreendidos na fronteira enquanto aguardam a data de seus processos de deportação ou de pedido de asilo perante um tribunal de imigração. Essa medida é geralmente adotada quando as instalações de detenção do governo norte-americano não têm capacidade para acomodar todos os indivíduos detidos. Embora apresentada por seus opositores como uma liberação indiscriminada, trata-se, na prática, de um mecanismo de gestão de fluxos dentro do arcabouço legal existente, que exige que os migrantes se apresentem posteriormente à corte.

Assis, 2022). Ela foi viabilizada pela arquitetura institucional erigida pós-11 de setembro de 2001, financiada por um Estado que prioriza a pauta da segurança mesmo diante de crises econômicas, e sustentada por interesses privados que lucram com a perpetuação do controle. Os três momentos políticos selecionados para este percurso – Bush, Obama e Trump/Biden – revelam, sob retóricas variadas, a contínua operação de um mesmo e resiliente aparato, demonstrando que a priorização da gestão de fronteiras nos Estados Unidos consolidou-se como uma política de Estado profunda e duradoura, cujos efeitos humanitários e geopolíticos continuam a se desdobrar.

2.1 Processos de securitização e os limites das práticas dissuasórias

Para autores da chamada escola de Copenhagen Buzan e Ole Wæver (Buzan *et al*, 1998), o processo de *securitização* ocorre quando um ator poderoso, detendo autoridade social e capital político, realiza bem-sucedido "ato de fala" que enquadra um tema, neste caso, a migração, não como uma questão política normal, mas como uma ameaça existencial à sobrevivência do Estado e de sua população. O sucesso deste ato, que performa uma nova realidade, depende de sua aceitação por um "público relevante". Nos EUA, o ataque de 11 de setembro de 2001 fornece o elemento catalisador para este processo, criando um estado de exceção que permite que o tema da "permeabilidade das fronteiras" seja dramaticamente redefinido como uma vulnerabilidade estratégica inaceitável, no entanto, este ato de fala exige medidas específicas que necessariamente incidiram sobre populações em trânsito ou em perímetro norte-americano (Pombo, 2022; Iturralde, 2021).

O marco inicial dessa trajetória de priorização das fronteiras remonta à um período anterior aos eventos de 2001 com a estratégia de "Prevenção por Dissuasão" (Prevention through Deterrence), adotada em 1994 pelo extinto Serviço de Imigração e Naturalização (INS). A política concentrou agentes e tecnologias em pontos urbanos da fronteira com o México, como El Paso e San Diego, deslocando estes movimentos para rotas mais remotas e letais, gerando uma justificativa aparente para a contínua ampliação de investimentos em infraestrutura de vigilância. O foco na dissuasão marginalizou a construção de abordagens alternativas e humanizadas no campo político, ignorando as complexas dinâmicas estruturais que impulsionam a migração.

[...]a peça central simbólica da “prevenção por meio da dissuasão” sempre foi a cerca da fronteira. Começando com apenas um único trecho de 14 milhas em San Diego que foi concluído em 1993, em 10 de fevereiro de 2012, US Customs and Border Protection (CBP) terminou de construir 651 milhas de cercas para pedestres e veículos ao longo da fronteira EUA-México (Nuñez Neto e Kim 2008, 1; CBP 2014a). A cerca é simbólica não apenas por sua presença imponente, mas também porque não funciona como um impedimento. Ewing, 2014, traduzido.

A construção do muro fronteiro opera, antes de tudo, como um símbolo político tangível da suposta fortificação do Estado. Sua presença física comunica uma mensagem de controle e soberania, tanto para o público interno quanto internacional, reforçando a narrativa de que a migração constitui uma “invasão” a ser contida por barreiras físicas. Em contextos eleitorais como ocorrido posteriormente em 2016, a promessa de “construir o muro” se torna um significante poderoso de compromisso com a segurança nacional – uma solução aparentemente simples para um problema complexo. Nos anos 90 e no início dos anos 2000 a discussão sobre mobilidade humana na fronteira com o México foi simplificada ignorando evidências de que essa gestão não apenas falhava em conter o fluxo de pessoas, como os desviava para percursos mais letais. A própria ineficiência operacional da dissuasão, foi utilizada como justificativa para a ampliação contínua de investimentos.

Após os atentados de 11 de setembro 2001 o ato de fala securitizador se torna amplamente aceito e defendido pelo público e pelas elites políticas e econômicas deixando rapidamente o campo meramente discursivo, e se perpetuando através da maciça e contínua mobilização de recursos, financeiros e de pessoal, que se estrutura como um complexo que integra aparelhos estatais e empresas contratadas para levar a cabo o novo paradigma que incide sobre as mobilidades. A partir deste momento rapidamente codificado um arcabouço legal que redefiniu as atribuições para a segurança nacional. O USA Patriot Act, sancionado em outubro de 2001 e cujo foco principal foi expandir drasticamente os poderes de vigilância e investigação de agências de inteligência e aplicação da lei, facilitou a realização de escutas telefônicas, o acesso a registros pessoais e o monitoramento de comunicações, com o objetivo declarado de identificar e impedir atividades terroristas, reduzindo as barreiras legais que antes limitavam tais ações; e o Homeland Security Act de 2002, que criou formalmente o Departamento de Segurança Interna (DHS), representam os principais pilares legais deste novo paradigma (Dias, 2023). O Patriot Act, em particular, expandiu drasticamente os poderes de vigilância do Estado, facilitando a

coleta de informações e a detenção de estrangeiros sob suspeita, tratando a imigração predominantemente através da lente da ameaça terrorista. Essas medidas transformaram o estado de exceção discursivo em um estado de exceção legalizado, fornecendo a base para a mais significativa reestruturação do governo federal em décadas.

A criação do Departamento de Segurança Interna (DHS) em 2003, representou a maior reorganização governamental em meio século. Sob sua batuta, o antigo Immigration and Naturalization Service (INS) foi extinto e suas funções foram metodicamente desmembradas e redistribuídas entre um sistema de agências especializadas que conformam um aparato integrado de controle migratório, de forma ampla um aparato integrado responsável pela segurança do território. O U.S. Citizenship and Immigration Services (USCIS) herdou as funções de serviços do INS, focando na adjudicação de benefícios migratórios como vistos e asilo, mas agora inserido numa estrutura institucional onde a lógica da segurança nacional predominava. Simultaneamente, a U.S. Customs and Border Protection (CBP) consolidou-se como a agência de aplicação da lei nas fronteiras, atuando em portos de entrada, aeroportos e na fronteira terrestre para deter e filtrar entradas. Complementando este arcabouço, a U.S. Immigration and Customs Enforcement (ICE) foi concebida como a força policial interna do sistema, responsável por investigações, detenções e deportações no interior do território estadunidense (Dias, 2023, 2025). Esta reorganização estratégica fragmentou o processo migratório em componentes estanques - benefício, fronteira e interior - submetendo-os a um comando unificado cuja missão central era a segurança nacional, em detrimento de perspectivas baseadas em integração ou serviço.

Para viabilizar esta arquitetura, uma injeção massiva e contínua de recursos foi mobilizada. Este financiamento não serviu apenas para expandir o efetivo de agentes, mas também para alimentar o que podemos chamar de complexo da deportação (Dias, 2023, 2025), com vultosos contratos direcionados a empresas de tecnologia para desenvolvimento de sistemas de vigilância, drones e bancos de dados biométricos, e a empresas de segurança privada para a gestão de centros de detenção e serviços de monitoramento eletrônico. O contexto orçamentário mais amplo confirma a consolidação do controle migratório como uma política de Estado de alto investimento nos Estados Unidos.

A solicitação orçamentária do Departamento de Segurança Interna (DHS) para 2010, de US\$ 55,1 bilhões, demonstra a prioridade contínua em segurança fronteira e aplicação das leis de imigração, mesmo no rescaldo da crise financeira de 2008. A trajetória ascendente já era evidente na análise do orçamento do ICE entre 2006 e 2008, que teve um aumento total de 32,7%, saltando de US\$ 4,2 bilhões para US\$ 5,6 bilhões. Dentro desse crescimento, a área de Detenção e Remoção (DRO) teve o destaque mais expressivo, com um incremento de 44,7%, saltando de US\$ 1,65 bilhão para US\$ 2,38 bilhões no período. O fluxo de recursos não se limitou à detenção tradicional, mas também fomentou uma rede de contratos com o setor privado, evidenciando a formação de um ecossistema de prestadores de serviços próprios da detenção e deportação.

O programa de Alternativas à Detenção, que terceiriza a supervisão de migrantes, teve um crescimento orçamentário de 42,1% entre 2006 e 2008. Investimentos em tecnologia para modernização de sistemas, que totalizaram US\$ 30,7 milhões em 2008, e os vultosos contratos para serviços de detenção, alimentação e transporte beneficiam diretamente um conjunto de empresas de segurança privada, tecnologia e gestão de instalações. Dessa forma, os dados orçamentários mostram que a estratégia de imigração não foi apenas mantida, mas potencializada⁹, institucionalizando-se por meio de um aparato permanente e com forte participação de interesses corporativos privados. Em retrospecto, a política de "Prevenção por Dissuasão" dos anos 1990 foi absorvida e potencializada neste processo: a estratégia encontra em um ambiente securitizado, uma justificativa renovada e um fluxo praticamente ilimitado de recursos. A cerca fronteira, que Ewing (2014) corretamente identifica como um símbolo ineficaz, tornou-se um ícone poderoso na retórica política e um ímã para bilhões de dólares em contratos. O Estado, munido com um aparato institucional dedicado e um orçamento colossal, aprofundou todas as suas

⁹ Dados sobre o orçamentos do ICE e do DHS obtidos em:

<https://www.ice.gov/factsheets/budget2005>

<https://www.ice.gov/factsheets/budget2007>

<https://www.ice.gov/factsheets/budget2008>

<https://www.ice.gov/factsheets/budget2009>

https://www.dhs.gov/sites/default/files/publications/FY_2005_BIB_4.pdf

https://www.dhs.gov/xlibrary/assets/budget_bib_fy2010.pdf

<https://www.cbp.gov/about/history>

<https://www.uscis.gov/about-us/our-history>

contradições originais. Ela não resolveu o "problema" que se propunha a combater, mas sim o institucionalizou como uma crise permanente, justificando a existência e expansão contínua do próprio complexo securitário

A eleição de Barack Obama em 2008, que sugeria uma potencial inflexão na rígida política migratória do pós-11 de setembro, seu governo (2009-2017) buscou deslocar o discurso oficial, transitando de uma ênfase prioritária da segurança nacional, que marcou o governo Bush, para uma narrativa que mesclava a recuperação econômica pós-crise de 2008 com um forte discurso progressista. Uma análise mais aprofundada do período revela que a mudança discursiva conviveu com a notável continuidade e até o aprofundamento do aparato securitário construído nos anos anteriores. Sua administração robusteceu a herança institucional do "complexo industrial da deportação", e seu governo portanto não representa nenhuma tendência a desmontagem da máquina de controle migratório, mas sim a sua consolidação sob uma determinada roupagem discursiva, evidenciando as profundas limitações de qualquer reforma frente as demandas já plenamente institucionalizadas e com fortes interesses econômicos arraigados. Ainda sim, sob sua administração (2009-2017), foram introduzidos critérios humanitários no processamento de migrantes.

Em 2014, o U.S. Citizenship and Immigration Services (USCIS) passou a aceitar pedidos de asilo baseados em "medo crível" (credible fear), permitindo que solicitantes com algum indício verificável de perseguição aguardassem o processo em solo estadunidense (Arthur, 2018). Medidas como o programa DACA (2012), que protegeu da deportação jovens indocumentados trazidos na infância, e a priorização de criminosos violentos nas remoções, representaram uma mudança discursiva. No entanto, as deportações totalizaram 3 milhões sob Obama, expondo a contradição entre retórica e prática. A partir daí o número de avaliações de medo crível aumentou significativamente, de 5.000 em 2009 para 94.000 em 2016. Antes de 2013, apenas 1 por cento dos estrangeiros que chegaram apresentavam alguma justificativa de medo de voltar para o próprio país que fosse verificável, enquanto atualmente 10 por cento fazem tais reivindicações (Arthur, 2018). Os números se tornam uma questão crucial para os defensores da linha dura na gestão migratória, um ponto passível de críticas duríssimas da gestão Obama enquanto os EUA sofriam uma baixa no número de empregos entre os seus concidadãos.

“40 % dos estrangeiros que chegam são famílias e crianças, um aumento significativo em comparação com a situação que existia antes de 2011 (quando mais de 90 por cento dos estrangeiros que chegavam eram adultos solteiros do sexo masculino). reivindicações de medo aumentaram 1.700% de 2008 a 2016.” Arthur, 2018. Traduzido.

Obama consolidou uma das contradições mais marcantes da política migratória norte-americana recente: a convivência entre uma retórica de inclusão e a manutenção de um aparato de deportação em massa. Neste período, mais de três milhões de pessoas foram removidas, um volume que rendeu ao presidente o epíteto de "Deportador-Chefe" entre ativistas. A partir do segundo mandato essa mesma administração tornou-se alvo de uma narrativa feroz sobre "crise migratória" construída na oposição. A origem dessa controvérsia está na mudança do perfil demográfico dos migrantes que chegam à fronteira sul: o número crescente de famílias e crianças centro-americanas fugindo da violência, que passaram a buscar refúgio legal através de pedidos de asilo com base em "medo crível". O aumento de 1.700% nessas solicitações entre 2008 e 2016, embora representasse o sucesso de políticas humanitárias específicas, foi descontextualizado e instrumentalizado politicamente. A oposição aproveitou-se desses dados para forjar a ideia de uma invasão e de um suposto controle perdido das fronteiras, uma retórica que, embora não correspondesse aos números absolutos de apreensões, mostra-se eleitoralmente eficaz e pavimentou o caminho em direção a primeira eleição de Donald Trump.

O aparato construído após 11 de setembro não era um mecanismo neutro, mas uma estrutura com uma lógica interna de autopreservação e expansão. Demonstrando a capacidade notável de metabolizar e neutralizar reformas, convertendo até mesmo gestos humanitários em combustível para sua própria perpetuação. Dessa forma, a imigração nos Estados Unidos transformou-se em um "campo de gestão permanente", onde a crise, fosse real ou fabricada, é a condição operacional normal, em uma demonstração de como um sistema burocrático e econômico, uma vez estabelecido, pode definir os próprios termos de funcionamento, restringendo as possibilidades de mudança substantiva e garantindo seu próprio espaço no debate para além das alternâncias de poder.

2.2 Donald Trump: Rupturas e Continuidades

A administração de Donald Trump, em seus dois mandatos (2017-2021 e a partir de 2025), vem consolidando uma radicalização sem precedentes do discurso político em relação aos imigrantes na América. Esta seção busca demonstrar que suas práticas operaram uma transformação qualitativa na abordagem migratória, ao introduzir inovações de caráter autoritário que ressignificaram profundamente o tratamento dado a essa população (Rosen, 2022; Chawla, 2021; Dias, 2025). Anteriormente, foram apresentados os eventos que materializam a arquitetura da gestão migratória, nesta seção, trato das estratégias de controle mobilizadas durante os governos Trump I e II, as quais mobilizaram personagens e paisagens de um palco montado previamente. A persistência de abordagens dissuasórias e expulsórias passa a ser combinada com a estigmatização aberta de grupos específicos, evidenciando não uma ruptura com os antecessores democratas, mas escancarando o aprofundamento de um projeto histórico de negação de direitos. Esse projeto depende fundamentalmente da invisibilização do papel dos imigrantes ao longo de toda história da América, e da desqualificação de sua presença dentro do perímetro americano.

Ao transformar a fronteira em um palco do confronto político, as falhas do modelo dissuasivo simbolizadas pelos bilhões gastos em barreiras ineficazes foram apropriadas como "prova" da necessidade de medidas ainda mais extremas. Trump enquanto principal ator político a capitalizar esse ciclo ainda na campanha das eleições de 2016, converteu o migrante indocumentado em um ícone da "ameaça externa" e justificando práticas cada vez mais agressivas para a contenção dessas mobilidades, prometendo deportações em massa e a militarização sem precedentes da fronteira. Inglehart e Norris (apud Dornelas, 2021) destacam que a retórica exerceu um papel crucial na influência sobre determinados setores da população, e propõe duas lentes para analisar o fenômeno: a da desigualdade econômica e a do backlash cultural¹⁰.

¹⁰ A reação cultural é um conceito central na obra *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism* (2019), desenvolvido por Pippa Norris e Ronald Inglehart. Diz respeito à reação conservadora de grupos sociais que se sentem ameaçados pelas mudanças culturais aceleradas das últimas décadas, especialmente impulsionadas pela transição de valores materialistas (segurança econômica/ordem) para pós-materialistas (autoexpressão, direitos de minorias, ambientalismo).

Na gestão ou, mais apropriadamente, do combate à migração 'irregular', é uma arma ideológica particularmente problemática ganha força e interlocutores nesta América radicalizada: a leitura nativista e profundamente reacionária que enfatiza a decisão racional e econômica dos migrantes. Essa perspectiva reduz a migração a uma escolha individual, ignorando complexidades estruturais que a motivam e moldam.

Trump construiu uma narrativa em que latino-americanos e muçulmanos representam ameaças existenciais à segurança nacional, identidade cultural e bem-estar econômico dos *verdadeiros americanos*. Essa estratégia discursiva instrumentaliza casos isolados de crimes cometidos por imigrantes para legitimar políticas massivas de exclusão, esta abordagem, que combina elementos de xenofobia com um populismo autoritário contemporâneo. A radicalização na política migratória representa, ainda, uma síntese bastante peculiar: por um lado, aprofunda tendências históricas de criminalização da mobilidade humana; por outro, introduz elementos genuinamente novos na forma de um discurso abertamente desumanizante, medidas jurídicas excepcionais e uma politização explícita das instituições encarregadas da aplicação da lei.

Na narrativa mobilizada, os migrantes que buscam os Estados Unidos em busca de melhores oportunidades econômicas o fazem respaldados por uma visão idealizada da "terra das oportunidades". No entanto, ao optarem por vias *irregulares*, são sujeitos à responsabilização legal, uma vez que sua decisão é interpretada como livre e racional. Essa abordagem desconsidera causas e condições estruturais que forcem os indivíduos a emigrarem, além de reforçar estereótipos que associam migrantes fora de status à criminalidade (Finn, 2019; Kurz, 2004). Essa retórica, amplamente difundida neste contexto de radicalização nacionalista, contribui na desumanização das populações migrantes. Neste quadro o sul-americano possui um tratamento específico que precisa de espaço nesta discussão: a associação entre migração irregular e criminalidade, presente em discursos políticos, induz a erros graves na compreensão da complexidade do fenômeno migratório. Como apontam Inglehart e Norris (2016), crises econômicas, mudanças no mundo do trabalho e o aumento do desemprego exacerbam a insegurança econômica, alimentando ressentimentos de classe frequentemente explorados por movimentos de extrema-direita.

Esse reducionismo ignora as condições precárias nos países de origem, que muitas vezes tornam a migração indocumentada a única alternativa viável. Finn (2019) destaca que as possibilidades de subsistência dos migrantes estão diretamente ligadas às suas condições de vida originais e às redes de apoio disponíveis. A falta de assistência social eficiente e a burocratização excessiva dos processos migratórios legais perpetuam esse ciclo, enquanto as vias legais de entrada nos EUA exigem processos complexos e restritivos como a obtenção de vistos enquadrados em categorias específicas¹¹, as formas evidenciam a contradição do sistema. Como observa Finn (2019), a relação entre migrantes e Estados é moldada por limites políticos e legais, criando dinâmicas distintas para aqueles que conseguem cumprir exigências burocráticas e aqueles que não o fazem. Kurz (2004) considera que a migração é um processo coercitivo, no qual indivíduos são forçados a vender sua mão de obra em condições precárias devido à exclusão social e econômica em sua origem. A criminalização da migração ignora suas causas estruturais, reforçando ciclos de marginalização.

Durante o primeiro mandato (2017-2021), a administração Trump implementou medidas pautadas neste mesmo discurso, impactando profundamente a cultura política estadunidense. Esta fase estabeleceu os pilares de um regime de mobilidade seletiva, focado na contenção e na criminalização, que aprofundou a vulnerabilidade das populações sob essas condições de mobilidade. A invocação do Título 42 sob pretextos sanitários durante a pandemia da COVID-19 permitiu a expulsão de migrantes que tenta sem lhes conceder a oportunidade de solicitar asilo, criou um ciclo de expulsões e tentativas repetidas de cruzamento que aumentaram os encontros na fronteira. E mesmo em medidas anteriores, como os Protocolos de Proteção ao Migrante (MPP), conhecido como "Remain in Mexico", que a partir de janeiro de 2019 forçou solicitantes de asilo a aguardarem no território mexicano, sob condições precárias e perigosas, enquanto seus casos eram processados nos tribunais

¹¹ O sistema de vistos dos Estados Unidos opera sob uma distinção fundamental entre duas grandes categorias, cada uma com finalidades, requisitos e consequências jurídicas diferentes. Os vistos de não imigrante são concebidos para estadias temporárias e com um propósito específico, exigindo que o portador comprove laços com seu país de origem e a intenção de não abandonar sua residência permanente no exterior. Esta categoria abrange uma vasta gama de situações, incluindo, mas não se limitando a, vistos de turismo e negócios (B-1/B-2), estudantis (F-1), de trabalho especializado (H-1B para profissionais, L-1 para transferências intraempresariais, O-1 para habilidades extraordinárias) e de intercâmbio cultural (J-1). Em contrapartida, os vistos de imigrante são destinados a indivíduos que buscam estabelecer residência permanente nos Estados Unidos e são obtidos através de petição familiar ou laboral.

americanos, já consolidava um *modus operandi* de exceção, utilizando instrumentos legais não para ordenar, mas para negar direitos. O MPP e o Título 42, em sequência, representaram estratégias que encontram respaldo sobretudo nas situações de crise.

O segundo mandato vem seguindo a mesma toada, tentando ainda solidificar e expandir esta abordagem, escancarando sua natureza autoritária. Documentos como "Protecting the American People"¹² (2025) formalizam um estado de exceção migratório. As inovações tornam-se mais agudas com o direcionamento explícito contra as "cidades-santuário". Ordens executivas determinam a publicação de listas de autoridades não colaborativas e processos judiciais contra juízes, numa estratégia que Stephen Miller, arquiteto da política migratória, descreveu como uma "guerra" pela supremacia federal. No entanto, uma contradição central persiste: a fala belicosa frequentemente se descola da efetividade. Operações midiáticas, como a invasão de um mercado em Newark em 2025, que resultou em poucas prisões, revelam o caráter prioritariamente performático de muitas ações, destinadas a alimentar o palco do confronto político.



Imagem 2 - Um EUA Agente da Patrulha de Fronteira dirige requerentes de asilo esperando entre a cerca dupla ao longo do fronteira EUA-México perto de Tijuana, México, segunda-feira, 8 de maio de 2023, em San Diego. Os migrantes esperam

¹² Documento oficial: PROTECTING THE AMERICAN PEOPLE AGAINST INVASION
<https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/01/protecting-the-american-people-against-invasion/>

entre as cercas para serem processadas pelos EUA. Agentes da Patrulha da Fronteira. (AP Photo/Denis Poroy)¹³

O que emerge deste período não é a institucionalização de um *modus operandi* que funde a securitização da fronteira com um projeto político explicitamente nativista. As estratégias do primeiro mandato não foram apenas eficazes em criar uma "zona de exceção" jurídica na fronteira; elas normalizaram a lógica de que a dissuasão através do sofrimento e a suspensão de garantias são ferramentas legítimas de governo. O segundo mandato, por sua vez, escancara a vocação autoritária deste projeto ao declarar guerra aberta aos enclaves de resistência interna, como as cidades-santuário, e ao instrumentalizar o Estado para assédio político e jurídico de opositores.

Contudo, a força performática deste projeto evidenciada pelas operações midiáticas de efeito duvidoso coexiste com sua profunda fragilidade. Ao reduzir a migração a uma "escolha individual" e criminalizar a mobilidade humana, a narrativa trumpista não apenas desumaniza o migrante, mas revela uma incapacidade estrutural de engajar com as causas profundas do fenômeno. Como demonstram as análises de Finn (2019) e Kurz (2004), a decisão de migrar é uma resposta a condições socioeconômicas coercitivas e à falta de vias legais seguras um fato que a retórica do *backlash* cultural e a ênfase na ameaça existencial teimosamente ignoram. Dessa forma, a radicalização trumpista, embora aparentemente sólida em seu arcabouço discursivo e jurídico, revela-se um edifício construído sobre a negação da realidade. Seu legado mais perverso talvez não seja apenas o aprofundamento de uma tradição excludente, mas a corrosão ativa da capacidade institucional e social de compreender e responder a um dos fenômenos definidores do nosso tempo: a mobilidade humana em escala global.

2.3 Mudanças estratégicas e percepções acerca da tecnologia da migração

A fronteira EUA-México transformou-se em um palco de conflito tecnológico e biopolítico (De Genova, 2020, 2025), onde a militarização progressiva do aparato de vigilância - mediante drones, sensores remotos e bancos de dados integrados - tem gerado consequências paradoxais: em vez de suprimir os fluxos migratórios, tem

¹³ Acesso em: <https://www.forbes.com/sites/mollybohannon/2023/05/11/florida-sues-biden-administration-over-plan-to-release-migrants-on-parole-after-title-42-ends/>

reconfigurado radicalmente suas estratégias, rotas e modalidades de execução. A premissa central desta seção sustenta que a intensificação dos dispositivos de controle tem catalisado o desenvolvimento de um sofisticado repertório de tecnologias da precariedade por parte dos migrantes, as quais, embora operando dentro de constrangimentos materiais severos, desafiam eficazmente a hegemonia estatal sobre o espaço fronteiro.

Evidências etnográficas robustas, revelam a emergência de uma prática migrante que se manifesta através de adaptações tecnológicas criativas e coletivas. Esta racionalidade materializa-se de maneira particularmente eloquente no uso estratégico de aplicativos de mensageria instantânea como o WhatsApp, que permite não apenas a comunicação ponto-a-ponto, mas a constituição de redes distribuídas de inteligência coletiva para atualizar rotas em tempo real, compartilhar localizações precisas da Border Patrol e disseminar alertas críticos sobre áreas de risco. Este ecossistema é complementado pelo emprego de smartphones descartáveis, adquiridos por valores inferiores a US\$ 50 em mercados informais mexicanos, equipados com mapas offline meticulosamente baixados para evitar a rastreabilidade digital. Tais artefatos tecnológicos, longe de representarem meros instrumentos de navegação, constituem-se em ferramentas de contra-vigilância que reconfiguram radicalmente a assimetria tecnológica na fronteira.

Contudo, esta notável capacidade de adaptação e inovação sob constrangimento absoluto desvela sua face trágica quando contextualizada pelos custos humanos exponenciais que a acompanham. A própria sofisticação destas estratégias de evasão tem como contrapartida necessária a progressiva letalização das rotas migratórias, conforme atestam os dados da Organização Internacional para as Migrações (2023), que documentou 686 mortes e desaparecimentos na fronteira EUA-México em 2022, consolidando-a como a rota terrestre mais mortal do mundo para populações em deslocamento. Este custo humano catastrófico revela a falência estrutural da política de "Prevenção por Dissuasão" (Ewing, 2014), cujo efeito primordial tem sido o deslocamento das travessias para zonas cada vez mais remotas e perigosas, transformando a promessa do sonho americano em uma aposta calculada onde a esperança de subverter cartografias oficiais convive permanentemente com a sombra da morte.

A travessia clandestina é hoje um mercado estratificado, onde o preço reflete riscos calculados. Dados do MPI¹⁴ mostram que o custo médio saltou de US2.000 em 2005 para 10.000 em 2023, com "pacotes premium" incluindo falsificação de documentos (como vistos humanitários mexicanos), subornos a agentes da *Migración*, e até mesmo seguros de vida que prometem reembolso em caso de deportação. Essa economia informal opera sob lógicas de mercado perverso: enquanto traficantes de alto nível (coiotes elite) oferecem rotas "VIP" com trajetos e hotéis seguros, migrantes pobres são submetidos a "pacotes econômicos" que os abandonam em zonas mortais como o deserto de Arizona. A simbiose entre repressão estatal e lucro clandestino evidência que a militarização é menos uma solução e mais um combustível para estas mobilidades cada vez mais criminalizáveis.

A migração contemporânea nas Américas passa por uma transformação demográfica profunda, o perfil dos migrantes sofreu mudanças nas últimas décadas: se em 2011 90% dos interceptados na fronteira eram homens solteiros (Arthur, 2018), dados do U.S. Customs and Border Protection (CBP, 2023) mostram que naquele ano 40% eram famílias e crianças não acompanhadas. Essa reconfiguração não é meramente estatística, mas reflete mudanças estruturais nos padrões de mobilidade humana, onde crises econômicas, violência generalizada e desastres ambientais forçam deslocamentos de populações inteiras, incluindo grupos tradicionalmente menos propensos à migração irregular (Assis, 2022). A infantilização da migração (famílias como "vítimas merecedoras") também alimenta discursos neoconservadores, como o do governador do Texas, Greg Abbott, que em 2023 alegou que "crianças são usadas como escudos por traficantes" para justificar operações militares (The Texas Tribune, 2023).

A reconfiguração das rotas migratórias evidência que a militarização fracassou em seu objetivo central: dissuadir. Em vez disso, criou um ecossistema de violência e indiretamente de inovação, onde migrantes adaptam-se às tecnologias de controle, enquanto o Estado responde com mais repressão. A mudança do perfil de homens solteiros para famílias mostra que a migração é um sintoma de desigualdades estruturais, não uma "escolha individual". Essas estratégias não são escolhas livres, mas respostas a um sistema migratório que, ao mesmo tempo em que estimula a mobilidade através de promessas de melhoria de vida, nega os canais legais para

¹⁴ Migration Policy Institute

realizá-la. Com a demanda alta e o endurecimento da fiscalização, os noticiários mostraram todos os dias migrantes sendo apreendidos em circunstâncias cada vez mais heterogêneas e precárias: as dezenas dentro de caminhões, em grupos amarrados a boias atravessando em vários pontos do Rio Grande, no meio do deserto em caminhadas extenuantes. A reação interna a este movimento, uma enchorrada reacionária raivosa capaz de mobilizar o eleitorado americano em torno da pauta nacional, ajudou a compor o cenário desesperador da fronteira sul repetidamente retratado nos noticiários internacionais.



Imagem 3 - Pessoas se reúnem em um memorial improvisado que foi erguido no local onde 53 migrantes morreram em 30 de junho de 2022, em San Antonio, Texas ¹⁵

¹⁵ Reportagens da BBC, CNN, e do jornal O Globo: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61962211>
<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/06/27/dois-homens-sao-condenados-a-prisao-perpetua-pela-morte-de-mais-de-cinquenta-migrantes-nos-eua.ghtml>
<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/imigrantes-mortos-motorista-nao-sabia-que-ar-condicionado-havia-desligado-diz-queixa/>

2.4 Trajetórias Migratórias em um Contexto de Instabilidade

Como argumentado anteriormente, a gestão migratória através deste prisma obscurece os fatores estruturais que impulsionam o movimento de trabalhadores da América Central e do Sul, reduzindo-o a uma questão de "escolha individual". Para Finn (2019, p. 165), a burocracia pré e pós-migratória evidencia que os migrantes não enfrentam opções neutras, mas sim condições determinadas por políticas estatais restritivas e as redes de acesso ao exterior que surgem como alternativa. O rebaixamento do debate político sobre imigração neste sentido, atinge níveis sem precedentes durante o governo Trump. Em 2018, a separação de crianças migrantes de seus pais, mantidas em gaiolas em centros de detenção do ICE, expôs a violência institucionalizada contra famílias em busca de asilo. O combate das práticas que favoreciam o "Catch and Release" que limitava o direito a processos legais, a espetacularização das deportações reforçou a narrativa do migrante como uma ameaça (Arthur, 2018), e medidas de segurança

A complexidade e o volume das mobilidades alcançados nas últimas décadas exigiriam uma abordagem equilibrada, combinando regulamentação eficiente com proteção de direitos. No entanto, os EUA falharam em equilibrar segurança e humanidade, optando por soluções paliativas e militarizadas. A instabilidade política e econômica em diversos países América Central e do Sul foi sistematicamente ignorada em favor de uma retórica que culpabiliza os migrantes (Finn, 2019; Rosen, 2021). As medidas adotadas durante a primeira administração Trump (2017–2021) e o início de seu segundo mandato (a partir de 2025) como as operações super televisionadas como as do Immigration and Customs Enforcement (ICE), deportações aceleradas e a militarização da fronteira, demonstram que migrar em condições de extrema adversidade não é um ato de mera voluntariedade, mas uma resposta à falta de vias legais seguras (Rosen, 2021).

A reestruturação das políticas migratórias nos EUA e na Europa, com foco na dissuasão de mobilidades determinadas, reflete transformações estruturais do capitalismo globalizado. Em um contexto de grandes deslocamentos populacionais, a criminalização do migrante indocumentado tornou-se um elemento central do "clima político" contemporâneo, vinculado à crise da democracia liberal (Kurz, 2020). Como destaca De Genova (2004), a "ilegalidade" migratória é uma construção jurídica: leis de imigração criam a figura do "imigrante ilegal", pretendendo legitimar a sua exclusão.

Esse processo, denominado *crimmigration* (Stumpf, 2006), evidencia como o Estado, através de sua burocracia, produz e criminaliza a irregularidade (Finn, 2019, p. 173).

La “ilegalidad” como concepto es un producto de las leyes de inmigración de cada país: los inmigrantes sin documentos están criminalizados y definidos como ilegales por dichas leyes (De Genova, 2002, p. 439). A través de los pasos formales de los documentos migratorios, la burocracia requerida forma no solo una figura legal como inmigrante, sino que crea también la idea de una persona ilegal e irregular. Es aquí entonces – y nuevamente a través del rol del Estado migratorio – en donde se encuentra el origen de la criminalización en la migración (Bigo, 2004), también denominado como *crimmigration* por Stumpf (2006). (Finn, 2019, p. 173)

A militarização das fronteiras e a espetacularização da repressão a migrantes como visto nas administrações Trump reforçam a narrativa de que a migração é um problema de segurança, e não um resultado de desigualdades estruturais que afetam inclusive os cidadãos americanos. Essa abordagem ignora que as migrações que abordamos são, em grande parte, consequência da instabilidade política e econômica gerada pelo próprio sistema globalizado. A criminalização da migração *irregular*, longe de ser solução, agrava vulnerabilidades, transformando direitos humanos em questões de segurança nacional. Políticas repressivas como as implementadas no governo Trump não só falham em conter as pessoas, mas aprofundam crises humanitárias, ignorando as raízes estruturais dos deslocamentos: desigualdades globais, instabilidade política e colapso ambiental.

Os dados sobre deportações nos entregam um panorama complexo, especialmente para o programa de investigação desta pesquisa: enquanto o governo Obama deportou mais pessoas em termos absolutos, a administração Trump deportou proporcionalmente mais brasileiros, com 6.776 casos durante seu primeiro mandato (0,72% do total), número superado pelo governo Biden (7.168 deportações ou 1,31% do total). Esta seletividade étnico-nacional nas deportações sugere também a politização do processo, em que certos grupos são visados não necessariamente por critérios de segurança, mas por sua adequação a um projeto político de identidade nacional.



Imagem 4 - Imigrantes cruzam o Rio Bravo para os Estados Unidos vindos de Matamoros, México. Terça-feira, 9 de maio de 2023. Os EUA estão se preparando para o fim, na quinta-feira, 11 de maio, da política do Título 42, vinculada à pandemia do coronavírus, que permitiu a rápida expulsão de muitos migrantes em busca de asilo. (Foto AP/Fernando Llano)¹⁶

No contexto da emigração de Brasileiros para os Estados Unidos, o estado de Minas Gerais emerge como um polo emissor significativo. Partes do estado têm testemunhado um êxodo sustentado, motivado pela combinação de oportunidades econômicas limitadas, o esgotamento de ciclos econômicos históricos e o acesso a redes de migração já consolidadas no exterior. É nesse contexto que se insere o Vale do Rio Doce. Nesta região, a migração internacional pode ser interpretada como um sintoma de reestruturações produtivas profundas. A retração de certas atividades agrícolas, a transformação da indústria local e a contração de oportunidades formais de trabalho criaram um cenário onde projetos de vida que antes eram realizáveis no território local passaram a demandar, para muitos, uma rota transnacional.

¹⁶ Acesso em: <https://news4sanantonio.com/news/local/united-states-to-limit-asylum-at-us-mexico-border-to-open-100-regional-migration-hubs>

Esse movimento transnacional, uma vez iniciado, tende a se autorreproduzir através de dinâmicas sociais complexas. No Vale do Rio Doce, a migração internacional consolida-se como uma estratégia de emancipação econômica, onde o sucesso relativo de migrantes anteriores (mensurável através do acúmulo de patrimônio, construção de casas, aquisição de bens ou envio de remessas) sinaliza para a comunidade que os benefícios superam os riscos conhecidos. Essa percepção gera um efeito demonstrativo que normaliza a mobilidade internacional como um caminho viável, senão desejável, para a melhoria da condição de vida. A própria estrutura social local adapta-se a essa realidade: surgem agentes especializados em empréstimos para custear a viagem, formam-se redes de com ligações locais (os "coiotes mineiros") e o aprendizado sobre táticas de evasão (como por exemplo qual rota tomar, o que dizer aos agentes de fronteira ou como obter documentos temporários) torna-se um conhecimento partilhado, difundido informalmente.

Os habitantes do Vale do Rio Doce que se lançam nesse percurso, utilizando estratégias como o cai-cai encontram um cenário radicalmente mais hostil do que o enfrentado pelos conterrâneos das gerações anteriores. As mesmas políticas de endurecimento migratório estadunidense como a expansão do programa MPP, a aceleração das deportações e a restrição ao asilo que foram analisadas em escala macro, descem com todo seu peso sobre a realidade concreta desses novos migrantes. Eles são desta forma duplamente enquadrados: primeiro, pelas condições socioeconômicas restritivas de sua região de origem, que os empurram para a migração; e segundo, pelo aparato burocrático-policia do país de destino, que os criminaliza pela mesma jornada que entendem como necessária. O "sonho americano" para essa geração não é apenas uma aposta calculada, mas uma empreitada que exige navegar por um labirinto de controles ampliados, onde cada nova barreira estatal é contornada por um serviço clandestino adicional e potencialmente mais caro que os valores acertados no país de origem.

2.5 Cai-cai, Darien e externalização de fronteiras

O "cai-cai" é um método caracterizado pela entrega voluntária de migrantes às autoridades norte-americanas após realizarem uma travessia para os Estados Unidos, buscando iniciar processos de pedido de asilo que, em muitos dos casos, são negados ou prolongados em trâmites burocráticos (Assis, 2025). Do ponto de vista conceitual,

o "cai-cai" encapsula a relação entre agência e desamparo migratório: enquanto os migrantes utilizam brechas legais, sua mobilidade é condicionada por estruturas de poder que alternam entre acolhimento temporário e repressão calculada. Essa prática emerge como um tipo de tecnologia da migração frente à securitização das fronteiras, onde estratégias são mobilizadas para navegar um sistema migratório intencionalmente hostil, como evidenciado pelas políticas de "prevenção pela dissuasão" que canalizam rotas para zonas desérticas letais.

Estratégias aparentemente contraditórias como a entrega voluntária a autoridades migratórias, depois de se esconder no México se constituem como táticas de sobrevivência em um cenário de crescente militarização das fronteiras; transformando brechas legais em oportunidades precárias de permanência. Essa dinâmica deve ser compreendida à luz das políticas migratórias oscilantes dos EUA nas últimas décadas, que alternam entre uma retórica humanitária seletiva como no acolhimento temporário de famílias com crianças, e medidas explicitamente repressivas, a exemplo do programa Remains in Mexico, que forçou mais de 71 mil solicitantes de asilo a aguardarem em cidades mexicanas perigosas entre 2019 e 2021. Além disso, a violência em cidades fronteiriças como Ciudad Juárez incluindo extorsão por redes de tráfico e crises humanitárias documentadas em na etapa de campo, reforça a precariedade desse fenômeno, que expõe migrantes a riscos como sequestros, violência sexual e mortes (686 casos registrados em 12 meses até 2023).

A partir de 2019, o endurecimento da política migratória pelo governo de Donald Trump tornou mais difícil a concessão de vistos, empurrando muitos imigrantes potenciais para a migração indocumentada. Nesse cenário, pesquisadores e lideranças de GV apontaram para um crescimento da onda migratória familiar pelo "cai-cai", o que se repercutiu até na mídia nacional (O Globo, 2023). Essas notícias e observações empíricas na cidade, realizadas durante o campo, são corroboradas pelas informações sobre prisões de brasileiros com crianças na fronteira (Assis, 2021). No ano de 2021, esse tipo de apreensão atingiu recordes históricos.

Esse tipo de trabalho permite se apropriar das formas pelas quais os migrantes, diante de dispositivos de controle, têm possibilidade de transformar brechas legais em estratégias de sobrevivência. Por exemplo, a prática de cruzar a fronteira em família incentivada por coiotes como garantia contra deportação é uma prática que coincide com as políticas de separação familiar da era Trump. Essas táticas não são apenas

reativas, mas produtoras de novas formas de agência, como as formas pelas quais as populações migrantes compartilham informações sobre abrigos e proteção.

Em 2021, o chefe do Serviço de Repressão ao Tráfico de Pessoas e ao Contrabando de Migrantes da Polícia Federal divulgou que, em média, cada migrante paga cerca de USD 20 mil aos coiores pela travessia da fronteira. As ações da Polícia Federal em Minas Gerais¹⁷ contra redes de migração ilegal são documentadas em fontes oficiais e jornalísticas consolidadas. A Operação Guia da América (Governador Valadares, julho/2025), divulgada no portal da PF e no G1, desarticulou um esquema que organizava viagens irregulares aos EUA via México, com bloqueio de R\$ 2,2 milhões em bens e identificação de 85 pessoas transportadas (incluindo menores). A Operação EL Peso (Ipatinga/Bugre, março/2025), reportada pelo G1, investigou pai e filho por contrabandear 700 pessoas (227 menores) entre 2018-2024, cobrando US\$ 15–21 mil por pessoa e usando veículos das vítimas como pagamento.

Para aqueles cujos processos pré-migratórios são sistematicamente negados como destacado por Victoria Finn (2019), a negociação com sistemas hostis ocorre através de táticas adaptativas. A mobilidade familiar, neste sentido, surge como resposta a deportações seletivas, revelando a resiliência diante de sistemas que criminalizam o migrante. A negociação migrante em contextos de burocracia excludente é um jogo de improvisação e resistência, onde redes informais, brechas e economias paralelas sustentam trajetórias que os Estados tentam impedir. Práticas que desafiam noções tradicionais de legalidade, enquanto expõem a contradição entre a retórica humanitária e a realidade repressiva das fronteiras. Para entender a migração contemporânea, é essencial olhar para as micro estratégias de sobrevivência que, embora precárias, redefinem o significado de agência em um mundo cada vez mais hostil aos deslocamentos.

A externalização de fronteiras é uma estratégia geopolítica na qual países ricos, como os EUA e nações da União Europeia, transferem o controle migratório para países intermediários (como o México, Turquia ou Líbia), criando barreiras extraterritoriais que impedem migrantes e refugiados de sequer alcançarem suas

¹⁷ Reportagens encontradas em: <https://www.gov.br/pf/pt-br/assuntos/noticias/2025/07/pf-deflagra-operacao-contrabando-de-migrantes-em-governador-valadares-mg>
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-08/operacoes-da-pf-prendem-integrantes-de-redes-de-migracao-ilegal>
<https://www.gov.br/pf/pt-br/assuntos/noticias/2025/07/pf-deflagra-operacao-contrabando-de-migrantes-em-governador-valadares-mg>

fronteiras físicas. Essa prática transforma nações vizinhas em "guardas" terceirizados, combinando pressão diplomática, financiamento e tecnologias de vigilância. Esses acordos transformam o México no responsável por deter migrantes antes que alcancem a fronteira norte-americana, enquanto os EUA evitam assumir obrigações legais e humanitárias. A militarização da Guarda Nacional mexicana, com treinamento e recursos estadunidenses, é um exemplo claro dessa terceirização

A externalização (Iturralde, Piñeiro. 2021) é um jogo de xadrez geopolítico onde países centrais movem peças. O caso do México é paradigmático: transformado em um "Estado-tampão" através de acordos como o "Remains in Mexico", o país foi coagido a assumir o controle migratório que os EUA se recusam a exercer dentro de seus próprios limites territoriais. A militarização da Guarda Nacional mexicana, financiada e treinada pelos EUA, evidencia como a externalização opera na prática - uma combinação de pressão econômica, cooperação forçada e completa desconsideração pelas consequências humanitárias.

Esta externalización responde a un paradigma de securitización que consiste en replantear el ejercicio de la soberanía allende las líneas divisorias de los Estados-nacional. En la práctica implica estirar la frontera para multiplicar las instituciones involucradas en su manejo mediante la directa o indirecta cooperación de países del Sur global, que asumen la gestión de flujos migratorios no deseados que se originan en sus territorios o transitan por ellos (Eguren, 2017; Varela, 2015; Baggio, 2010). De esta forma se ha venido fortificando una frontera vertical (Soriano, 2017), que se traduce en más muros físicos, operativos y detenciones de personas migrantes que son criminalizadas a lo largo del tránsito y que varían en su intensidad, según quienes protagonizan los desplazamientos, la retórica de los gobiernos de turno y la coyuntura. Dicho control también ha justificado que se restrinjan los canales regulares para migrar, que se endurezcan los requisitos para solicitar refugio o asilo, y que se configuren esquemas como tercer país seguro y primer país de llegada, que en la práctica transfieren la responsabilidad de la protección internacional a otros Estados (Ortega, 2020; Frelick et al., 2016). Iturralde e Piñeiro, 2021.

Essa divisão de funções na arquitetura da externalização expõe seu verdadeiro objetivo: não a gestão migratória, mas a criação de múltiplas camadas de distanciamento entre as potências centrais e as consequências de suas políticas. Enquanto isso, corpos migrantes continuam a se acumular - nas selvas do Darién, nos desertos da fronteira norte-mexicana, ou nas celas superlotadas de El Salvador - testemunhas silenciosas de um sistema global que prefere a violência institucionalizada à reforma migratória. Essa lógica, articulada com discursos de crise migratória, permite que Estados ricos terceirizem a violência, enquanto migrantes

tornam-se "corpos descartáveis" em rotas cada vez mais perigosas, como o deserto de Sonora ou a selva de Darién. Esta contribuição auxilia no desvelamento da externalização como um projeto geopolítico que redefine soberania, cidadania e humanidade em escala global.

A fronteira México-EUA revela como a externalização é um projeto colonial contemporâneo: os EUA subcontratam a violência, enquanto o México enfrenta crises humanitárias e diplomáticas. Para Marinucci (2022), essa dinâmica não apenas viola direitos humanos, mas redefine a soberania, tornando-a fluida e negociável. A rota do Darién onde 400 mil migrantes arriscaram a vida em 2023 exemplifica como a ausência de vias legais alimenta redes de tráfico e violência. Essa dinâmica confirma o argumento de que a "ilegalidade" é uma construção estatal que justifica a exclusão, não um atributo intrínseco aos migrantes (Finn, 2019).

A persistência de soluções paliativas, como a detenção em massa e a externalização de fronteiras (e.g., programa Remains in Mexico), evidencia a incapacidade dos Estados de abordar as causas profundas da migração: desigualdade inter-regional, colapso ambiental e a precarização do trabalho no Sul Global. Como alerta George Martine (2005), a migração é um "termômetro" das falhas da globalização um sistema que, ao mesmo tempo que gera riqueza, produz deslocamentos em escala.



Imagem 5 - Migrantes cruzam uma cerca de arame farpado perto de um muro de fronteira às margens do Rio Grande, visto de Ciudad Juárez, México. Fotografia tirada em 18 de setembro. Jose Luís Gonzalez/Reuters

Essa dinâmica consolida um novo paradigma na geopolítica migratória: os EUA não apenas terceirizam fronteiras (como fazem com o México ou o Darién), mas também delegam a função punitiva a regimes dispostos a ignorar direitos humanos em troca de benefícios políticos e econômicos. O resultado é um circuito perverso em que migrantes e minorias são criminalizados sem provas, deportados sem recurso e trancafiados em prisões que funcionam como depósitos de indesejáveis sob o pretexto de segurança nacional. Enquanto isso, Trump vende essa máquina repressiva como sucesso, ignorando que seu legado real é a normalização da violência de Estado como política migratória. Os mesmos países que fecham fronteiras dependem do trabalho desses migrantes indocumentados. A externalização não é exatamente sobre segurança interna, mas sobre manter corpos indesejáveis longe do Norte, mesmo que isso signifique transformar toda a América Central em um campo de violações de direitos a céu aberto.

3. ENTREFOLHENSE AUSENTE E A EXPERIÊNCIA DA AMÉRICA RADICALIZADA



Imagem 6 - Escudo do clube de futebol Entrefolhense Ausente. A ideia de ausência, ou da necessidade do ausentar-se temporariamente como parte dos caminhos de um processo de emancipação de si é algo que permeia as perspectivas da juventude entrefolhense por gerações. Esta expressão também dava nome a principal festa popular do município que reuniu por mais de 25 anos muitos conterrâneos em migrações regionais; a festa como também clube ajudam a cristalizar o ideário de pertencimento e mudança que atravessa a sociabilidade local. Ajuda a construir um tipo de pertença mesmo em um contexto de mobilidade, portanto me apropriado desta expressão.

Antes de adentrarmos as trajetórias específicas que compõem o corpus desta análise, é crucial situar o conceito que unifica as trajetórias destes: a noção de "Entrefolhense Ausente". Mais do que uma expressão do repertório local, ela se revela um operador social fundamental em comunidades cuja experiência é profundamente marcada pela mobilidade, muitas cidades na região têm festas em que celebram os ausentes. Esta análise parte do pressuposto de que o deslocamento, longe de ser um acidente ou uma falha, constitui um eixo organizador da vida social e familiar em Entre Folhas. A ausência temporária ou sazonal se consolida como uma condição social ativa e legítima, uma etapa quase ritualística no ciclo de vida, especialmente entre os jovens.

A emigração internacional de pessoas deste município é comumente concebida e vivenciada coletivamente, como uma espécie de empreendimento familiar. Trata-se de um investimento simbólico e material do grupo doméstico, no qual a saída de um ou mais de seus membros não representa um rompimento, mas uma estratégia de expansão de seu alcance e recursos. A "emancipação" individual, portanto, é indissociável de uma rede de obrigações e expectativas coletivas, que converte a ausência em um caminho socialmente validado.

Se, historicamente, a mobilidade dos habitantes de Entre Folhas e demais municípios do Vale do Rio Doce se direcionava principalmente a centros regionais em Minas Gerais além das regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, nas últimas décadas ela se intensificou e redefiniu seu alcance com a emigração para os Estados Unidos. Este salto complexificou a escala e o significado da ausência: o deslocamento, antes circunscrito a uma esfera cultural familiar, tornou-se uma incursão em um ambiente de fronteiras rígidas, idioma distinto e uma competitividade acirrada. A "América" transforma-se no palco principal onde o êxito do empreendimento migratório é colocado à prova de forma mais decisiva, e onde o sucesso adquire um peso maior, redefinindo a condição do migrante em um contexto transnacional.

A expressão nomeia, portanto, uma pertença moldada pela mobilidade, uma chave para compreender como a reprodução social e econômica da região articula-se com a capacidade de seus habitantes negociarem criativamente presença e ausência em panorama global. Para analisar esta experiência, que se transforma diante da progressiva radicalização *anti-immigrant* nos Estados Unidos, o material etnográfico aqui apresentado organiza-se em dois eixos: *walkscapes* e linhas de vida. Através das linhas de vida, acompanhamos as narrativas dentro deste novo paradigma da migração, costurando as transformações discursivas de agentes estatais e a nova arquitetura da gestão migratória às incidências sobre famílias originárias do Vale do Rio Doce. No eixo *walkscapes* emergem cinco paisagens descritas por nossos interlocutores onde a condição migrante foi experienciada e *percorrida*, materializando o processo de aquisição de novos sentidos, capturando a adaptação a modos de funcionamento muitas vezes opressivos ou excludentes, de forma sensível inscrevendo no corpo em um novo regime de sinais e possibilidades, redefinindo os contornos concretos da ausência e do pertença

3.1 Notas sobre a realização de um sonho pálido e custoso

A migração internacional contemporânea se apresenta como um complexo processo de transformação espacial e subjetiva, onde trajetórias individuais e coletivas se entrelaçam com estruturas políticas e geográficas. Através das *linhas de vida* (Tim Ingold) e da composição de *walkscapes* (Francesco Careri) exploraremos dimensões significativas da experiência desses entrefolhenses nos EUA, que sob condições de hostilidade e incerteza, reinterpretem trajetórias e ressignificam os espaços que atravessam e ocupam. Os percursos migratórios, longe de serem uma linha reta, compõe uma trama de possibilidades que se abre e se fecha conforme o corpo avança, recua ou se adapta. Quando um migrante deixa seu país de origem, carrega consigo não apenas uma mala, mas um conjunto de expectativas: trabalhar, juntar dinheiro, retornar. No entanto, a realidade do percurso e do destino marcada pela violência das fronteiras, na precariedade dos empregos, e pela solidão impõe uma reelaboração constante dessas trajetórias.

Essa dinâmica se torna mais significativa quando consideramos o principal país de destino dentre os brasileiros no exterior, os EUA, historicamente idealizado como terra de oportunidades, se apresenta como território hostil: leis restritivas, xenofobia, exploração laboral. Diante disso, o migrante é obrigado a se reconstruir não apenas seus planos, mas sua própria percepção de futuro, em uma constante reflexão estratégica e existencial de um projeto migratório. O que era imaginado como uma estadia temporária pode se prolongar em uma permanência indefinida, e mesmo o sonho de retornar ao Brasil e iniciar o próprio negócio pode se tornar um compromisso de permanência; seja para os planos originais ou para aqueles que surgem no caminho como a necessidade de garantir a educação e os direitos dos filhos. Anteriormente delineado por um projeto mais ou menos estabelecido, o projeto migratório contemporâneo tem suas barreiras multiplicadas (Mezzadra, 2015), tornando-se um terreno movediço, onde cada decisão, desde o tipo de trabalho até o aprendizado de um novo idioma redefinem os contornos da experiência.

Neste processo, os espaços liminares sejam eles as fronteiras e seus esconderijos, nos abrigos do ICE, nas comunidades marginalizadas frente a sanha nativista e xenofóbica, adquirem novos significados, a partir desses espaços e relações a apreensão da América. O centro de detenção pode ser um lugar de controle

para o Estado, mas, para o migrante, torna-se um espaço de encontros e trocas simbólicas, de reavaliação da sua própria condição de existência e dos desafios que ainda não se apresentaram. Palavras nas paredes, histórias sussurradas entre detentos, pequenos rituais de resistência: tudo isso compõe um *walkscape* invisível para o poder, mas vital para quem o habita. Da mesma forma, as cidades de destino são reinterpretadas através de práticas cotidianas, os bairros transformam-se em enclaves afetivos; igrejas se tornam em larga medida comunidades de apoio; e o trabalho informal, embora precário, se torna uma poderosa forma de agência.

Para apresentar o material colhido em campo e analisá-lo a partir de uma perspectiva que respeite a processualidade da construção de sentidos na trajetória migratória, mobilizo os conceitos de *walkscapes* e linhas de vida. O conceito de *walkscape* nos ajuda a entender como o ato de caminhar, atravessar e habitar se torna uma prática criativa de intervenção no mundo. Cada passo dado no deserto do Arizona, cada noite passada em um abrigo no Texas, é uma marca efêmera que confere centralidade a apreensão do espaço durante este processo radical, ajudando a firmar lugares de memória, medo e resistência. De forma complementar, mas não acessória, as *linhas de vida* de Ingold nos lembram que essas trajetórias são fios entrelaçados de histórias, afetos e reinvenções: o migrante não apenas se move; ele *se tece* no mundo e deixa rastros. Como apresentado, esta é uma proposta de leitura da migração como um processo de criação de espaços, identidades e futuros improvisados. Integrando esses diversos espaços e experiências, podemos compreender também como um processo contínuo de criação e recriação de mundos.

As fronteiras, transformam-se em arquivos vivos de memória coletiva; instituições de controle são desafiadas por micropáticas de resistência; as cidades são reimaginadas através de usos cotidianos; e o espaço digital expande as possibilidades de conexão e organização. As linhas de vida dos migrantes não seguem trajetórias retilíneas, mas se entrelaçam, dobram e se reinventam diante da realidade.

“Na teoria ingoldiana, os materiais que compõem o mundo não existem como objetos do mundo material, mas “ocorrem”, pois as propriedades dos materiais consideradas constituintes de um ambiente não podem ser identificadas como essenciais e fixas nas coisas, ao contrário, são sempre processuais e relacionais. Por isso, para o autor, todos os organismos, das pedras às pessoas, são “colmeias de atividades” que pulsam com o fluxo de materiais, cujas propriedades são histórias condensadas que os mantêm vivos, se misturando e se modificando.” (FONTGALAND, 2017)

Ao apresentarmos essas trajetórias nas próximas seções, trato não apenas suas histórias individuais, mas principalmente como essas linhas se entrelaçam e determinam aspectos importantes da migração brasileira na Filadélfia. Mesmo em condições jurídicas distintas, todas participam da construção coletiva de espaços híbridos que caracterizam a experiência diaspórica contemporânea. As linhas que unem o Vale do Rio Doce à Filadélfia não são meras rotas geográficas, mas fios de que se recompõem a cada nova barreira. Criando raízes em solo instável, negociando identidades múltiplas e mantendo, contra as probabilidades, uma possibilidade de um futuro que abarque ambos os lados do hemisfério O que emerge é a noção de que a migração é, acima de tudo, um ato contínuo de reinterpretação. Nesse sentido, acompanhar as trajetórias não se trata de um exercício de mapeamento de novas rotas, mas entender como, mesmo sob condições adversas, eles redesenham constantemente o campo do possível para si, para suas famílias e para as comunidades que os acolhem (ou os rejeitam).

3.2 Linhas de vida: agência, situação, condução

A partir do material captado ao longo dos meses de pesquisa, discutimos como as condições jurídicas não apenas delimitam sua permanência física, mas moldam aspectos cruciais de sua existência transnacional. Como sugere Ingold (2015), as trajetórias são linhas vivas que entrelaçam geografias, estratégias e narrativas em constante transformação. As diferentes condições jurídicas geram universos paralelos dentro de uma mesma comunidade, o que torna essas trajetórias particularmente reveladoras é como elas condensam, em microcosmo, os grandes dilemas da migração na era da radicalização política. Quando acompanhamos uma família migrante buscar atendimento médico (e arriscar ser detectada) para fazer o pré-natal do primeiro filho ou constatamos que existem redes paralelas para poder encontrar medicamentos de fabricação brasileira para cuidar da própria saúde, muitas vezes evitando a ida a um hospital, estamos diante de muito mais que uma escolha pessoal estamos vendo como as políticas migratórias se materializam no cotidiano, transformando corpos em campos de disputa. Quando observamos uma jovem navegando entre o inglês da escola e o português em casa, testemunhamos a gênese de novas identidades culturais que desafiam categorizações rígidas. Cada passo,

estratégia de acesso, adaptação jurídica, cada rede de apoio tecida nas igrejas ou nos grupos de WhatsApp vai desenhando, no acumular dos dias, paisagens sociais complexas onde o espaço físico e as relações humanas se fundem. São caminhos que se emaranham constantemente - entre a legalidade e a clandestinidade, entre a preservação cultural e a assimilação, entre o sonho americano e possíveis projeto de retorno.

Esta pesquisa trata de percursos aparentemente individuais e familiares, mas que convergem na consolidação de padrões sociais mais amplos de um panorama comum às formas de mobilidade contemporânea. Na América e no mundo, cada indivíduo e família, à sua maneira, é simultaneamente produto e produtor de paisagens sociais em constante transformação, onde cada passo dado, cada decisão tomada, ajuda a redesenha os contornos do possível para aqueles que virão depois. Através desta ótica, a agência migrante se manifesta não como um rompimento heroico com as estruturas, mas na contínua reelaboração dos percursos perante obstáculos em mutação. As linhas de vida não são traçadas uma vez, mas refeitas a cada nova barreira legal, a cada mudança no cenário político, a cada nascimento ou luto na família transnacional. O fio que hoje se dirige ao sonho americano pode, amanhã, encurvar-se em direção a um projeto de retorno ou desviar-se, num movimento de constante busca por frestas no sistema. Dessa forma, a atenção não está concentrada no destino dessas linhas, de muitas formas incerto, mas na sua própria capacidade de persistir, de se entrelaçar e de seguir tecendo, contra todas as adversidades, uma paisagem de espera, luta e pertencimento.

A linha de vida, em sua possibilidade de constante tecitura, revela a migração não como uma simples transição entre dois pontos, mas como um modo de existência tensionado por forças opostas. Ela materializa a contradição entre a hipermobilidade transnacional e a imobilidade imposta por fronteiras rígidas e estatutos jurídicos precários. Evidência, ainda, o paradoxo entre a conexão virtual permanente com a comunidade de origem e a desconexão física e afetiva do cotidiano familiar; entre o enraizamento projetado em um futuro idealizado e o desenraizamento experienciado no presente. Dessa forma, a imagem da malha em movimento não oferece uma solução harmoniosa para estas tensões, mas as acolhe como sua condição de possibilidade. Ela demonstra que viver na migração é, em última instância, habitar

estes fios contraditórios, negociando-os a cada passo, e encontrando, no próprio ato de tecer e retesar a malha, a agência para persistir¹⁸

Tabela 2 - Método, rota e idade no momento da travessia de nossos interlocutores

Interlocutor	Ocupação	Ano de partida/chegada *duração da viagem	Idade	Tipo de Travessia	Local de entrada
Jorge	Carpinteiro	2020/2021 – 4 meses	25	Por fora Rio Grande / Cai-cai (Desembarque no México)	Miguel Alemán-Tihuaana/San Diego
Barbara	Housecleaner	2020/2021 – 5 meses	24	Por fora Rio Grande / Cai-cai (Desembarque no México)	Miguel Alemán-Tihuaana/San Diego
Jeferson	Construção Civil	2023 – 5 meses	27	Por fora – Deserto (Rota na américa central)	Não conseguiu identificar a rota a partir do norte do México -
Júlio	Carpinteiro	2017 – 2018 – 4 meses na primeira – menos de um mês na segunda	28	Cai-cai/ Por fora – Deserto	Juárez/ El Paso - New Mexico
Walto	Empreiteiro	2015 – 2016 – 3 meses e 15 dias.	38	Por fora – Deserto (Desembarque no México)	Juárez/El Paso
Vicente	Carpintaria - Acabamento	2020 – Menos de um mês	39	Travessia / Cai-cai (Desembarque no México)	Mexicali/San Diego
Sandra	Manicure	2020 – Menos de um mês	36	Travessia / Cai-cai (Desembarque no México)	Mexicali/San Diego
Tamires	Estudante	2020 – Menos de um mês	18	Travessia / Cai-cai (Desembarque no México)	Mexicali/San Diego

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹⁸ Os nomes que acompanham estas trajetórias foram cuidadosamente escolhidos para proteger identidades reais em meio a relatos verdadeiros parte integrante da metodologia que orientou esta pesquisa. Assim como os migrantes constroem estratégias de (in)visibilidade para navegar entre fronteiras físicas e jurídicas, adotamos o mesmo cuidado ético ao apresentar suas histórias. A opção por nomes comuns na região de origem não é aleatória. Busca preservar o caráter coletivo das experiências, lembrando que cada "Silva" e "Oliveira" representa dezenas de famílias reais cujas estratégias se entrelaçam nos *walkscapes* da mobilidade internacional. Essa tentativa busca dialogar diretamente com o que observamos em campo: assim como os migrantes frequentemente precisam recalibrar suas identidades, nesta abordagem também se praticou a adaptação, os perfis mantêm a fidelidade às dinâmicas sociais estudadas enquanto procura resguardar os participantes

3.2.1 Família Oliveira, pedido de Asilo como um novo tipo de Projeto Coletivo (Vicente, 38 anos; Sandra, 35 anos; Tamires, 18 anos)

Na trajetória da família Oliveira do Brasil aos Estados Unidos a possibilidade de solicitação de um pedido asilo surgiu como uma estratégia (Assis, 2025), em um tipo de empreendimento coletivo. Após uma primeira tentativa solitária de entrar nos Estados Unidos que não foi bem-sucedida havendo sido preso e deportado em 2017, Vicente e sua família conseguiram realizar a entrada em território americano em 2020, no chamado *cai-cai*. A partir do pedido de asilo da família Oliveira é possível uma apreensão mais complexa acerca da empreitada migratória: em poucos anos de diferença a forma e os objetivos do projeto migratório se reestruturaram, para além do conhecimento adquirido, onde cada tentativa falha se transforma em experiência para uma tentativa seguinte, a decisão da família inteira emigrar expõe transformações profundas nas possibilidades de mobilidade internacional (Biavatti, Siqueira, 2011; Assis, Siqueira, 2009) no município de origem e no país de destino.

O processo migratório desta família incluiu detenção inicial após a travessia realizada nas proximidades de San Diego. Após um breve período de detenção de poucos dias houve a liberação deste grupo mediante a solicitação de asilo na justiça dos EUA. Esta forma de entrar no território americano se difundiu bastante entre brasileiros entre 2015 e 2023 anos ajudando a identificar um novo perfil de emigrados originários do município. É importante salientar que a partir da entrada no processo legal de um pedido de asilo, ou seja, após a liberação pelo ICE e posterior alojamento desta família na Filadélfia, houve o tratamento diferenciado entre os cônjuges: a esposa foi submetida a três meses de tornozeleira eletrônica, monitorada por um aplicativo e visitas domiciliares, enquanto Vicente obteve liberdade, segundo o que ele compartilhou pelo fato de ser apontado como responsável econômico principal.

A experiência da esposa de Vicente, Sandra, exhibe um tipo particular de contato institucional não do tipo que deixa marcas visíveis, mas a que se insinua no cotidiano através de dispositivos de controle, burocracias exaustivas e uma vigilância que transforma o espaço doméstico em extensão da fronteira migratória (Dias, 2025). Enquanto seu marido, Vicente, obteve liberdade condicional Sandra carregou por alguns meses uma tornozeleira eletrônica que limitava seus movimentos a um raio de poucas centenas de metros ao redor de sua casa. O dispositivo, mais do que uma restrição física, era uma lembrança constante de sua nova condição.

Neste grupo familiar foram abordados todos os integrantes, e todos compartilharam aspectos do processo de migração. A filha do casal Tamires atualmente com 18 anos experimentou outros aspectos da adaptação a nova residência. Frequentou em Filadelfia o equivalente ao ensino médio brasileiro e compartilhou uma série de detalhes também deste processo de sua família durante a entrevista. Como pesquisador foi possível perceber nesta interlocutora mais do que em qualquer outra a necessidade de organizar sua experiência através de uma conversa muito aberta sobre a experiência transnacional.

Tamires: {...} meu pai já tinha ficado preso uma vez né, e não deu certo... e ele acabou voltando pra casa. E aí ele já sabia como funcionava o processo, e já tinha uma ideia do que tinha que fazer... já tinha uma ideia do que fazer para vir pra cá. Então foi um tempo bem curto entre o tempo que eu recebi a notícia até o momento em que eu vim pra cá, pelo que eu me lembro. Aí meus pais me deram a informação, aí fomos eu e minha mãe a Belo Horizonte tirar meu passaporte... e eu me lembro que assim que o passaporte chegou em nossas mãos, depois de algumas semanas a gente já estava arrumando pra vir.

Como é que foi para você?

Tamires: De MG até SP foi tranquilo, uma viagem tranquila. Porém quando saímos do México para fazer a travessia foi complicado... porque não chegamos lá a gente não tinha comido direito, a gente não tinha dormido direito... a esperança era a gente ficar num hotel e descansar e esperar a travessia até o dia seguinte, e não foi isso que aconteceu. Assim que nós chegamos no México, a gente tinha acabado de sair de um voo... nós chegamos no México e já fomos de madrugada fazer a travessia com várias pessoas de noite e tinha um chinês... ele mostrou para as pessoas o caminho e deixou a gente sozinho na mata e a gente teve que basicamente descobrir o caminho sozinhos. E lá tinham dois morros, a gente subiu um primeiro, ao chegar lá no topo descobrimos que era o morro errado e já estava de manhã. Você não pode ser pego do lado de dentro do México, senão você é deportado. Então você tem que ser pego do lado de dentro dos Estados Unidos... Então a gente teve que voltar, descer o morro e subir o outro, e já era de manhã... nós fomos chegar no outro morro e passar para os Estados Unidos já eram 11 da manhã talvez. E a migração só chegou pra buscar a gente já era a tarde, e tinha criança, e adultos passando mal, sem comer e sem beber. Foi bem difícil.

A narrativa de Tamires sobre a migração da família Oliveira revela como a experiência do deslocamento se inscreve na memória familiar de forma sensível. Seu relato começa com um aprendizado crucial: a tentativa de travessia do pai em 2017, que retornara após ser preso, se tornou um tipo de conhecimento estratégico para a segunda tentativa. "Ele já sabia como funcionava o processo", explica Tamires. A experiência desta jovem e sua família mostra situações que ultrapassam as fronteiras

físicas, seu relato acrescenta à análise migratória a dimensão da memória corporal: a fome, o cansaço e o desorientação como marcas dessa apreensão das novas condições que serão experimentadas a partir daí.

Curiosamente, em nenhum momento Sandra ou seus familiares relataram ter sofrido maus-tratos diretos por parte das autoridades norte-americanas. A violência apreendida aqui era de outra ordem. Simbólica, difusa, inscrita no tecido do dia a dia (De Genova, 2004, 2020). As visitas surpresa de agentes migratórios que podiam bater à porta a qualquer hora, inclusive o envio de mensagens na madrugada não é explicitamente abusivas, mas criam um clima de insegurança permanente. As limitações de movimento não eram gritantes, mas suficientes para lembrá-la de que seu direito de permanência estava sempre por um fio.

Não é necessário o uso de violência explícita quando se pode estabelecer exigências burocráticas que consomem tempo e energia mental e mantendo o status jurídico desses e de outros milhares de imigrantes em um limbo calculado. A trajetória desta família nos lembra que, na era do discurso securitário, a fronteira não está apenas nas linhas imaginárias entre países, mas nos tornozelos das mulheres migrantes, nos aplicativos de seus celulares, e nos espaços virtuais onde suas vidas são julgadas através de telas de computador. A violência, em sua forma simbólica, não deixa hematomas, mas redefine silenciosamente os limites do possível.

3.2.2 Júlio, juventude e paternidade nos Estados Unidos (27 anos, filha de 4 anos nascida nos EUA)

Júlio, 27, carrega a experiência de quem tentou "virar o jogo" ainda muito novo. Como muitos entrefolhenses, teve seu primeiro contato real com a possibilidade de fazer o sonho americano aos 20 anos, quando um esforço familiar conjunto aquele tipo de aposta que junta economias de parentes, possibilitou sua primeira tentativa de travessia. Reconheceu ao longo de nossas interações que geralmente "é bem difícil ter em mãos os valores necessários", lembrando como o incentivo financeiro da família foi crucial para dar o primeiro passo em direção a uma vida que imaginava melhor.

Júlio tentou a travessia para os Estados Unidos duas vezes. Na primeira, em 2017, optou pelo "cai-cai" - estratégia comum que emulava sua idade, posicionando-o como filho de outra pessoa com documentos falsos (Assis, 2025). O plano fracassou: detido ainda na fronteira, foi inicialmente enviado para uma instituição de menores, onde passou quase um mês antes que revisassem sua situação. Em nossa entrevista, contou com ironia, que aprendeu xadrez e um pouco de espanhol com os outros detentos. A diversidade linguística do centro de detenção foi seu primeiro contato real com o multiculturalismo americano, ainda que vivido através das grades. Quando finalmente corrigiram o seu status, transferiram-no para uma casa de detenção comum, onde permaneceu por mais três meses antes da deportação em um tempo excepcionalmente longo, considerando a urgência com que o governo americano costuma tratar esses casos durante o que classificou como "crise migratória" (Mezzadra, 2005; Iturralde, Piñeiro, 2021).

Deportado, Júlio surpreendeu a todos e inclusive a si mesmo ao tentar novamente em menos de 45 dias após a primeira deportação. "Não tinha o que perder". A segunda tentativa foi ainda mais traumática: 31 dias de uma jornada descrita como "cinematográfica" em seu suspense e desfecho, passando por hotéis na fronteira mexicana onde as batidas policiais eram tão frequentes quanto imprevisíveis. "Tinha que sair correndo sem saber pra onde", lembra.

Júlio: Aí eu optei pagar um pouco mais caro e passar por fora, mesmo assim é perigoso demais, igual. Minha viagem demorou 30 dias, eu acho, 31 dias, não sei. Nesse período, fiquei lá no México, lá na Fronteira, lá no hotel, lá a cestinha é batida da própria polícia mexicana, sabe? Tinha que sair correndo sem saber nem para onde.

O preço alto prometia menos riscos, mas a realidade na fronteira mexicana foi outra história. Por 31 longos dias, Júlio se transformou em um especialista da sobrevivência em hotéis das cidades fronteiriças no norte do México sendo obrigado a se esconder por conta própria em muitos momentos. Quando finalmente chegou a hora da travessia, tudo foi repassado pelos coiotes com muita seriedade: Seriam movimentos rápidos e em pequenos grupos, indicaram como ponto de encontro o estacionamento do Walmart. Júlio só descobriu depois que esta tinha sido a parte menos assustadora. Chegando no Walmart deram início a uma longa claustrofóbica jornada dentro da carenagem de um caminhão até atravessarem a fronteira - quatro

horas e meia imóvel, sob mantas térmicas, com uma garrafa plástica como único banheiro.

Aí depois disso aí, estava saindo picado. Saía um, saía dois... desse trilho aí para atravessar o checkpoint. E quando chegou na minha vez, o cara pegou, me levou para o estacionamento do Walmart. E lá eu entrei no caminhão, aí eu andei tipo assim, na cabine normal ali, com o motorista até perto do checkpoint.

Depois ele fez um outro parada para abastecer. Está ali, ó. Aí já me colocou eu dentro da carenagem do caminhão. O mano lá tirou a carenagem do caminhão assim, aí eu entrei lá dentro. Então ele colocou umas mantas em cima de mim, assim e tampou de novo. Tipo assim... Se acontecesse alguma coisa. De por exemplo, prender o caminhão. Uma coisa assim, quem que ia me tirar de lá, entendeu?

Hoje Júlio vive na Filadélfia onde trabalha na construção civil, não experimentou outros estados americanos. Sua vida ganhou novo significado com o nascimento da filha, hoje com 4 anos, fruto de seu relacionamento com outra migrante brasileira. A menina, cidadã americana por direito de nascimento, personifica muitas questões advindas de sua condição: enquanto ela tem todos os direitos que lhe são negados, Júlio segue como uma presença clandestina, vivendo na corda bamba da ilegalidade, sob a ameaça constante da deportação (Assis,2022). Essa assimetria jurídica cria uma paternidade truncada, ele é pai, mas um estrangeiro perante a lei cuja situação. Sua história revela como as políticas migratórias falham ao ignorar os laços familiares transnacionais. Cada tentativa frustrada de regulamentação posterior não significou desistência, mas adaptação da mesma forma que sua deportação, não seria o fim da jornada, mas o prólogo de uma próxima travessia.

Nas linhas de vida de migrantes como Júlio, as fronteiras não são linhas no mapa, as experiências sensoriais, estéticas, jurídicas e morais apreendidas de forma total em sua trajetória são elementos que ajudam a consolidar uma outra perspectiva da condição migrante ao acessarem o exterior (Iturralde, Piñeiro,2021). Seu caso expõe a ficção jurídica que trata os migrantes como indivíduos isolados, quando na verdade são pais, filhos, e responsáveis cujos vínculos transcendem as fronteiras que tentam contê-los. E Júlio pretende seguir encontrando maneiras novas formas de estar ao lado da filha se caso algum dia for deportado, mesmo que isso signifique desafiar, repetidas vezes, todo o aparato de controle migratório.

3.2.3 Walto Silva, entre o projeto e a provisoriedade da condição migrante (38 anos, 8 anos nos EUA)

A história de Walto, um entrefolhense de 38 anos estabelecido na Filadélfia desde o ano de 2016, é um retrato complexo das contradições da experiência migratória. Pressionado pela falta de perspectivas em sua cidade natal e pelas demandas financeiras da família com relação à saúde, Walto embarcou em uma jornada que ele mesmo descreve como "um salto no escuro". Seu relato sobre a travessia pelo México é um manual sobre a economia informal das rotas migratórias:

Walto: Esse tipo de esse tipo de situação é o seguinte. Você vai no boca a boca mesmo que sempre alguém, um fulano que apresenta um outro fulano que conhece alguém que faz a viagem, ou que conhece o coiole... Você não tem como ter uma referência não, esse aqui é bom ou se que é ruim. É, bem como uma aventura, bem no escuro. Você, você, você sai daí, e se entrega na mão de uma pessoa que você nunca viu. E durante o percurso, o coiole que você conhece aí no Brasil nem é chamado coiole. Na verdade, eles são atravessadores de informações e depois se descobre o porquê... Você só tem contato com ele aí, a partir daí do momento que eles te colocam no avião e chegou no México, dali pra frente você passa na mão de 10 ou 15 pessoas diferentes até você chegar na Fronteira.

Seus primeiros onze meses na Filadélfia foram um aprendizado duplo: técnico e moral. Empregado por dois conterrâneos já estabelecidos, Walto experimentou na pele as ambiguidades dos laços de solidariedade. O empréstimo para a viagem que se transforma em um instrumento de controle (parte do salário foi sendo retida até quitar a dívida) e o desgaste entre as partes levou ao rompimento não só profissional, mas também pessoal (Fusco, 2000, 2005). Enquanto isso, aprendia na prática a diferença entre a alvenaria brasileira e a carpintaria estrutural americana em jornadas exaustivas de 10-11h por dia, a US\$ 14/hora, o "salário de ajudante recém-chegado".

"Aprendi que tipo de exploração é possível de um migrante sobre outro", disse em entrevista com a voz carregada de uma decepção que ainda sente. Quando, após um ano de trabalho, seu empregador se recusou a aumentar seu salário para os US\$25/hora praticados entre outros Walto tomou a decisão que mudaria seu destino e fez seu movimento: ferramentas compradas com as economias, uma caminhonete financiada e a recusa categórica a continuar como horista. "Ou você aceita ser sempre o 'ajudante', ou cria coragem para virar patrão". Hoje, como dono de um negócio na construção civil, Walto navega contradições diárias, contrata outros migrantes, mas

impõe limites aprendidos na própria pele. Mantém relações com clientes americanos, mas depende das redes que um dia o empregaram e vive um relacionamento com pessoa documentada cujo status oferece alguma segurança para sua família. Hoje com uma filha pequena nascida na Filadélfia não é possível apagar as condições sob as quais *habita* os EUA.

Na obra, entre vigas de madeira e projetos de carpintaria estrutural tão diferentes da alvenaria brasileira que já dominava e para a qual teve que “aprender do zero”, Walto configurou uma existência nos interstícios do sistema. “Na Filadélfia construí casas e reconstruí minha vida”, reflete. “Mas aqui, até o sucesso vem com prazo de validade.” Sua trajetória desenha o mapa de uma ascensão precária, onde cada degrau conquistado pode não garantir a documentação esperada. “Quem não ousa fica eternamente no US\$14/hora”, diz, resumindo a filosofia da ousadia que o moveu de ajudante de pedreiro a empresário. Mesmo com infraestrutura, ferramentas e clientes, Walto sabe que seu empreendimento repousa sobre frágeis bases jurídicas.

A situação de Walto Silva encapsula contradições do sistema migratório americano: possui uma empresa opera na legalidade graças a documentos temporários (como *work permit* e *social ID* vinculados ao seu processo de asilo), mas sua permanência no país permanece sob constante ameaça diante do avanço das políticas anti-imigração. Sua história revela como os migrantes navegam em zonas cinzentas da lei, onde a regularização parcial não elimina a precariedade estrutural. Esta trajetória manifesta especificamente contradições entre a precariedade jurídica dos migrantes irregulares e a dependência econômica dos EUA em relação a essa mão de obra. Mesmo como empresário estabelecido na Filadélfia, sua condição migratória irregular o mantém vulnerável às políticas anti-imigração cada vez mais rígidas, especialmente sob o governo de D. Trump, que intensificou deportações e restrições na fronteira. Uma linha de vida que revela como migrantes desenvolvem estratégias de resistência, nas brechas no sistema e redes comunitárias para garantir sobrevivência e mobilidade econômica, mesmo sem segurança jurídica plena. Enquanto os EUA deportam milhares de latino-americanos, eles continuam dependendo do trabalho de homens como Walto, que constroem casas, movimentam a economia e, cuja situação é sobretudo provisória.

3.2.4 Família Ribeiro. Jorge, Barbara e o filhote

A travessia de Jorge e Bárbara não foi uma jornada linear rumo aos EUA, mas um labirinto de violências administradas por redes criminosas que transformam migrantes em mercadorias. Seu percurso evidencia como a migração irregular se estruturou como um *mercado fragmentado*, onde cada etapa desde o recrutamento à travessia final é controlada por atores distintos, muitas vezes em conflito, mas todos lucrando com a vulnerabilidade alheia. O casal, que deixou Entre Folhas em outubro de 2021 com a esperança de conseguir se estabelecer economicamente, encontrou-se preso em um limbo geográfico e jurídico: nem no México, nem nos EUA, mas em um território de exceção onde pessoas em vulnerabilidade constituem novas formas de obter lucro (Iturralde, Piñeiro, 2021; Assis, 2022;2025).

O método de entrada foi o chamado "*cai-cai*", mas sua trajetória destoa das narrativas frequentes sobre a travessia. O primeiro coiole (brasileiro) a fazer o contato, um intermediário que nunca apareceu pessoalmente, e todo seu contato se deu apenas por mensagens, os direcionou até o norte do México e desapareceu após receber US\$10 mil, sem repassar o valor à rede mexicana (segundo os coioles mexicanos). O grupo local exigia mais US\$5 mil para liberá-los, uma prática de extorsão bastante comum em rotas controladas por cartéis, a segurança desses migrantes é "negociada". O que deveria ser uma espera de dias virou um cativeiro. Ao serem abandonados por este coiole brasileiro com esta quadrilha na região de Tamaulipas no México, tornaram-se reféns de uma economia perversa, os guardas do esconderijo ocupavam o degrau mais baixo dessa cadeia: mal pagos, usavam violência psicológica ("o ICE está batendo em todo mundo") para justificar atrasos e extrair mais recursos. Enquanto isso, líderes permaneciam invisíveis, protegidos por camadas de intermediários, sabiam apenas o nome de um dos coioles que vigiava o esconderijo e mesmo assim não saberiam dizer se é um nome falso.

Barbara simulou uma gravidez desde o início da jornada uma estratégia observada em rotas migratórias, onde corpos gestantes são simultaneamente: proteção contra violência sexual e fonte de ansiedade crescente. Há uma ideia entre as migrantes de que mulheres grávidas seriam menos visadas em casos de violência neste contexto, pois "não ajudam os negócios" desses atravessadores por transformar a rota em algo ainda mais perigoso; à medida que as semanas passavam, Bárbara temia que a barriga sem uma criança fosse descoberta. O pânico de ser submetida a

"inspeções" pelos captores ou de Jorge reagir a provocações tornava-se insuportável e os impactos psicológicos são notórios em suas falas.

Aí eu cheguei na Filadelfia em 14 de março de 2021. Faltavam 3 dias pro meu aniversário. E foi assim... uma loucura. Cheguei com a cabeça muito traumatizada aqui dentro. O tempo foi me curando.

A dinâmica experimentada no cativeiro expôs divisões de gênero cruéis, onde os homens se tornam muito facilmente alvos de violência direta e as mulheres se tornam de muitas formas corpos sob vigilância: Bárbara durante o cativeiro evitava até mesmo ir ao banheiro sozinha, temendo assédio. Seu medo maior à esta altura era que Jorge reagisse a uma agressão e fosse morto. Essas condições foram o início de um jornada que ainda demorou meses para encerrar. Depois disso, após conseguirem se desvencilharem desse primeiro grupo atravessaram para os EUA a partir de outro ponto, essa travessia também resultava no método cai-cai. A partir daí, mais dois meses de detenção na carceragem do ICE, só então conseguiram acessar os EUA em liberdade (Dias, 2025; Assis, 2022, 2025).

O filho de Jorge e Bárbara, hoje uma criança que expressa palavras em inglês e português, é a prova viva de que a migração irregular não é uma linha reta, mas um labirinto de violências repaginadas. Sua certidão de nascimento é, ao mesmo tempo, um salvo-conduto e um lembrete de que a cidadania dos filhos não cura a clandestinidade dos pais apenas a torna mais suportável. No caso dos homens, essa desumanização assume a forma de masculinidade esfacelada, onde proteger, prover e resistir são atos impossibilitados pelo sistema. Em Entrevista com o Jorge em 08 de fevereiro:

Jorge: E assim ele falava... então eu falei normalmente (com o coitado). E eu estava nesse dia... eu ficava conversando com ele. E eu já estava muito magro, muito magro. Eu emagreci uns 15(kg). E neste meio tempo? Desde que eu saí do Brasil, eu saí junto com minha mulher e eu tinha... quer dizer, a gente tinha, uma história por segurança. Porque a gente não sabia o que a gente ia encontrar. Eu falei que a minha mulher estava grávida. Desde quando a gente saiu, falava que a minha mulher estava grávida. E nesse meio tempo, a minha mulher ficava o tempo todo de blusa de frio para parecer que ela tinha alguma. Alguma coisa para.... para eles não perceberem que ela não estava grávida, então eu falei para ele nesse dia. E meu nariz estava sangrando muito nesse dia, meu nariz estava saindo muito sangue e eu conversando com ele: eu preciso voltar para trás, estou passando muito fome, minha mulher está grávida, eu preciso voltar, eu já realmente não aguento mais, talvez isso não seja para mim. Eu vejo que você faz as coisas; você sempre deixou claro desde o começo mostrei para ele o comprovante que já paguei já 10000 USD, na Esperança de que eles fossem pagar vocês para atravessarem a

gente. E eu acho que esse dinheiro não chegou... Desde então, eu não posso confiar na pessoa que saiu comigo do Brasil e não tenho dinheiro para pagar vocês, os 18 mil, para nós os 2 chegar lá. Então eu quero pagar você o valor que, se for possível para mim, para mim, voltar lá para o aeroporto onde você me pegou. Aí na sexta-feira ele falou: Tira o dinheiro que eu tiro vocês daqui na segunda-feira. Aí fechamos e assim foi feito.

Aí mais uma vez eu tive que arriscar em meu dinheiro que eu pensei que eu tinha. Já realmente já estava acabando nesse meio tempo, os 20000 USD que eu estava e tinham aqui para mim para me enxergar nessa viagem. Está chegando ao fim, enfim, aí... Ele realmente cumpriu a palavra dele na segunda-feira de manhã, chegou o mesmo homem que chegou com a gente lá, que roubou nessas malas antes de chegar no abrigo.

Essas são evidências de como a travessia é *fraturada* não apenas geograficamente, mas socialmente: cada ator (coiotes, policiais corruptos, migrantes) opera com lógicas distintas, mas todas convergem para a exploração das condições que esses emigrantes vivem. A simulação de gravidez por Bárbara mostra como neste contexto conturbado a questão do gênero estrutura até mesmo as estratégias de proteção:

Entrevista com a interlocutora Bárbara em 19 de fevereiro do ano de 2025

Bárbara: Sim, quando eu saí do Brasil não tinha isso de se entregar para a polícia da migração ainda...

Bárbara: Aí depois desses três meses que a gente já estava lá (no México) aí que isso aconteceu... De todo mundo poder se entregar para a polícia. E aí a gente atravessou lá (Tihuana/ San Diego) e se entregou lá para o Border Patrol... A gente se entregou, eles nos colocaram nos carros deles e nos levaram para os abrigos. Aí do abrigo... eu fiquei no abrigo uns dois dias... aí me mandaram para a cadeia mesmo.

A mudança de rota depois do início da viagem é uma situação bastante comum. Os esquemas envolvem pessoas no Brasil que fazem a ponte entre esses emigrantes e quadrilhas no México. O que se chama de coiole aqui nada mais é que uma conexão entre clientes e prestadores de serviços, a partir do momento em que os emigrantes saem do país não existe nenhum mecanismo que vá coagir essas pessoas a cumprir com compromissos ilegais realizados sobre fronteiras internacionais. Em entrevista com a interlocutora Bárbara em 19 de fevereiro do ano de 2025

Bárbara: A gente saiu do Brasil para atravessar pelo deserto. Não tinha o tal do cai-cai aberto. A gente veio e ficou na mão de gente perigosa na fronteira por três meses...e depois disso resolveram lá...tiraram dinheiro da gente. Dinheiro que a gente nem tinha e enganaram a gente. Ficaram com o nosso dinheiro. E depois que a gente saiu da mão desse grupo ... a gente voltou (para Monterrey). A

gente conheceu esse outro coioite (que tomava conta da casa onde estavam escondidos) e conversamos com ele para ver se ele levava a gente para trás...para o México (fora da fronteira). A gente estava na fronteira para atravessar e disseram que não atravessaram porque o coioite brasileiro não estava pagando-os...Estavam só pegando o dinheiro da gente e não repassando para quem atravessa. Aí esse coioite mexicano voltou com a gente para o centro do México... E aí a gente ficou sem coioite por um tempo. Por conta própria um tempo pensando se a gente voltava pro Brasil, que a gente já tinha sofrido muito até ali ou tentava enfrentar o México de novo, a travessia... Durante este tempo (3 meses) já tinha aberto novamente o cai-cai.

Abriu e a gente entrou em contato com uma outra pessoa para ser nosso coioite. Ele cobrou outro valor para trazer a gente. O dinheiro gasto até ali ficou perdido... e a gente chegou aqui e teve que pagar esse dinheiro(perdido). A gente tinha pegado e perdido. A gente teve que pagar duas viagens no caso. E a nossa viagem ficou absurdamente cara por conta disso. A gente se entregou pelo cai-cai.

3.2.5 Jeferson, fronteiras externalizadas e novos percursos

(27 anos, solteiro, 2 anos nos EUA)

A trajetória de Jeferson, 27 anos, solteiro e natural de Entre Folhas, também não se resume a uma simples mudança geográfica, mas encarna as transformações brutais nas dinâmicas migratórias contemporâneas, marcadas pela externalização das fronteiras estadunidenses e pela multiplicação de zonas de risco ao longo de rotas cada vez mais fragmentadas (Pombo, 2022). Sua história não começa na chegada aos Estados Unidos, mas muito antes, quando a política migratória norte-americana, ao fechar suas portas tradicionais, empurrou milhares de migrantes para circuitos ainda mais perigosos, onde a violência não é um acidente, mas um mecanismo estrutural de controle.

Jeferson saiu de São Paulo de avião, como turista, mas seu destino nunca foi a Colômbia, era apenas o primeiro elo de uma cadeia de deslocamentos complexos. A rota aérea inicial, que poderia parecer uma facilidade, revelou-se uma armadilha. Ao desembarcar na Guatemala, ele e outros três brasileiros foram sequestrados por grupos locais especializados em extorquir famílias de migrantes em trânsito. O sequestro, nesses casos, não é um evento excepcional, mas uma etapa quase burocrática do percurso, um imposto invisível cobrado por atores que operam nas brechas da externalização fronteira (Marinucci, 2022). A exigência de um resgate via chamada de vídeo com ameaças explícitas de morte, não foi um acaso da jornada, mas um produto direto dessa geopolítica da migração que transforma trajetórias em

negócios. Enquanto os EUA endurecem seus controles, países como Guatemala, México e Panamá se tornam palcos de uma violência que não aparece nos relatórios oficiais, mas que é tão parte do sistema migratório quanto os postos de fronteira.

Uma vez nos Estados Unidos, a vida de Jeferson não se normalizou. Estas barreiras jurídicas não se encerram ao transpor a fronteira ela se estende para o cotidiano dos migrantes, onde a falta de documentos limita de muitas formas, deixando a disposição de intermediários que podem lucrar com sua vulnerabilidade. A moradia compartilhada, os apps de entrega com endereços falsos, as contas digitais no Brasil para receber remessas; tudo isso não é improvisado, mas adaptação forçada a um sistema que exige clandestinidade como moeda de sobrevivência.

Jeferson: Minha ideia mesmo era ter ido direto para Massachussets, mas como eu tive problemas sérios para chegar com os chamados coitotes. Eu não sei se pode falar... Eles... Quando saí de Entre Folhas eles me deram um endereço, tudo direitinho, e assim que eu saí de lá... eu não tive mais contato direito com eles... a gente teve um problema muito grande. Da minha família contra eles. Eles ficaram extorquindo a gente. E eles deram um endereço falso aqui na Filadelfia para caso a migração pegasse. Então se eu fosse pegar voo para outro local que não fosse a Filadelfia, ali mesmo eu já seria detido e seria inquirido sobre o porquê estava indo a outro lugar, e qual o motivo da minha mudança... Então aí eu fui obrigado a vir pra cá por conta deles mesmo, por conta desse endereço que me deram. É, e tipo assim, ainda demorou um pouco e chegar aqui. Eu saí no caso dia 30 de maio. chegar aqui no estado em um dia... 4 de outubro. Eu fiquei do dia 20 de agosto, até o dia 4 de outubro que eu fiquei preso.

A violência do percurso migratório não termina na chegada. Ela se metamorfoseia, no medo de batidas do ICE, na impossibilidade de acessar serviços de saúde, na solidão, onde o migrante nunca está totalmente integrado. Jeferson, assim como vários interlocutores não frequenta igrejas brasileiras, não participa de festas comunitárias, não criou na Filadelfia laços duradouros. Sua experiência está ligada ao trabalho e ao ambiente doméstico, em um loop que repete em escala menor a mesma lógica da travessia: mover-se sem deixar rastro. Uma estadia sobretudo discreta.

A trajetória de Jeferson revela, em última instância, é que a externalização das fronteiras não é apenas uma política de Estado, mas um mecanismo produtor de violências em cascata (Iturralde, Piñeiro, 2021; Mezzadra, 2025; Pombo, 2022; Dias, 2023, 2025, 2025). Cada nova barreira erguida nos postos oficiais desloca o risco

para territórios menos regulados, onde sequestros, extorsões e exploração laboral não são falhas do sistema, mas seu funcionamento esperado. A migração, nesse contexto, não é mais uma travessia, mas uma negociação permanente com a precariedade e Jefferson, como tantos outros, aprendeu a sobreviver nesse jogo onde as regras são escritas para que ele sempre perca.

3.3 *Walkscapes migrantes, do background às ressignificações*

Na geografia mutante da migração contemporânea, corpos em movimento escrevem, com seus passos, histórias que desafiam as fronteiras físicas e simbólicas do mundo globalizado. Esta seção desdobra cinco paisagens onde se inscreveram as trajetórias de nossos interlocutores nos Estados Unidos - *walkscapes* que revelam tanto as estratégias de controle do Estado-nação quanto as táticas criativas de quem atravessa esses espaços. Como nos lembra Sayad (1998) em sua análise sobre a "dupla ausência" do migrante, essas trajetórias são marcadas por uma dialética constante entre pertença e estranhamento. Pretendo apresentar como esses *walkscapes* (Careri, 2013) se constituem tanto como espaços de controle como de reinvenção existencial.

Os cinco *walkscapes*, Entre folhas como background: migração como alternativa; Fronteiras: entre tudo o que está aqui, e o que está lá; This is America: experiência estética de uma nova condição; Filadelfia: interação e integração em outros ares; e Walkscapes Digitais: intercâmbios, habitações e participação política. Não são compartimentos estanques, mas dimensões que se interpenetram na experiência migratória, emaranhados de relações por meio das quais os emigrantes experimentam em primeira mão a América. Revelando como, mesmo sob uma "*blitzkrieg anti-immigrant*"¹⁹, o movimento destes agentes continua a inscrever suas histórias sobre os lugares. Cada passo dado, seja no deserto do Arizona ou no subúrbio da Filadélfia, nos ambientes virtuais ou no confinamento do centro de detenção, é ato político de existência. Como nos lembra Careri, caminhar é sempre

¹⁹ O termo "*blitzkrieg anti-immigrant*" será empregado para designar o avanço rápido de políticas institucionalizadas contra o sujeito migrante, caracterizada principalmente pela implementação de medidas via decretos executivos, pelo redirecionamento de tropas para fronteiras, prisões em massa no início do segundo mandato, a criminalização de redes de apoio e principalmente uma retórica oficial que associa abertamente imigrantes a "invasores", "criminosos" e "ameaças raciais", legitimando violência estrutural.

intervir no mundo - e nesse caso, intervir contra as forças que buscam apagar essa possibilidade de mobilidade. As linhas de vida dos migrantes brasileiros nos EUA, longe de serem meros deslocamentos geográficos, são fios que compõe novas configurações espaciais, sociais e existenciais no tecido da mobilidade contemporânea.

Em uma perspectiva sobretudo relacional, os migrantes não apenas e simplesmente "atravessam" espaços pré-existent, mas os tecem continuamente através de seus movimentos, transformando lugares, sejam estes pelo deserto ou pelo Rio Bravo, em caminhos de sobrevivência, detenções em espaços de memória coletiva, e perfis digitais em territórios de reinvenção e de alguma maneira, resistência. A vulnerabilidade neste sentido não é um atributo fixo, mas uma condição que emerge dessas dinâmicas entrelaçadas - assim como a resiliência não é propriedade individual, mas fruto dessas mesmas redes de relações que constituem as práticas de trânsito migratório transnacional como paisagens em permanente transformação.

No rastro de mobilidades contemporâneas onde políticas de controle se aceleram como incursões-relâmpago contra a população migrante, criando um clima de suspense acerca de sua condição progressivamente vulnerabilizada, entrefolhenses ausentes inscrevem trajetórias que, portanto, ressignificam os espaços através do qual apreendem o novo conjunto de condições. Seguindo a ontologia processual de Ingold (2015), os fenômenos não podem ser compreendidos como mera interação entre objetos discretos (migrantes e fronteiras, políticas e corpos), mas como um *campo contínuo de forças e relações em devir*.

3.3.1 Entre Folhas como background: migração como alternativa

O município de origem no Vale do Rio Doce configura-se como um *walkscape* (Careri, 2013) estruturante, ou seja, uma paisagem percorrida e significada pelo movimento que antecede e molda as trajetórias migratórias. Sob a ótica de Tim Ingold, esse espaço não é um mero cenário, mas uma malha de linhas de vida tecida por práticas cotidianas, histórias coletivas e o imaginário social em torno da emigração. Aqui, a sociabilidade é permeada pelas narrativas de chegadas e partidas, pelos feitos daqueles que partiram e pela presença ausente dos que emigraram. Estas práticas e narrativas antecipam, no próprio tecido da vida local, o esforço migratório vindouro, constituindo um repertório experiencial compartilhado.

Este *walkscape* opera, portanto, como um "laboratório migratório" (Margolis, 2013). Nele, redes microrregionais atuam como fios condutores ou "linhas", disseminando informações vitais sobre destinos, rotas, custos e estratégias de sobrevivência. Este processo coletiviza o projeto migratório muito antes da partida física, transformando a emigração irregular de uma decisão individual em um empreendimento socialmente estruturado e legitimado. A materialidade da paisagem testemunha essa temporalidade peculiar: as casas inacabadas, com seus segundos andares eternamente "em construção", são a encarnação espacial dessa suspensão entre partida e retorno prometido. Elas simbolizam não apenas o investimento futuro, mas a própria natureza processual e inacabada da habitação migrante, ecoando a ideia de Ingold de que habitar é um "*processo contínuo de devir*" no mundo.

A consciência da migração, seja ela temporária ou permanente, como uma saída econômica viável e consistente é, assim, se consolida e reproduz neste ambiente. Quando os jovens do Vale do Rio Doce chegam a destinos como a Baja Califórnia, Tamaulipas, Nuevo León ou Filadélfia, eles não partem de um vácuo. Carregam consigo, corporificadas (Ingold, 2000), referências – ainda que fragmentárias – deste *walkscape* originário. Sabem, intuitivamente, como se orientar em paisagens hostis e como negociar um lugar na economia informal, replicando estratégias de sociabilidade e resiliência aprendidas e praticadas no cotidiano do interior mineiro. Os relatos daqueles que já cruzaram a fronteira circulam como herança comum neste *background* entrefolhense – detalhes sobre preços de *coiotes*, esconderijos no norte do México ou endereços confiáveis em Filadélfia são trocados com a mesma naturalidade que se negocia o preço do café, evidenciando a permanência das redes e dos fluxos informativos.

Portanto, embora a paisagem física do Vale e de Entre Folhas tenha sido deixada para trás por estes emigrantes, o *walkscape* originário não desaparece; ele se recalibra. Isto demonstra que a emigração irregular é menos uma ruptura radical e mais o desdobramento lógico de um modo específico de habitar o mundo, já inscrito nas paisagens, economias informais, relações sociais e práticas corpóreas cultivadas e percorridas no Vale do Rio Doce. A jornada migratória, sob esta luz, surge como uma linha que se estende a partir do *walkscape* estruturante, confirmando a premissa de Careri de que caminhar é um ato de conhecimento e construção do espaço, e a visão de Ingold de que a vida é uma constante tecedura de percursos no mundo.



Imagem 7 - Banner retirado do site da Prefeitura Municipal do município

É crucial ressaltar que este *walkscape* não se forma à revelia das condições materiais locais, mas justamente como resposta ativa à sua aspereza. As cidades do Vale do Rio Doce constituem em muitos sentidos uma paisagem pedagógica de adversidade, de escassez de postos de trabalho que efetivamente desestimulam a permanência, principalmente entre os jovens. É precisamente na textura desgastada deste *walkscape* que se forja o argumento mais persuasivo a favor da emigração. As condições estruturais do lugar e a sensação de asfixia diante de um futuro previsível não são apenas pano de fundo, mas agentes ativos que moldam uma percepção específica sobre a cidade.

A paisagem como um território de afetos nem sempre positivos converte-se, principalmente diante da população não estabelecida economicamente, em um catálogo de limitações e a permanência uma opção cada vez menos viável. A imagem oficial do município, com suas panorâmicas que emolduram uma certa ideia de comunidade, é constantemente confrontada nesta experiência cotidiana de quem a percorre. A migração, portanto, não é um desejo abstrato por "vida melhor", mas a conclusão lógica de uma equação vivida no corpo e na biografia, onde a aspereza do presente local sobrepõe-se ao risco calculado de um futuro em solo estrangeiro (Neves apud. Marin, 2017). A cidade, assim, é cada vez menos percebida como um lugar de permanência e cada vez mais como uma paisagem de partida.

3.3.2 Fronteiras: entre tudo o que está aqui, e o que está lá

A compreensão da fronteira como conceito central para a formação histórica e cultural dos Estados Unidos, conforme explorado por Jean-Pierre Fichou em *A Civilização Norte-Americana*, vai além da mera expansão geográfica. Fichou destaca suas potentes dimensões simbólicas e ideológicas, ancorando-a como um "lugar de

memória" fundador da identidade nacional em um palimpsesto inacabado de significados que transcende o episódio histórico. Esta visão, contudo, ganha nova profundidade quando confrontada com o trabalho de Robert R. Alvarez Jr. em *The Mexican-US Border: The Making of an Anthropology of Borderlands* (1995). Alvarez redefine a fronteira como um espaço dinâmico de produção cultural e um "vibrante laboratório" antropológico, privilegiando metodologicamente uma antropologia engajada que articula escalas e dá voz aos marginalizados. É precisamente nesta paisagem em desenvolvimento, física, política e simbólica, que as perspectivas de Francesco Careri e Tim Ingold revelam sua força analítica.

Como propõe Careri, o *walkscape* emerge da ação de percorrer, transformando o espaço abstrato em lugar vivido. Já Ingold enfatiza que o movimento gera uma compreensão prática e encarnada do mundo: os corpos aprendem a ler sinais invisíveis (padrões de vigilância, rastros, marcas efêmeras como boias de pneu e garrafas de água) e os convertem em mapas vivos e táteis. Esta apreensão no movimento revela a fronteira não como linha estática, mas como um campo de forças onde cada passo demanda reinterpretação dos anteriores, tecendo narrativas longitudinais de resistência.

Neste *walkscape* fronteiriço, os checkpoints internos, rotas clandestinas e marcos improvisados funcionam como "nós" onde se condensam experiências coletivas. Tal como peregrinos deixam oferendas, os migrantes inscrevem suas passagens na paisagem não como gestos isolados, mas como elos numa cadeia contínua de conhecimentos práticos. A fronteira estendida torna-se, assim, um palimpsesto de histórias corporais, onde habitar é incessantemente reconfigurar o espaço através do movimento.

Seguindo a lógica do caçador Sami que lê rastros no bosque, o migrante decifra marcas deixadas por predecessores: câmaras de ar posicionadas, panos amarrados em arbustos, sulcos no solo indicando passagens seguras. Este saber é tátil-cinestésico, não representacional: o corpo aprende a distinguir o ruído do vento do zumbido de drones, a textura da areia firme do solo traiçoeiro. Enquanto a Border Patrol vigia através de mapas e coordenadas, a experiência migrante transforma a fronteira num *walkscape* de improvisação calculada, onde cada pegada é simultaneamente leitura e escrita do território. Não emerge uma rota fixa, mas uma malha de possibilidades que se reconstrói a cada operação policial ou nova barreira –

evidenciando como, mesmo sob fragmentação e controle extremos, o conhecimento habitante persiste como ato criativo de espacialização.

O corpo migrante opera, assim, como instrumento cognitivo primordial, decifrando e ressignificando os espaços fronteiriços através de uma percepção aguçada pelo risco. Cada dor muscular, calo ou cicatriz constitui um registro vivo e encarnado da travessia. Esta experiência corporal contínua, construída passo a passo, contrasta radicalmente com a desconexão da experiência cosmopolita de pessoas documentadas para realização deste trânsito. Como o peregrino de Ingold, o migrante tece uma narrativa longitudinal coerente: cada marco físico (um rio cruzado, uma cerca escalada) ressignifica os anteriores e antecipa os próximos, gerando "linhas de vida entrelaçadas" que convertem a fragmentação espacial aparente numa trajetória unificada.

É crucial destacar, contudo, que esta experiência corpórea unificadora sofre uma inflexão qualitativa decisiva após a entrada no espaço estadunidense. O *walkscape* da fronteira que antes se caracterizava pela leitura tátil da natureza e pela improvisação frente ao controle físico imediato (cercas, patrulhas no deserto), recalibra-se para enfrentar um novo tipo de paisagem: uma geografia institucional densa e multifacetada. O corpo migrante, já aguçado pelo risco, precisa aprender a decifrar e navegar um complexo ambiente de regulação, vigilância burocrática e exclusão legal. A leitura de sinais migra para os códigos implícitos da cidade: padrões de patrulha policial em bairros de imigrantes, rotinas de postos de trabalho suscetíveis a batidas, redes de apoio comunitário sob tensão, e a constante sombra da deportação. Este novo *walkscape* institucional, como discutiremos adiante, impõe uma semiose específica uma leitura de sinais de perigo e oportunidade inscritos no tecido urbano e nas interações sociais que redefine as estratégias de movimento, invisibilidade e pertencimento no interior dos Estados Unidos. A fronteira física cede lugar a novas fronteiras nas trajetórias das pessoas indocumentadas, onde o ato de habitar se torna um exercício contínuo de mapeamento tático de um espaço social e jurídico hostil.



Imagem 8 - Multidão de imigrantes tenta cruzar o Rio Grande, no Texas, nos EUA. Foto: Christian Chavez/AP Dez. 20, 2022. Por: Christian Chavez/A²⁰

3.3.3 This is America: Experiência estética de uma nova condição

O migrante adentra em um novo *walkscape* institucional que se estende das abordagens do CBP e ICE às audiências migratórias, em uma paisagem imaterial que o constitui como *corpo fora da lei* e, contemporaneamente, como *invasor* (Dias, 2022, 2025, 2025*). Esta rede de mecanismos performa cotidianamente a condição de indesejável, transcendendo os limites físicos do cárcere para impregnar sua existência num regime de ilegalidade. Nos centros de detenção, essa lógica é experienciada em uma temporalidade contraditória: enquanto relógios institucionais marcam prazos rígidos para recursos jurídicos sistematicamente sabotados pela sobrecarga do sistema e políticas restritivas, os corpos migrantes experimentam uma temporalidade espessa onde minutos dilatam-se em dias e semanas dissolvem-se na monotonia do confinamento.

²⁰ Acesso em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/12/27/pedidos-de-asilo-nos-eua-se-multiplicam-e-atingem-marca-recorde.ghtml>

Cada gesto, seja um olhar evitado, uma resposta medida em interrogatório, o silêncio diante de uma autoridade, vai se tornando um ato de navegação tática nesta cartografia da exclusão. A vigilância deixa de ser um evento pontual (como a Border Patrol) para se tornar uma atmosfera constante a partir dali: internalizada como ansiedade difusa, traduzida no cálculo permanente de riscos e na antecipação paranoica da deportação. Habitar este espaço é aprender a ler códigos ocultos: a entonação de um funcionário, a demora no agendamento de uma audiência, o significado de um carimbo em um documento. Aqui, o caminhar migrante transforma-se em uma imobilidade burocrática através de labirintos administrativos onde a autonomia se reduz à capacidade de esperar sem desintegrar-se

A trajetória da interlocutora Bárbara (entrevista em 19/02) ilustra essa máquina burocrática. Seu depoimento expõe como o sistema converte sofrimento psicológico em obstáculo:

E eu fiquei por uns 30 dias presa lá dentro, na cadeia mesmo. Porque estava na época de COVID. No auge do COVID. Ai a gente tinha que fazer a quarentena lá dentro. Aí esperava, quem ia passando e quem não ia passando. Aí eu fui demorando a ser liberada... eu vi muita gente sendo liberada e eu não sendo liberada. Gente, saindo rapidinho e eu não fui. Eu fiquei desesperada lá dentro, comecei a chorar muito. Foi uma psicóloga lá e falou que eu estava chorando muito... e que eu poderia ser um risco para as pessoas lá dentro e para mim mesma. E aí ela mandou me isolar lá dentro da prisão. Eu fui isolada simplesmente por estar chorando muito.

Por eu ter passado já por muita coisa até chegar ali... acho que me deu um desespero lá dentro entendeu? Aí me isolou. Passaram a me revistar depois que eu comia, para saber se eu tinha pegado garfo para poder fazer alguma coisa.

Eu não entendi nada...ficaram em cima. eu tinha o hábito de dormir com a minha cabeça tampada, e eu não podia tampar minha cabeça para dormir. Eles ficaram me vigiando. E ficava 24 horas uma pessoa na janelinha da porta me olhando. Revezava. Eles ficavam na porta me vigiando.

Teve uma mulher lá que me disse que eu não deveria chorar mais. Quanto mais eu chorar, mais eu vou ficar aí...

Seu desespero pós-traumático, em uma legítima resposta a uma jornada de violências, foi patologizado como "comportamento de risco", justificando isolamento celular e vigilância 24 horas ao dia (Sales, 1998). Longe de acelerar seu acesso a cuidados, a intervenção psicológica transformou-se em empecilho burocrático: enquanto testemunhava outros detentos com processos "menos complicados" seguirem adiante (seja deportados ou liberados), seu caso permanecia paralisado. A

suposta assistência reduzia-se a remédios para ansiedade em gestos performáticos que medicalizam sem curar, expondo outras práticas internas do aparato institucional.

Diferentemente da fronteira sul, onde o conhecimento se adquire caminhando, aqui a apreensão das condições de existência como *immigrant* emergem de uma imobilidade forçada, tensa. O corpo confinado torna-se arquivo vivo dessa experiência estética do cárcere, brutalmente pedagógica acerca da nova condição. As cores institucionais (o bege das paredes, o verde dos uniformes), os sons metálicos das portas se fechando, o cheiro de desinfetante misturado com suor, uma manta de alumínio insuficiente para conter o frio. Todos os aspectos que convergem para impressão sensorial de que se está *fora do humano*.



Imagem 9 - Mulheres e crianças em celas para imigrantes em Douglas, Arizona, em setembro de 2015. As imagens foram divulgadas em 2016 após um grupo de imigrantes contestarem as condições de detenção. Serviço de Alfândegas e Proteção das Fronteiras dos EUA via Conselho Americano de Imigração ²¹

A imagem sintetiza a arquitetura material e simbólica do *walkscape* carcerário-institucional. A composição revela corpos reduzidos a volumes anônimos, confinados em um espaço que nega a individualidade e a dignidade. A presença de crianças e mulheres evidência como a lógica da ilegalidade é performada mesmo sobre corpos

²¹ Acesso em: <https://www.hrw.org/pt/news/2018/03/12/us-freezing-cells-detained-migrants>

socialmente codificados como vulneráveis, tornando tangível a atmosfera de vigilância e desespero que o depoimento de Bárbara narra. A imagem é um arquivo da experiência do confinamento, onde o frio do concreto, a luz artificial e a proximidade claustrofóbica convergem para imprimir no corpo a marca do indesejável.

Walto: Quando você vai preso aqui, você é pego. Você é colocado numa sala com. dezenas de pessoas. eu fiquei... Onde eu estava, eu tinha 108 pessoas. Aí, Ali eles te dão um cobertor de na verdade, um papel alumínio, não é um cobertor. É um pedaço de papel alumínio. Ou você se cobre ou você corre no chão. Você é conhecida esse lugar é conhecido como geleira.

Pesquisador: Tipo assim, é para quebrar a vontade de ficar lá. Mesmo, né? Tipo assim, deixar o mais.

Walto: Quebrar sim, é onde é onde eu acho que é o direitos humanos. Não existe guia porque aquilo ali é desumano. Aquele lugar ali é desumano. Foram os 4 dias ali que você pede pra enfiar dentro de um buraco. E você fica sem banho, sem escovar, dente, é, dão banheiro lá, o banheiro de quem está ali está te vendo usar o banheiro. Eles te dão limitação? É biscoito aquele biscoitinho de maizena para o para o para o espaço para se diminuir. Outra hora é uma maçã, outra hora secou ali de tantas em tantas horas. Mas aí você, você usar o banheiro dentro da frente, todo mundo. A água que você beber é um. É um garoto de água. Você tem um copo, sei lá, beber, você não pode jogar fora. Aqueles 4 dias eu prefiro eu troco os 90 que eu passei no presídio dos 4.

As narrativas de Walto e Bárbara sobre sua detenção nos Estados Unidos revela uma paisagem institucional projetada para aniquilar a dignidade enquanto suprime os números de encontros na fronteira. Sua descrição da “geleira” com celas superlotadas onde migrantes recebia apenas um pedaço de papel alumínio como cobertor, expõe a violência estrutural de um sistema que transforma corpos em números. *“108 pessoas numa sala... você usa o banheiro na frente de todos, bebe água num copo sujo que não pode jogar fora. Aqueles 4 dias foram piores que 90 no presídio”*. Como Walto sintetiza: *“Direitos humanos? Ali é onde eles acabam”*. Essa frase cortante define a contradição central das políticas migratórias contemporâneas: Estados que assinam tratados de direitos humanos criam zonas de exceção onde tais direitos são sistematicamente suspensos. Como mostra Finn (2019), a exigência de documentos que por definição o indivíduo fora de status não pode apresentar (vistos, comprovantes de residência legal), assimilando que sua existência no país é uma circunstância sempre *provisória*, mesmo quando dura décadas. A virtualização

recente desses processos acrescenta novas camadas de complexidade através de um aprofundamento da impessoalidade.

3.3.4 Filadelfia: interação e integração em outros ares



Imagem 10 – Estátua do Rock Balboa. Crédito: Warner Bros Pictures. Este ponto turístico é o único coincidente em todas as oito entrevistas com nossos interlocutores residentes no exterior. Em algumas delas o único ponto turístico reconhecido.

A Filadélfia revelada pelas entrevistas configura-se como uma composição urbana estratificada, onde camadas de histórias migratórias, das grandes migrações no final do século XIX à recente diáspora latina e brasileira, coexistem sob a sombra de políticas anti-imigração pós-Trump. Esta cidade, no entanto, é desigualmente experienciada. Enquanto roteiros turísticos celebram monumentos como a *Liberty Bell* ou a escadaria do *Rocky*, o *walkscape* migrante circunscreve-se em circuitos laborais e de sobrevivência, reduzindo a cidade a uma outra experiência e geografia de pertencimento precário.

Neste território de histórica resistência negra, migrantes como Bárbara, Sandra e Jorge encontram possibilidades na máxima coletiva "aqui todo mundo é imigrante". Um *walkscape* racializado onde os corpos migrantes camuflam-se numa geografia já moldada pela exclusão, onde a pressão policial atenua-se ("não embaça tanto",

observa Jorge). Tal dinâmica, porém, deriva de uma contradição: a invisibilidade migrante nasce menos da integração que da saturação de crises locais como a violência, e a epidemia de opioides, que os transformam em "menor dos problemas".

A imagem selecionada para representar este cenário, um único ponto turístico relatado e coincidente em todas as entrevistas, sintetiza a contradição do *walkscape* migrante na Filadélfia. Enquanto a estátua celebra um ícone da superação individual, sua apropriação pelos interlocutores revela uma geografia do confinamento. Conhecer apenas o Rocky não é um dado anedótico; é o sintoma espacial de uma sociabilidade truncada, onde a cidade plena e histórica permanece um cenário distante, e o lazer se contrai aos pontos que a cultura de massa globalizou e que a solidariedade migrante consegue sinalizar como "lugar seguro" para se estar em público. A estátua, assim, torna-se menos um símbolo de vitória e mais um testemunho da cidade que existe para eles: uma experiência restrita, em uma condição partilhada,

Essa geografia revela uma cidade experimentada predominantemente como espaço laboral. O percurso restrito não é apenas uma questão de tempo ou dinheiro, mas de uma integração muitas vezes precária. O migrante descobre primeiro a Filadélfia das contradições, e só mais tarde, se a sorte permitir, alguns descobrem a Filadélfia das possibilidades onde bibliotecas oferecem aulas de inglês gratuito, onde pequenos negócios migrantes florescem junto as comunidades, onde a comunidade afro-americana, ela mesma marcada por séculos de exclusão, estende pontes de solidariedade diante da sanha *anti-immigrant*.

Na Filadélfia, mais especificamente na Northeast, como ressaltado por Jorge, os corpos migrantes se camuflam em uma paisagem já marcada pela presença afro-americana. Já nos "lugares mais brancos", a hostilidade se explicita: olhares atravessados, insultos verbais e a constante sensação de ser "um corpo fora de lugar". A Filadelfia não é mero cenário, mas *corpo político em movimento*, onde camadas de história oficial e experiências migrantes se chocam e se re combinam em uma paisagem que revela as tensões fundacionais do projeto americano. Na tessitura urbana de Philadelphia, novas práticas de migração ajudam a inscrever sobre a cidade novas camadas de significado.

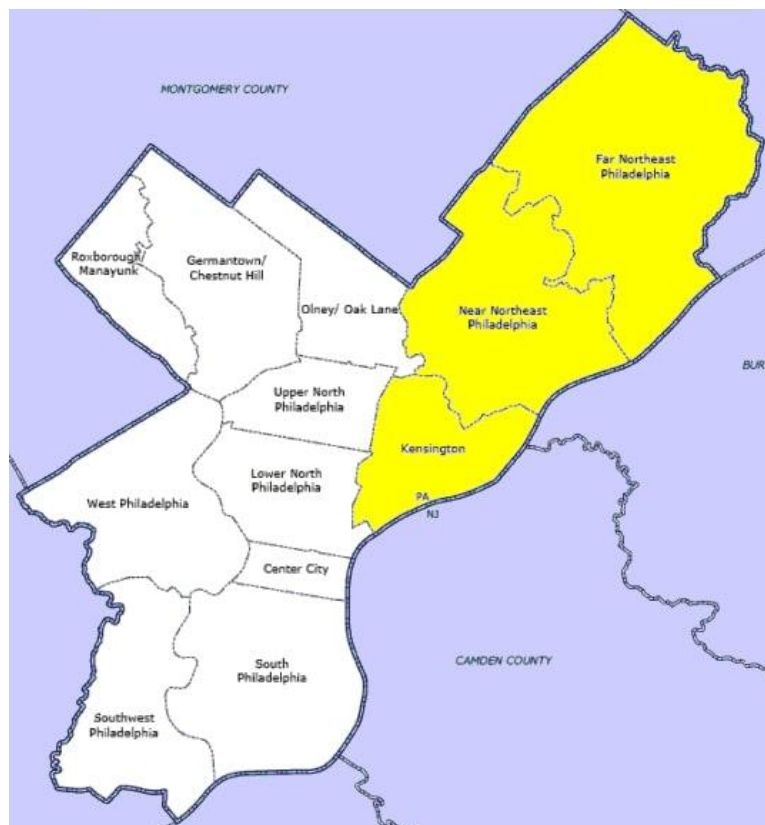


Imagem 11 - Mapa do Condado de Filadélfia destacando o nordeste da Filadélfia.²²

É justamente no mapa da Filadélfia que a Northeast se delineia como este enclave estratégico, uma periferia que, paradoxalmente, oferece um porto relativamente seguro. Distante do centro histórico esta vasta região constitui um território de resistência cotidiana. A paisagem, marcada por comércios, igrejas que viram centros de apoio e uma histórica presença afro-americana, permite que os corpos migrantes se dissolvam em uma malha urbana já acostumada a negociar a exclusão. Enquanto os "lugares mais brancos" impõem uma vigilância constante, a Northeast opera como uma zona de amortecimento, onde a camuflagem é possível não pela ausência de conflito, mas pela densidade de uma luta coletiva pela sobrevivência que precede e acolhe a nova leva migratória. Aqui, o *walkscape* migrante não precisa ser inventado do zero; ele se enxerta em rotas já estabelecidas de resiliência, inscrevendo-se em uma cartografia preexistente de marginalidade e solidariedade.

Barbara: Então aqui onde a gente mora é um lugar onde eu acho que pode se sentir livre... porque todo mundo que mora aqui eu acho que é imigrante. Por um lado, pode se sentir livre e por outros não. Sim, mas agora nessa fase que está agora (FEVEREIRO DE 2025), não. Nessa fase que tá... não tá podendo ficar dando as caras aqui... por ser um lugar só de emigrantes. E antes... bom, tudo aqui (região Northeast) é mais tranquilo. Eu poderia dirigir sem minha carteira, eu

²² Acesso em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:NEPhilaDistrict.PNG>

nunca fui parada por policial nenhum. Mas agora eu já não estou mais dirigindo...

E aqui onde nós moramos são os negros que moram. Então ninguém olha pra gente como "aí, um imigrante", ninguém olha pra gente com o racismo. Agora se você for andar em lugares mais 'brancos', aí talvez o pessoal já olhe pra gente diferente. Já xingaram a gente na rua por ser imigrante. Nós descendo do ônibus do Frango na época (2021) já xingaram eu e o meu marido.

O depoimento de Jorge revela o mecanismo que protege os migrantes em Filadélfia: numa cidade marcada por crises estruturais tão profundas como a violência armada, epidemia de opioides, segregação racial histórica, a cultura migrante acaba não sendo percebida como "o problema principal" pelas autoridades e pela sociedade local. Essa invisibilidade relativa, conquistada a alto custo, cria brechas de sobrevivência.

Jorge: Eu acho que na parte onde nós moramos aqui, que é bem... o pessoal todo é imigrante, a minoria aqui é americana, sabe? As casas do meu lado aqui, uma outra é uma Americana, então acho que é a parte de Northeast. É essa, nessa área é a área que eu sinto mais à vontade. O sem dúvida, de todos os lugares que eu já passei por aqui, a gente se sente bem, mais acolhido. Questões até de segurança mesmo, a gente sabe que a polícia, a polícia em si não embaça tanto, desde que você não faça cagada. [...] Tipo assim, pelo fato de ter coisas muito mais grave, apesar de ser muito perigoso aqui, muita droga, muito pessoal do mal mesmo pra rua afora e Gang, esses negócio assim a gente vê muito mais vê, mas não vê pelo fato de a gente nem sair de casa.

Mas a gente sabe que é tem bastante. Entende? Mas tem muita gente, a galera, os viciados mesmo, muito perto da gente, aquela a galera que fica igual zumbi aí caída, ou só envergado assim mesmo pra rua afora de heroína. E tipo assim, tem muita droga. E eu acho que a polícia realmente tem outras coisas que devem se preocupar mais do que o pessoal Imigrante, então a gente fica mais.

Pesquisador: Ainda mais gente imigrante trabalhando, né?

Jorge: Entende? Acha "pô esses aí é o menor dos meus problemas aqui tá todo mundo andando armado, todo mundo tem um pouquinho de heroína dentro dos bolso", então eu acho que heroína e cocaína...maconha não é problema, maconha é os outros fumam maconha, igual cigarro para a rua afora aqui, então.... Polícia são menor dos menores, dos menores problemas.

Nos *"lugares mais brancos"* (Bárbara), a hostilidade materializa-se em olhares, xingamentos e a confirmação quase constante da sensação de *"corpo fora de lugar"*. Já na Northeast a rede informal de proteção permite existir e não pertencer –, como descreve Jorge: *"a gente se sente bem, mais acolhido [...] desde que você não faça cagada"*. Esta aparente liberdade é, na verdade, sobrevivência negociada: uma trégua frágil enquanto autoridades combatem *"coisas muito mais grave"* (vícios, gangs).

Essa dicotomia entre a Filadélfia laboral dos migrantes e a Filadélfia histórica dos roteiros turísticos revela como a apreensão da cidade ocorre de forma desigual. O trecho sintetiza de forma muito breve o pacto tácito que permite aos migrantes existirem na sombra de crises maiores, uma sobrevivência que não é inclusão, mas que aparentemente é mais um o produto colateral do colapso urbano. Enquanto as autoridades estaduais tentam combater a crise dos opioides, comunidades migrantes criam suas próprias redes de proteção, sabendo que sua "invisibilidade estratégica" dura apenas até que algum político decida transformá-los no novo bode expiatório.

Imagem 12 – Casa produzida na carpintaria americana. Parte do acervo compartilhado por alguns dos interlocutores. diz respeito a entrega de um trabalho pela companhia em que um dos interlocutores estava empregado.



3.3.5 Walkscapes digitais: intercâmbios, habitações e participação política

A internet transformou-se em um palco complexo onde os migrantes brasileiros nos EUA não apenas reinventam suas práticas cotidianas, mas também constroem formas inéditas de participação política e navegação de riscos evidenciando como o digital opera simultaneamente como arena de mobilização, fonte de informação estratégica e espaço de vigilância mútua. Práticas como estas revelam a internet como um território liminar da migração, onde cada like, cada grupo secreto, cada post

apagado representa um ato político de existência. Longe de ser um simples reflexo da vida offline, o espaço digital tornou-se um campo de forças onde se disputam narrativas, se constroem solidariedades e se navega, com criatividade e resiliência, os riscos constantes da irregularidade migratória.

A migração nas condições em que investigamos obriga os brasileiros a reinventarem sua comunicação e profissões em moldes digitais. Grupos fechados no WhatsApp funcionam como bolsas de trabalho informais, onde empregos em construção, limpeza ou serviços domésticos são negociados e ao mesmo tempo rede de orientação e apoio, onde informações sobre empregos, advogados e direitos são compartilhadas. Para o migrante, mais que uma ferramenta é um corpo secundário, onde se pode existir sem fronteiras (Hine, 2000). Se burocraticamente é "ilegal", nas redes ele é empreendedor, influencer e ativista. A dualidade, porém, tem limites: a mesma internet que empodera é vigiada, e vídeos engraçados podem virar provas em processos de deportação.

Sandra: Tem os grupos da... tem vários grupos da Filadelfia no whatsapp. Você entra e fica ali vendo gente oferecendo ou procurando serviço... se você quiser postar "procuro serviço tal", casas de aluguel... Tudo isso é por grupos de FB e Whatsapp. Quando cê quer alugar uma casa cê vê lá as pessoas que estão alugando... quando você um serviço você várias pessoas postando ou procurando "preciso de helper tal dia". E é assim que é as coisas aqui, grupos, indicações... se você conhece gente. Ah, fulano está precisando. Mas no meu caso, que eu não tenho muita amizade aqui, os grupos ajudam bastante. Isso, avisos também. Igual, onde a migração bateu vai postar. 'não vem em tal lugar'; 'eles estão no Walmart em tal e tal lugar'.

Práticas que revelam uma economia digital sobretudo precária, mas vital para a ação no ambiente hostil, onde o trabalho se desloca para as redes sociais como forma de contornar a falta de documentos. No cotidiano digital, a presença online dos migrantes é uma performance cuidadosamente calculada, o humor surge como linguagem cifrada - memes divertem a comunidade enquanto testam os limites do que pode ser dito sem represálias. Plataformas como Instagram, TikTok e WhatsApp não apenas reproduzem práticas sociais do país de origem, mas criam formas de habitar a diáspora especialmente diante da precariedade imposta pela irregularidade migratória. Figuras que circulam nos grupos como Marcelinho Johnson que satiriza em perfil no Instagram os estereótipos do "brasileiro malandro" nos Estados Unidos e Leandro Pelezinho, ilustram o cotidiano da carpintaria na Filadelfia (e que foi

recentemente deportado para o Brasil), mencionados por interlocutores da pesquisa durante o campo no município de origem, mostram que os quadros da precariedade crítica podem ser ressignificados através do digital.

Um momento histórico e ao mesmo tempo bastante marcante do campo virtual foi acompanhar os eventos que sucederam o acidente aéreo ocorrido em fevereiro do ano de 2024 na região Northeast de Filadélfia e que vitimou seis mexicanos e deixou 19 outras pessoas feridas no solo, dias depois de um outro acidente aéreo em Washington DC envolvendo um Black Hawk do governo. Além do impacto causado pelas proporções do acidente foi um momento de amplo engajamento em redes sociais como Instagram e X. Enquanto os migrantes acompanhavam angustiados as notícias sobre a queda do avião nas proximidades do Roosevelt Mall, seus grupos privados fervilhavam com alertas paralelos sobre operações do ICE em Filadélfia. Mapas caseiros compartilhados digitalmente marcavam simultaneamente os locais dos destroços e as rotas a serem evitadas por conta das blitzes migratórias. Esse episódio mostrou como os migrantes desenvolvem uma atenção dividida permanente, capaz de processar múltiplas camadas de risco e informação.

Os grupos de whatsapp de migrantes brasileiros não funcionam apenas como espaços de nostalgia ou troca de informações práticas, eles se constituem como pontes políticas transnacionais, onde se mantém vivo um duplo compromisso: com as comunidades de origem no Brasil e com o projeto migratório em construção nos EUA. Em mais de dez comunidades online de brasileiros na Filadélfia e em trânsito internacional, observei como a participação política no município de origem persiste como um esforço coletivo de permanência simbólica. Essa dinâmica revela uma moralização do ativismo migrante não como gesto isolado, mas como prática ética de manutenção de vínculos e responsabilidades.

Em 2024, essa intencionalidade política ficou clara quando redes de migrantes de Entre Folhas organizaram, de forma descentralizada, campanhas de pressão contra as candidaturas estabelecidas para as eleições municipais daquele ano. A internet, nesse sentido, torna-se mais que ferramenta, é o território onde se disputa o direito de continuar sendo, mesmo quando o corpo físico está do outro lado da fronteira

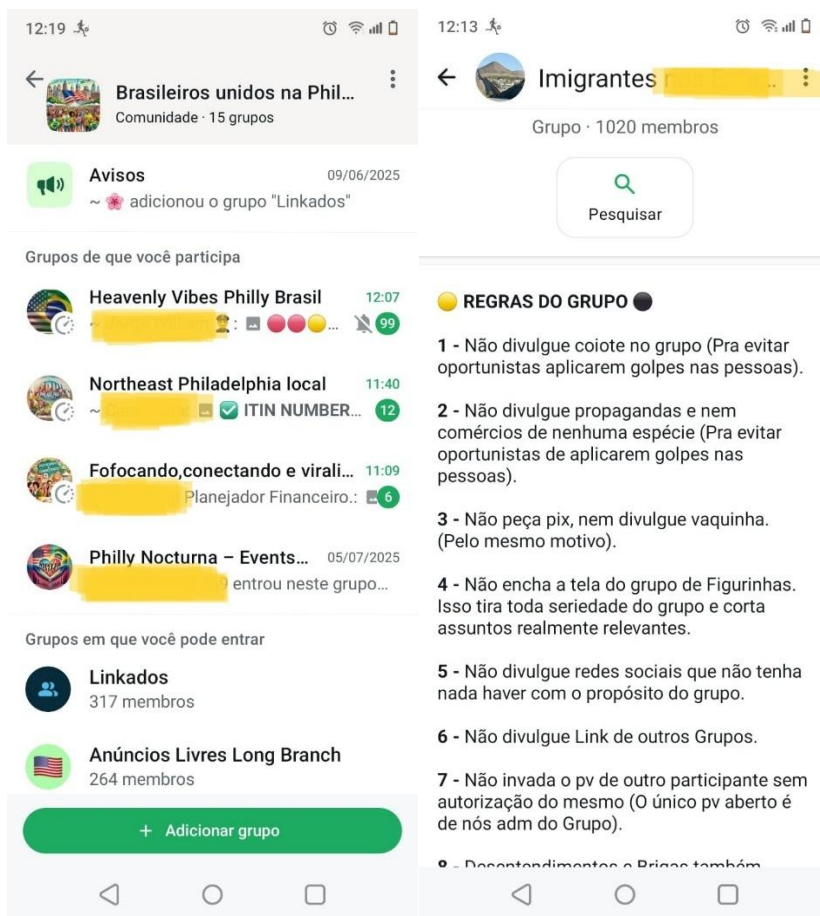


Imagem 13– Durante os meses da pesquisa permaneci em grupos de whatsapp de migrantes para apreender um pouco sobre a oferta de emprego como parte da netnografia.

Estas imagens, capturadas durante a netnografia, oferecem um vislumbre direto da textura dessa esfera digital. Os anúncios de emprego para "faxina" e "construção" que pontuam a tela não são meros informes; são o registro visual de uma economia gerenciada em tempo real, onde o telefone celular se torna a principal ferramenta laboral. A imagem materializa uma série de práticas descritas anteriormente: ela torna visível o *backstage* da migração, onde a mesma interface que abriga memes e saudades é o palco para a negociação cotidiana do risco e a construção do projeto migratório. Estes grupos não são apenas observados pela pesquisa; eles são a própria arquitetura de um mundo social que se reorganiza em ritmo acelerado, confirmando que o digital é, de fato, o novo território da experiência migratória.

A experiência migratória cria uma tensão particular entre a sociabilidade interiorana, baseada na presença física, na pessoalidade e em relações face-a-face duradouras, e as novas formas de sociabilidade que emergem no contexto de destino.

Como observado em entrevista com emigrantes entrefolhenses residentes na Filadélfia, essa transição não é simples nem linear, mas sim marcada por contradições e negociações constantes em novas paisagens. Entre as tecnologias de comunicação contemporâneas que permitem manter vínculos transnacionais que reconfiguram, mas não necessariamente eliminam a condição de irregularidade documental, e as novas formas de sociabilidade e interação no país de destino, entrefolhenses experimentam desafios específicos de adaptação migrante onde a precariedade jurídica tende a exacerbar sentimento de insegurança e desconfiança, dificultando a formação de vínculos sociais estáveis.



**ENFORCAMENTO DA
DEMOCRACIA EM
ENTRE FOLHAS**

Entre Folhas **BRASIL**
Minas Gerais **2024**

O direito do povo de escolher o melhor e mais preparado candidato ao executivo nas eleições municipais foi brutalmente cerceado. O respeitado vereador LUCIANO SUCAN e o ex prefeito ROGERINHO foram induzidos a filiar-se ao partido 44. Após esse ato, o atual presidente e sua corja, utilizando artifícios e manobras maldosas, impediu que LUCIANO/ROGERINHO disputassem as eleições.

Esse autoritário presidente e o arrogante vice presidente do 44, desmantelou a democracia diante dos olhos do povo, decependo, diminuindo e dilacerando o que deveria ser um processo justo e honesto. A famosa carta de Ulisses Guimarães, proferida na maior tribuna deste país, garante ao povo o direito de escolher. No entanto, em ENTRE FÓLHAS, esse direito nos foi subtraído em um ato covarde e repleto de manobras de baixo calão \$\$\$\$\$

Essa triste e horrenda página da nossa política jamais será esquecida. Vamos lutar, vamos cair e vamos nos levantar, esse é o lema daqueles que foram traídos e enganados por canalhas que receberam as mesmas moedas oferecidas a JUDAS.

Perdemos uma batalha, mas a guerra continua, não vamos desistir de Entre Folhas, mesmo de longe, vamos continuar investindo em nossa cidade, ajudando quem precisa, dando PITACO na política, pq não ? Pagamos nossos IPTU nossos impostos, temos familiares nessa cidade, então é o nosso dever também opinar e ajudar a melhorar nossa cidade.

Contem conosco!

Assinado: MENINOS DA AMÉRICA 

Imagem 14 – Postagem veiculada nos grupos de Whatsapp no município de Entre Folhas nos meses de campanha eleitoral por um grupo de emigrantes no exterior. Sob a alcunha de Meninos da América, houve uma reivindicação por moralização da política local que foi divulgada nas eleições municipais. Como “pagadores de impostos” e “democratas” este grupo apresenta interesse de se manifestar na política do município de origem.

A imagem selecionada trata precisamente a transformação do *walkscape* digital em praça pública transnacional. A postagem dos "Meninos da América" - com sua linguagem formal, a reivindicação de "pagadores de impostos" e a autodenominação como "democratas" é um ato performático de cidadania à distância. Através dela, esses migrantes buscaram construir deliberadamente uma persona política pautada na moralidade, projetando de volta para a comunidade de origem uma imagem de sucesso e responsabilidade cívica adquirida no exterior. O WhatsApp, neste caso, deixa de ser apenas um canal de comunicação para tornar-se o palco onde se ensaia uma nova forma de influência: a do emigrante como fiscal ético e investidor simbólico do município. Esta intervenção demonstra como o *walkscape* digital permite não apenas manter vínculos, mas recalibrar radicalmente a posição social do migrante na política local transformando quem estava física e simbolicamente à margem em ator central cuja ausência física é compensada por uma presença digital cada vez mais decisiva.

3.4 Outras sociabilidades: o desafio da reconstrução

Pautada no trabalho precarizado e profundamente restritiva em termos de segurança jurídica, a sociabilidade e os ambientes possíveis para exercê-la causam impressão de imobilidade e isolamento entre nossos interlocutores. Muitas vezes se referindo apenas ao ambiente doméstico como espaço possível, e em certo sentido fazendo com que muitos desses evitem uma ampliação dessas redes de contato utilizando a discrição e invisibilidade como estratégias que se fundem à sua forma de se relacionar com brasileiros da mesma região e de outros grupos. Os migrantes frequentemente recriam, em seus novos contextos, certos padrões familiares, ainda que adaptados às novas condições. A sociabilidade interiorana, típica de muitas comunidades, caracteriza-se por relações duradouras, pela forte imbricação entre vida privada e vida comunitária e por uma série de controles sociais informais baseados no conhecimento mútuo.

Em contraste, a sociabilidade no contexto migratório, especialmente sob condições de irregularidade documental, apresenta características distintas e muito mais pautadas em relações mais instrumentais e circunstanciais, e certo distanciamento entre esferas da vida como casa e trabalho e a respeito dessas práticas baseados no anonimato e na discrição em ritmos que vem sendo marcados mais do que nunca pela provisoriedade e incerteza. A interlocutora Bárbara sintetiza bem a sensação da vida emigrante durante o período de aumento da busca ativa por emigrantes iniciada no segundo mandato de D. Trump.

Bárbara: Eu abri mão de ser livre... Não de... Vamos supor, livre de querer sair a hora que... Eu poderia sair a hora que eu queria. E agora eu já não posso mais. Eu vivo a vida do possível para sobreviver aqui dentro dos Estados Unidos. E no Brasil eu era livre. Saía, podia tomar uma cervejinha no final de semana.

A gente se sentia livre, a gente podia chegar no mercado... pedir as coisas, o que quer. Podia resolver as coisas, aqui não é fácil nem de resolver o que você tem que resolver... E você não fala inglês, então você tem que pagar alguém para ir com você para falar... Nada é livre aqui. Nem a vida nossa, nem do nosso filho, entendeu?

Essa transformação na sociabilidade migratória não ocorre no vazio, mas dentro de um contexto político cada vez mais hostil, onde leis anti-imigração e discursos estigmatizantes redefinem o cotidiano dos indocumentados. A fala da entrevistada, *"Eu abri mão de ser livre"*, sintetiza o custo invisível dessa adaptação forçada. Se antes a liberdade incluía gestos simples, como tomar uma cerveja no fim de semana ou resolver questões burocráticas sem intermediários, hoje a sobrevivência exige autor restrição constante. O anonimato e a discrição tornam-se armas de defesa em um ambiente onde a simples presença em espaços públicos pode significar risco; seja pela ação do ICE, seja pela desconfiança generalizada alimentada por narrativas. A provisoriedade mencionada não é mais apenas uma condição jurídica, mas um estado de ansiedade coletivo.

São processos, que não podem ser reduzidos a modelos lineares ou unidimensionais, a experiência migratória contemporânea é marcada pela Negociação constante entre manutenção cultural e adaptação ao novo contexto. O caso de migrantes residentes na Filadélfia, aqui tomado como referência, ilustra como esses processos se concretizam em contextos específicos, mostrando tanto as limitações impostas pelas condições de vida quanto a capacidade de agência dos sujeitos migrantes em construir novas formas de pertencimento e interação social.

A entrevistada destaca ainda a dependência linguística como mais uma camada de controle informal. Sem dominar o inglês, ela depende de tradutores para acessar serviços básicos, desde consultas médicas até contratos de aluguel. Essa barreira não apenas reforça o isolamento, mas também cria uma economia paralela de exploração, onde "estabelecidos" capitalizam sobre a vulnerabilidade dos recém-chegados. Nesse cenário a liberdade da qual fala a entrevistada (a possibilidade de circular sem medo, de ocupar espaços sem justificativas) é substituída por uma sobrevivência calculada. Assim, a sociabilidade migrante atual não é apenas *diferente* daquela do país de origem é reconfigurada com base também na hostilidade política. O que era antes uma rede orgânica de apoio torna-se um sistema de proteção fragmentado, onde até a confiança entre compatriotas pode ser minada pelo medo de delações. Como conclui a entrevistada: *"Nada é livre aqui. Nem a vida nossa, nem do nosso filho"*, esta é uma afirmação que involuntariamente acaba revelando o peso de viver em um país que, ao mesmo tempo que depende de seu trabalho, nega-lhe o direito de existir plenamente.

Os depoimentos de nossos interlocutores ao longo desta pesquisa nos mostraram de muitas formas como esses processos se materializam, evidenciando limitações estruturais, mas também a agência criativa dos migrantes para a construção de novas relações, pautadas nos valores e práticas correntes nos ambientes onde vivem atualmente. Ao articular as metamorfoses do projeto migratório (Velho) em uma área de ampla difusão de práticas migratórias internacionais, a constituição dos walkscapes (Careri) nos caminhos percorridos pela população em trânsito transnacional e compreendendo esses processos como linhas de vida (Ingold) e movimento que tecem e caracterizam novas e velhas ocorrências, propõe-se uma releitura da migração: não como transição entre pontos fixos, mas como contínua (re)construção espacial e identitária da totalidade dos atores envolvidos. A sociabilidade migrante emerge dessa mobilidade superando dicotomias (interior/urbano), onde caminhar é habitar o mundo, produzindo novas paisagens e enredando novas mobilidades transnacionais.

4. DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA INVESTIGAÇÃO TRANSNACIONAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE *ESCUTA PARTICIPATIVA*, *AGÊNCIA* E *MOVIMENTO* NA CONDUÇÃO DE UMA PESQUISA SOBRE MIGRAÇÃO

Partimos do pequeno município mineiro de Entre Folhas, onde a emigração para os Estados Unidos se consolidou como parte do repertório de ações possíveis para atingir os níveis desejados de emancipação econômica e pessoal (Velho, 1994), para explorarmos como a irregularidade documental não apenas impõe obstáculos, mas redefine radicalmente as experiências de tempo, espaço e pertença. Entre smartphones e fronteiras, laços transnacionais e políticas de exclusão, busquei tratar não apenas dos mecanismos objetivos do deslocamento migratório entre Brasil e Estados Unidos, mas das transformações subjetivas que acompanham essas populações; como e a partir de quais elementos os migrantes ressignificam identidades, laços comunitários e noções de pertença em contextos de irregularidade, utilizando tanto o espaço físico quanto o digital como territórios de reinvenção. Ao articularmos escalas que vão das políticas migratórias globais às micropolíticas do cotidiano, e metodologias que combinam trabalho de campo presencial com netnografia, o estudo revela uma espécie de *cosmopolitismo subalterno*²³, em uma forma de agência que emerge em brechas de um sistema excludente, manifestos através de plataformas digitais e em *walkscapes* transnacionais se tornam chaves para entender a experiência migrante em sua complexidade.

A saída de brasileiros para os Estados Unidos, assumem hoje características sensivelmente distintas. Se nos primórdios deste fluxo regional era composto quase exclusivamente por jovens valadarenses, de classe média alta e documentados, os deslocamentos contemporâneos foram se conformando sob um lógica que se diferencia quantitativamente e qualitativamente dos primeiros emigrantes internacionais da região, não apenas pela condição documental, rotas e estratégias

²³ Conceito mobilizado a partir do trabalho de Boaventura Sousa Santos: “Em suma, os socialmente excluídos, vítimas da concepção hegemônica de cosmopolitismo, precisam de um novo tipo de cosmopolitismo. O cosmopolitismo subalterno é, portanto, uma variedade opositiva. Do mesmo modo que a globalização neoliberal não reconhece qualquer forma alternativa de globalização, assim também o cosmopolitismo sem adjetivos nega o seu próprio particularismo. O cosmopolitismo subalterno de oposição é a forma político-cultural de globalização contra-hegemônica. É, numa palavra, o nome dos projectos emancipatórios cujas reivindicações e critérios de inclusão social se projectam para além dos horizontes do capitalismo global.”(SANTOS, 2003)

de travessia, mas na própria experiência subjetiva da migração que esteve em constante adaptação. Essas conexões constituem um campo de forças no qual estão presentes relações de poder assimétricas, expectativas familiares e comunitárias, e políticas migratórias em constante endurecimento.

A prática da escuta participativa (Forsey, 2010) durante a realização do campo foi central para de enfrentamento das assimetrias inerentes ao trabalho com migrantes internacionais. Reconhecendo que a condição documental dos interlocutores e a presença do pesquisador gera reações específicas, a escuta foi orientada pela busca de coautoria crítica nas narrativas. Isso implicou abandonar a pretensão de neutralidade e tratar cada entrevista como espaço dialético de negociação, onde hesitações, reformulações e correções às nossas categorias acadêmicas eram incorporadas como elementos analíticos constitutivos. Essa prática permitiu decifrar como os constrangimentos da irregularidade moldavam as estratégias discursivas dos interlocutores. Sob vigilância do ICE e medo de deportação, observamos a emergência de práticas de discrição, quase sempre evitando nomes dos envolvidos nas situações narradas. A contribuição das reflexões de Martin Forsey no âmbito desta pesquisa reside no reposicionamento da entrevista como ato de reconhecimento, priorizando as intervenções críticas dos interlocutores, e discutindo os constrangimentos impostos pela condição de precariedade jurídica.

Neste exercício compartilhado, as entrevistas foram espaços de negociação de sentidos, expondo tanto as contradições do projeto migratório quanto a criatividade narrativa dos sujeitos para (re)construir trajetórias em contextos hostis. Assim, os migrantes são praticantes de um tipo de *habitação*, cujas condições são apreendidas no caminhar. Os interlocutores desta pesquisa que são trabalhadores da construção civil e de serviços enfrentam desafios que transcendem a esfera laboral, relacionados as formas de habitar de populações marginalizadas pela burocracia pré-migratória (Finn, 2019). Estes processos transformam profundamente as dinâmicas familiares (em suas dimensões econômicas, organizacionais e afetivas), assim como as identidades individuais e coletivas, que se recompõem diante da precariedade jurídica e social vivenciada no país de destino. Como agentes, esses migrantes mobilizam e são mobilizados por conexões complexas: fronteiras políticas cada vez mais militarizadas, fluxos financeiros transnacionais, laços afetivos transoceânicos e estratégias de sobrevivência em ambiente hostil.

Essas trajetórias refletem uma forma peculiar de engajamento com o mundo, que emerge nas condições precárias da migração. A escalada de políticas de deportação, precisamente neste sentido, coloca os solicitantes de asilo em uma corda bamba jurídica, onde a precariedade legal se traduz em uma vulnerabilidade cotidiana, e, no entanto, longe de simplesmente paralisá-los, essa mesma condição gera formas improvisadas de habitação e resistência. A experiência dos entrefolhenses na Filadélfia ilustra como essa tensão produz novas formas de sociabilidade, que desafiam as fronteiras entre inclusão e exclusão. Esta tessitura dialógica do trabalho ajudou a captar que a precariedade jurídica não anula, mas transforma os caminhos percorridos e os sentidos atribuídos pelos migrantes à sua empreitada.

Essas novas trajetórias e formas de se relacionar com o país de origem, desenvolvidas pelos emigrantes agora no exterior, ajudam a consolidar e renovar o referencial da migração para a comunidade de origem. Estratégias de travessia, sobrevivência e inserção, mesmo que precárias, são amplamente praticadas e ajudam a modelar as expectativas dos potenciais migrantes. É diante da persistência dos emigrantes do Vale do Rio Doce, em busca de seu projeto de emancipação econômica, que se difunde esse *know-how* migratório pela região, reforçando sua natureza cíclica e adaptativa. Através deste prisma, procuramos discutir as fissuras do paradigma contemporâneo de gestão migratória, numa tentativa de redimensionar a potência que os emigrantes atribuem a projetos que transcendem fronteiras e transformam perspectivas. A imigração, assim, deixa de ser enquadrada como um "problema" e surge como lugar crítico para repensar agências possíveis em um mundo globalizado.

4.1 Antropologia e movimento na apreensão da condição migrante

A investigação das trajetórias transnacionais partiu de um pressuposto radical: habitar, conforme fosse possível, os ambientes migrantes aos quais os sujeitos da pesquisa se sentiam pertencer. Diante da impossibilidade de realizar um trabalho de campo *in loco* no exterior, busquei me inserir estrategicamente no fluxo de comunicações entre migrantes e seus conterrâneos. Essa abordagem foi viabilizada pela minha presença no município de origem, durante o restabelecimento de laços com participantes, o que me concedeu um acesso mais consistente a interlocutores no exterior que foram posteriormente entrevistados. Paralelamente, mantive uma presença digital em grupos de entrefolhenses e outros coletivos de brasileiros

residentes na Filadélfia, mobilizando o ambiente virtual para a realização das entrevistas.

Ao seguir os rastros, analisar as notas de campo e as gravações, pude apreender aspectos de uma cartografia viva. Nela, rotas de fuga, pontos de água no deserto ou esquinas mais ou menos seguras em Filadélfia compõem um saber localizado, nascido do corpo em movimento sob circunstâncias específicas. Os temas centrais da discussão emergiram precisamente dessas trajetórias compartilhadas. Suas falas tornaram-se os fios condutores para uma teia conceitual na qual o chão pisado e a narrativa se entrelaçavam, preparando o terreno para um diálogo com teóricos como Ingold e Careri, para quem caminhar é, antes de tudo, o ato de tecer o mundo.

O processo de investigação se constituiu acima de tudo, como uma longa caminhada pelas linhas de vida de pessoas que, ao migrarem, não apenas cruzaram fronteiras, mas as redesenham com suas próprias histórias. Os temas centrais do roteiro foram emergindo não de teorias prévias, mas dessas falas cotidianas: a vida em Entre Folhas antes da partida, a construção do projeto migratório, a experiência brutal da fronteira, as condições precárias de permanência no exterior e os laços com o Brasil. Mas mesmo esses eixos não permaneceram estáticos

Os *walkscapes*, paisagens produzidas e ressignificadas a partir da experiência e suas condições, emergiram como práticas epistêmicas de resistência. Antes mesmo dos primeiros passos na fronteira, o chão de Entre Folhas já ensinava seus futuros migrantes a lerem o mundo com os pés e observar na empreitada migratória uma possibilidade de superação. Como propõe Ingold (2015), o movimento gera conhecimento incorporado: ao caminhar, os migrantes leem paisagens de exclusão e inscrevem suas histórias no tecido urbano. Esses trajetos não são meros deslocamentos, mas atos de significação do mundo, onde o corpo se torna arquivo de lutas; diante da progressiva militarização fronteiriça que fracassa no cessamento da mobilidade, as trajetórias desses entrefolhenses ausentes mostram que habitar as brechas é criar mundos: seus *walkscapes* e táticas de reinvenção mostram que o cosmopolitismo subalterno não é etapa transitória, mas forma plena de existência no século XXI.

Por fim, concluo esta dissertação sustentando que a militarização das fronteiras a espetacularização midiática da repressão não são fenômenos isolados, mas sintomas de uma necropolítica que converte os corpos migrantes em moeda de troca. A persistência de abordagens securitárias nos Estados Unidos expõe a migração como

um campo de disputa política, onde se projetam ansiedades nacionais sobre vidas cada vez menos amparadas juridicamente em um contexto de crise habitacional, estagnação salarial e colapso dos serviços públicos; fabrica-se, assim, um teatro de crueldade no qual o migrante se torna o bode expiatório para falhas estruturais. Diante deste cenário, urge que a discussão sobre as mobilidades contemporâneas se fundamente em abordagens que incorporem dois aspectos cruciais: (1) o reconhecimento da agência migrante como resposta legítima às violências estruturais; e (2) a reivindicação de vias legais e seguras – como vistos humanitários e maior mobilidade laboral – que permitam deslocar o eixo da segurança nacional para o paradigma inalienável da segurança humana.



Imagem 15 - Migrantes se organizam em Ciudad Juárez, no México, próximos à fronteira com os EUA — Foto: Christian Chavez/AP ²⁴

²⁴ Acesso em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/05/12/o-que-significa-o-fim-da-medida-titulo-42-nos-eua.ghtml>

5. REFERENCIAS

ALVAREZ JR., Robert R. **“The Mexican-US Border: The Making of an Anthropology of Borderlands.”** Annual Review of Anthropology, 24: 447-470. 1995.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization.** Minneapolis, MN: University of Minnesota Press. 1996

ARTHUR, Andrew. **Resident Fellow in Law and Policy.** Center for Immigration Studies. To the Committee on Homeland Security and Governmental Affairs. 2018.

ASSIS, Gláucia de O.; SIQUEIRA, Sueli. **MULHERES EMIGRANTES E A CONFIGURAÇÃO DE REDES SOCIAIS: CONSTRUINDO CONEXÕES ENTRE O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS.** REMHU, vol. 17, núm. 32, pp. 25-46. 2009.

ASSIS, GLAUCIA DE OLIVEIRA. **Os indesejados do século XXI: as crianças desacompanhadas detidas na fronteira México-EUA.** TEMPO E ARGUMENTO, v. 14, p. e0302-30, 2022.

AZEVEDO, Leonardo F. **Deslocamentos estudantis: juventudes, trajetórias e a geopolítica do conhecimento nos intercâmbios acadêmicos.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

BECKER, H. S. **Segredos e truques da pesquisa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BIAVATTI, N. D. F., & SIQUEIRA, S. (2011). **CONSTRUINDO IDENTIDADES E PRÁTICAS DE MIGRAÇÃO: CONSOLIDANDO A “TERRA PROMETIDA”.** *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 12(2), 127–149. <https://doi.org/10.26512/les.v12i2.11507>.

BIAVATI, Nádia Dolores Fernandes; SIQUEIRA, Sueli. **Construindo identidades e práticas de migração: consolidando a Terra Prometida.** *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 2, p. 127-149, 2011.

BOGUS, Lúcia; PEREIRA, José Carlos & BAPTISTA, Dulce (org.), **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad**, São Paulo, EDUC – Editora da PUC/SP, 2020.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Comunidades brasileiras no exterior, ano-base 2022.** Ministério das Relações Exteriores, agosto de 2023.

BUZAN, B. G., WÆVER, O., & de WILDE, J. H. **Security: A New Framework for Analysis.** Lynne Rienner. 1998.

CAMAROTA, Steven A. ZEIGLER, Karen. **Estimating the Illegal Immigrant Population Using the Current Population Survey.** Disponível em: < <https://cis.org/Report/Estimating-Illegal-Immigrant-Population-Using-Current-Population-Survey> >. 2022.

CARERI, Francesco. **Walkscapes. O caminhar como prática estética**. São Paulo: ed. Gili, 2013.

CAMPANELLA, Bruno. HINE, Christine. **Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios**. 167V.9 - Nº 2 jul./dez. São Paulo - Brasil CHRISTINE HINE p. 167-173. 2015.

CHARMAZ, K. **Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis**. London: Sage Publications, 2006.

CHAWLA, Monika. **Catch Me If You Can: The Federal Government's Long-Winded Chase to Round Up Immigrants and Defund Sanctuary Cities**, 65 Vill. L. Rev. 191. 2020.

CHUEKE, G. V., & LIMA, M. C. . **Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios**. Revista Espaço Acadêmico, 11(128), 63-69. 2011.

CLOSS, Lisiane Q., OLIVEIRA, Sidinei R. **História de Vida e Trajetórias Profissionais: Estudo com Executivos Brasileiros** Disponível em /http:// www.anpad.org.br/rac RAC, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, art. 6, pp. 525-543, jul./ago. 2015.

DASSOLER, O.B.; CALIMAN, G. **Educação, sociabilidade e socialização: múltiplas perspectivas**. Rev. Educ., Brasília, ano 40, n. 154, p. 142-156, jul./dez. 2017.

De GENOVA, Nicholas. **THE LEGAL PRODUCTION OF MEXIC AN/MIGRANT “ILLEGALITY”**. Latino Studies, 2, (160–185). 2004.

De GENOVA, Nicholas. **“Look, an Illegal Alien!”: the rhetorics of migrant “Illegality” and the racialization of Mexicanness**. 2020.

De GENOVA, Nicholas. **From border war to civil war: the despotism of the border and full-spectrum authoritarianism**, Citizenship Studies, 29:3-4, 135-158, 2025.

De GENOVA, Nicholas. **Migration, race and the racializing strategy of borders**. 2024.

DE LEÓN, Jason, and Michael Wells. **The Land of Open Graves. California Series in Public Anthropology** 36. Berkerley: University of California Press. 2015.

Dias, G., Ribeiro, B. N., & França, I. L. **Detention, death, and deportation: (Re)bordering Brazilian migrants under Bolsonaroism and the pandemic**. *Environment and Planning C: Politics and Space*, 0(0). 2024.

DIAS, GUSTAVO. **Mobilidade migratória: uma leitura crítica para além de metáforas hidráulicas**. REMHU (BRASÍLIA), v. 27, p. 61-78, 2019.

DIAS, Gustavo. **Routes to the First World: Brazilian migration journeys after the September 11 attacks**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ONLINE), v. 38, p. 1-17, 2023.

DIAS, Gustavo. **Recordatorio sobre la deportacional de brasílios durante la Era Trump** (Trans)Fronteriza: Boletín del Grupo de Trabajo Migraciones y fronteras sur-sur, CLACSO, p. 15 - 25, 06 ago. 2025.

DIAS, Gustavo. **¿Qué es el ICE y a quién aterroriza en EE.UU.?**. Revista Común: memorias, combates, proyectos, México, p. 1 - 5, 19 jun. 2025.

DOMENECH, Eduardo. **Controle da imigração indesejável: expulsão e expulsabilidade na América do Sul**. CIENCIA E CULTURA, 67 (2), 25-29.2015.

DOMINGUES, D. T.; VILELA, E. M. **Efeito da experiência migratória internacional no mercado de trabalho na origem? estudo com brasileiros e brasileiras de retorno no estado de Minas Gerais**. In: XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2018, Poços de Caldas. Anais do XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. v. XXI.

DOMINGUEZ-AMOROS, M., & SUAREZ-GRIMALT, L. **Movilidad en Red: Un Análisis de la Interrelación entre Movilidad Social y Capital Social para los Hogares Transnacionales de Origen Brasileño**. Dados, 65(4), e20200355, 2022.

DORNELAS, P.; BARBABELA, P. **Uma democracia em crise? reflexões sobre direitos das mulheres, migrantes, LGBTI+ e pessoas negras no governo Trump (2017-2020)**. InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, Brasília, v. 7, n. 2, p. 104–125, 2021.

EWING, W. A. **“Enemy Territory”: Immigration Enforcement in the US-Mexico Borderlands**. Journal on Migration and Human Security, 2(3), 198–222. 2014.

FALEIRO, Josiane R. **VALE DO RIO DOCE: potencialidades de desenvolvimento e carências apresentadas pelos municípios da região através de uma aplicação de Análise Fatorial**. Monografia (especialização em estatística aplicada), Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

FAVRET-SAADA, J. **Ser afetado**. Cadernos de Campo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FICHOU, Jean Pierre. **A civilização Americana**. Campinas: Papirus, 1990.

FINN, Victoria. **Entre el individuo y el Estado: Burocracia pre-y post-migratoria / The Individual versus the State: Pre- and Post-Migration Bureaucracy**. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 27, n. 56, p. 159-178. ago. 2019.

FONTGALAND, Arthur. **“Estar vivo”**. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2017. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/estar-vivo>>

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FUSCO, W. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares**. Dissertação de mestrado, Departamento de Sociologia, Unicamp, Campinas.2000.

_____. **Capital cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. Tese de doutorado, Departamento de Demografia, Unicamp, Campinas. 2005.

FUSCO, W.; SOUCHAUD, S. **De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior**. Confins, [S.l.], n. 9, p. 1-9. 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. *Stuart Hall*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANNERZ U. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. Mana [Internet]. 1997Apr;3(1):7–39.

HARVEY, David. **The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change**. Edition, illustrated, reprint. Blackwell, 1989.

ITURRALDE, Lorena M.; PIÑEIRO, Rodolfo C. **Atrapados en busca de asilo. Cambios en los flujos y políticas migratorias en la región México-Estados Unidos antes y durante la pandemia**. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006104%20>

KEARNEY, M. **Local and the Global: The Anthropology of Globalization and Transnationalism**. Annual Review of Anthropology, Vol. 24, p. 547-565, 1995.

KURZ, Robert. **A Democracia Devora seus Filhos**. Rio de Janeiro, Consequência, 2020.

KURZ, Robert. **Rumo à barbárie**. Entrevista à Revista FORUM janeiro de 2004.

LEVITSKY, Steven & ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem**. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**. São Paulo: Paulo Civita Editor, 1978 [1922]

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua (org). **Agricultores familiares em migrações internacionais**. 1 ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

MARCUS, George E. **Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography**. Annual Review of Anthropology. 24: 95–117, 1995.

MARGOLIS, Maxine. **Goodbye Brazil: emigrantes brasileiros no mundo**. São Paulo: Contexto, 2013.

MARINHO, M. A. C. **Trajetórias de vida: um conceito em construção.** Revista do Instituto de Ciências Humanas – Vol. 13, Nº 17, 2017.

MARINUCCI R. **Pessoas migrantes, refugiadas e deslocadas no Oriente Médio e Norte da África: visibilidade e direitos.** REMHU, Rev Interdiscip Mobil Hum [Internet];29(63):7–11. 2021.

MARINUCCI R. **Políticas de fronteirização e construção de muros: violações e resistências.** REMHU, Rev Interdiscip Mobil Hum [Internet]. Apr;30(64):7–14. 2022.

MASSEY, D. S., ARANGO, J., HUGO, G., KOUAOUCCI, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E.. **Theories of International Migration: A Review and Appraisal.** *Population and Development Review*, 19(3), 431–466. 1993

MEZZADRA, Sandro. **MULTIPLICAÇÃO DAS FRONTEIRAS E PRÁTICAS DE MOBILIDADE.** REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 11-30, jan./jun. 2015

PATARRA, Neide Lopes. **Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas.** São Paulo Perspec., São Paulo, v. 19, n. 3, p. 23-33, Sept. 2005.

PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. **Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos.** REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. [online]. vol.21, n.41, pp.117-138. 2013.

POMBO, París. **Externalización de las fronteras y bloqueo de los solicitantes de asilo en el norte de México.** REMHU, Rev Interdiscip Mobil Hum [Internet];30(64):101–16. 2022.

PROJETO MIGRANTES DESAPARECIDOS, da IOM, UN https://missingmigrants.iom.int/sites/g/files/tmzbdl601/files/publication/file/MMP%20Americas%20briefing%202022%20-%20ES_3.pdf

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Antropologia da globalização: circulação de pessoas, mercadorias e informações.** Série Antropologia, Brasília, p. 1-33, 2011.

ROSEN, Sarah. " **Trump Got His Wall, It Is Called Title 42"; the Evolution and Illegality of Title 42's Implementation and Its Impact on Immigrants Seeking Entry into the United States.**" *Northeastern University Law Review*, 14. 2022.

SALES, T. **A legitimidade da condição clandestina.** *TRAVESSIA - Revista Do Migrante*, 11(30), 13–16. 1998.

SASSEN, Saskia. **Contrageografías de la Globalización: género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos.** Madri: Traficantes de Sueños, pp. 41-66. 2003.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Edusp, 1998.

SAYAD, Abdelmalek, La double absence. **Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré**, Paris, Seuil, 1999.

SILVA, M. A. M.; MENEZES, M. A. **Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões**. Brasília: Nead, 2008.

SLACK, Jeremy. **Deported to Death: How Drug Violence Is Changing Migration on the US–Mexico Border**. 1st ed., University of California Press, 2019.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques**. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1998.

STUMPF, Juliet. **The Crimmigration Crisis: Immigrants, Crime, and Sovereign Power**. American University Law Review 56, no.2: 367-419. 2. 2006.

TICKTIN, M.. **Casualties of Care: Immigration and the Politics of Humanitarianism in France** (1st ed.). University of California Press. 2011.

UNITED STATES. Department of Homeland Security. **2018 Yearbook of Immigration Statistics**. Washington, D.C.: U.S. Department of Homeland Security, Office of Immigration Statistics, 2019

_____. Department of Homeland Security. **2021 Yearbook of Immigration Statistics**. Washington, D.C.: U.S. Department of Homeland Security, Office of Immigration Statistics, 2022.

_____. Department of Homeland Security. **2022 Yearbook of Immigration Statistics**. Washington, D.C.: U.S. Department of Homeland Security, Office of Homeland Security Statistics, 2023.

_____, Department of Homeland and Security. **Southwest Land Border Encounters. 2024** <https://www.cbp.gov/newsroom/stats/southwest-land-border-encounters>

_____. Department of Homeland and Security. **Population Estimates of the Unauthorized Immigrant Population Residing in the United States: January 2018–January 2022**. 2023.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura – notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Projeto e metamorfose – antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

WATERS, Jared. BATALOVA, Jeanne. **Brazilian immigrants in the United States**. Migration policy institute. August 04, 2022.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century**. New York: Academic Press, pp. 229-233. 1976.

ANEXO I



Consulado Geral dos Estados Unidos da América
Av. Presidente Wilson 147, Centro, Rio de Janeiro
CEP 22030-020

Prezado/a Solicitante,

Informamos que você foi considerado inelegível para receber um visto de não-imigrante de acordo com os termos da Seção 214(b) da Lei de Imigração e Nacionalidade dos Estados Unidos. Uma recusa pela Seção 214(b) significa que você não demonstrou que suas atividades nos Estados Unidos estariam de acordo com a classificação do visto de não-imigrante que você solicitou.

Apesar de cada classificação de visto de não-imigrante ter seus próprios requisitos, um dos requisitos comuns em muitas das categorias de visto de não-imigrante é o de que o solicitante demonstre que ele/a tenha residência em um país estrangeiro que ele/a não pretenda abandonar. Solicitantes normalmente preenchem esse requisito demonstrando que possuem fortes vínculos fora dos Estados Unidos, que indiquem que eles retornarão para um país estrangeiro após visita temporária aos Estados Unidos. Tais vínculos podem ser profissionais, de trabalho, escolares, familiares ou conexões sociais com um país estrangeiro. Você não demonstrou que possui vínculos que o farão retornar ao seu país de residência após sua viagem aos Estados Unidos.

Esta decisão não pode ser contestada. No entanto, você pode fazer uma nova solicitação de visto a qualquer momento. Se desejar fazer uma nova solicitação, você deverá preencher um novo formulário de solicitação de visto, apresentar uma nova foto, pagar uma nova taxa de solicitação e fazer um novo agendamento para ser entrevistado por um oficial consular. Caso deseje fazer uma nova solicitação, você deverá estar preparado para fornecer informações que não foram apresentadas em sua solicitação anterior, ou então demonstrar que sua situação mudou desde a última solicitação.

Atenciosamente,

Oficial Consular

ANEXO II



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa “Trajetórias e significados da migração internacional irregular entre brasileiros do Vale do Rio Doce”. O objetivo geral desta pesquisa é analisar os processos migratórios irregulares de brasileiros originários da região do Vale do Rio Doce, a partir das trajetórias de vida de emigrantes entrefolhenses no Brasil e no exterior.

Caso você concorde em participar é preciso esclarecer que a pesquisa emprega técnicas de pesquisa qualitativa que envolvem a aplicação de questionários, entrevistas, e observação. A realização de entrevistas para a produção de dados envolve riscos mínimos aos participantes, os riscos, no entanto, devem ser sinalizados e exigem o gerenciamento adequado, de acordo com o item V da resolução CNS 466/12, que trata dos riscos e benefícios da pesquisa. Após a criteriosa avaliação encontramos entre possíveis inconvenientes o cansaço ou aborrecimento ao responder questionários, o desconforto ou constrangimento frente a gravações de áudio, e alterações na autoestima devido à evocação de memórias. O pesquisador é familiarizado com o método de coleta dos dados, e se compromete a permanecer atento a possíveis sinais verbais e não verbais de desconforto dos entrevistados, tomando precauções para a minimizar danos dessa natureza. A interferência na rotina dos sujeitos é também uma preocupação, assim como a resposta a questões delicadas, como atos ilegais, que podem causar desconforto e temor de exposição, desta forma é garantido o sigilo em relação as suas respostas, e respeito aos valores, cultura e crenças, dos participantes; reitero que as informações serão tidas como confidenciais e utilizadas apenas com fins científicos.

A quebra de sigilo, diz respeito a possibilidade de veiculação inautorizada do conteúdo discutido junto ao pesquisado, ou identificação individual dos pesquisados, tipo de violação que compromete a integridade da pesquisa. Com o objetivo de atenuar este risco, o pesquisador responsável manterá guarda adequada das informações coletadas, assumindo o compromisso de não publicar o nome dos participantes (nem mesmo as iniciais) ou qualquer outra forma que permita a identificação individual. Após a conclusão da etapa de coleta de dados, como forma de mitigar riscos relacionados a confidencialidade do material, o responsável realizará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”.

Se o senhor (a) aceitar participar da pesquisa, contribuirá para produção de um trabalho de resgate das condições de vida que afetam a vida no Vale do Rio Doce; ao analisar fatores significantes para a migração, estimulamos não apenas a discussão acerca da saída como também a discussão sobre as condições de permanência experimentada nos municípios desta região, da possibilidade de investimentos e da mobilização de recursos para a melhoria da qualidade de vida na própria localidade. Ao pensar o migrante, tratamos de questões próprias do debate antropológico como os grandes deslocamentos populacionais e a inclusão de novos agentes que afetam o objeto, no entanto produzimos em conjunto com a população local a reflexão sobre território e projeto; dimensões que precisam ser melhor exploradas para a construção de alternativas de desenvolvimento regional.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, a proteção dos participantes de pesquisa do

Brasil. Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br

ANEXO III



pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: Mário Henrique de Campos Ramalho
Campus Universitário da UFJF
Faculdade/Departamento/Instituto: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas
CEP: 36036-900
Fone: 32 98868 7221
E-mail: camposeramalho@gmail.com

Rubrica do Participante de pesquisa ou responsável: _____
Rubrica do pesquisador: _____

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do

Brasil. Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br

ANEXO IV

***Termo de Confidencialidade e Sigilo***

Eu Mário Henrique de Campos Ramalho, responsável pelo projeto de pesquisa intitulado **Trajetórias e significados da migração internacional irregular no Vale do Rio Doce**, declaro cumprir com todas as implicações abaixo:

Declaro:

- a) Que o acesso aos dados registrados em entrevistas com os participantes ou em bases de dados para fins da pesquisa científica será feito somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética;
- b) Que o acesso aos dados será supervisionado por uma pessoa que esteja plenamente informada sobre as exigências de confiabilidade;
- c) Meu compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados preservando integralmente o anonimato e a imagem do participante, bem como a sua não estigmatização;
- d) Não utilizar as informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro;
- e) Que o pesquisador responsável estabeleceu salvaguardar e assegurar a confidencialidades dos dados de pesquisa;
- f) Que os dados obtidos na pesquisa serão usados exclusivamente para finalidade prevista no protocolo;
- g) Que os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado, os quais serão mantidos em sigilo, em conformidade com o que prevê os termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, assino este termo para salvaguardar seus direitos.

Nome do Pesquisador Responsável: Mário Henrique de Campos Ramalho
 Campus Universitário da UFJF
 Faculdade/Departamento/Instituto: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas
 CEP: 36036-900
 Fone: (32)98868 7221
 E-mail: camposeramalho@gmail.com

Juiz de Fora 17 de maio de 2024.

Assinatura

Nome do pesquisador responsável

CEP/UFJF - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
 Campus Universitário da UFJF
 Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
 CEP: 36036-900
 Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propp@ufjf.br